



UNIVERSIDADE ABERTA
Departamento e Humanidades

PROFECIA
A HISTÓRIA DO FUTURO NA LITERATURA PORTUGUESA

Márcia Patrícia Lima Santana

Lisboa 2014



UNIVERSIDADE ABERTA
Departamento e Humanidades

PROFECIA
A HISTÓRIA DO FUTURO NA LITERATURA PORTUGUESA

Márcia Patrícia Lima Santana

Dissertação para a obtenção de grau de Mestre em Estudos
Portugueses Multidisciplinares

Orientação: Professora Doutora Isabel Maria de Barros Dias (Uab)

Lisboa 2014

Às minhas crianças do São Filipe,
porque “no céu há muita turbulência.”

“Milagres, profecias, sinais do céu,
eis onde lê Portugal os seus destinos.”

J. Lucio D’Azevedo,
A Evolução do Sebastianismo,
1918, p. 102.

Agradecimentos

À minha avó que me iniciou no mundo das histórias da Bíblia; à minha orientadora, Isabel Barros Dias, por ter sempre uma crítica construtiva para fazer; à Ana pelo seu apoio e confiança; à Sofia Diniz Valente e Ângela Gonçalves pelas conversas e correções; à Guida Felicidade, Margarida Quítalo, Susana do Vale e Vera Camacho por me escutarem; à minha mãe pelas notas que me enviava sobre a Bíblia; aos meus verdadeiros mestres; à direção do Colégio São Filipe (2011-13), que permitiu a minha dedicação ao mestrado e aos meus irmãos que me roubaram a atenção para outras coisas.

Resumo

Esta dissertação aborda a evolução da literatura profética desde a Idade Média até ao século XX, focando a personagem Merlim e autores como Bandarra, o padre António Vieira e Fernando Pessoa. Procuramos analisar o impacto que estes vultos tiveram na cultura portuguesa, assim como os pontos altos da literatura profética dentro do *imaginarium* lusitano. Por outro lado, focamos a aparição de Fátima, ligada à Igreja Católica Apostólica Romana, que atingiu uma grande notoriedade, tanto dentro como fora do nosso país, sendo um exemplo da importância que as visões e as profecias alcançam no âmago da identidade lusa. Este trabalho foca igualmente o caso *Mórmon*, menos conhecido em Portugal, mas que faz uso do profetismo e de questões relacionadas com o Quinto Império no proselitismo d'A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

Para além de explorarmos as diversas profecias e mitos que se tornaram parte integrante da nossa História, procuramos estabelecer um paralelo com as histórias bíblicas e com o desenvolvimento do sebastianismo, que se foi incrustando na alma portuguesa e se associando aos mais diversos prenúncios.

Palavras-Chave: profecias, profetas, igreja, bíblia, sebastianismo

Abstract

This thesis traces the evolution of the prophetic literature between the Middle Ages and the 20th century. We centre our attention on Merlim (the character) and authors like Bandarra, Priest António Vieira and Fernando Pessoa. We analyse their influence on the Portuguese culture and the highest moments of the prophetic literature inside the Lusitanian imaginary. On the other hand we focus our attention on Fátima's apparition linked to the Catholic Apostolic Church, which reached a great notoriety in and out of Portugal. This event is an example of the importance of visions and prophecies allied to the Portuguese identity. The present work also talks about the Mormon case, less known in Portugal but which emphasises a prophetic approach linked to the Fifth Empire on The Church of Jesus Christ of the Latter-day Saints' preach.

Besides exploring the different myths and prophecies that became part of our History, we try to establish links between stories from the Bible and the growth of Sebastianism, which is ingrained in the Portuguese soul and connected to different predictions.

Keywords: prophecies, prophets, church, bible, sebastianism

Índice

Títulos	Pág.
1. Introdução.....	9
2. Profecia anterior a 1500.....	11
2.1 A literatura Artúrica e a sua introdução na Península Ibérica.....	11
2.2 Merlim: de druida a profeta.....	15
3. Profecia posterior a 1500.....	25
3.1 O profeta Gonçalo Annes Bandarra.....	25
3.2 Padre António Vieira e a <i>História do Futuro</i>	42
4. Profecia Moderna e Contemporânea.....	65
4.1 Fernando Pessoa e <i>O Encoberto</i>	65
4.2 As Aparições de Fátima.....	92
4.3 O caso Mórmon e a sua influência em Portugal.....	99
5. Conclusão.....	104
Bibliografia.....	108
Anexos.....	113

1. Introdução

Segundo São Tomás de Aquino:

La profecía consiste, secundariamente, en una locución, en cuanto que los profetas anuncian, para edificación de los demás, las cosas que conocen por revelación de Dios [...].

Aquino 1994: 577

A palavra profecia está carregada de simbolismo e na língua portuguesa é facilmente associada ao cristianismo e às histórias bíblicas presentes na nossa memória coletiva.

O presente trabalho debruçar-se-á sobre alguns *vaticínios* existentes em textos literários portugueses ou conhecidos em Portugal, sobre os autores e/ou personagens que, nas suas épocas, foram considerados *profetas*, tendo veiculado profecias nos seus escritos ou que estão associados a alguns textos de carácter profético.

A dissertação que nos propomos desenvolver será dividida em três partes:

- Profecia anterior a 1500
- Profecia posterior a 1500
- Profecia Moderna e Contemporânea

Os principais textos usados inscrevem-se no domínio da literatura profética e será traçado um paralelo com as diversas histórias bíblicas que poderão, ou não, ter inspirado a escrita destas obras que procuravam prever eventos futuros, o que aconteceu, em parte, de acordo com a evolução da cristianização.

Ao refletirmos sobre o vocábulo *profeta*, associamos à palavra a capacidade de prever o futuro, o que poderia ter como consequência evitar catástrofes ou desastres.

A tradição greco-latina também integra a ideia de profecia, nomeadamente com Tirésias e os oráculos. Este adivinho de Tebas perdeu a

visão, facto que se atribui a diversos acontecimentos (Souza 2009: 68), contudo, apesar de cego, continua a profetizar.¹ É relevante referir a riqueza do manancial presente na literatura greco-latina, porém, nesta monografia, será considerada fundamentalmente a tradição bíblica.

Procurai o amor e aspirai aos dons do Espírito, mas sobretudo ao da profecia. [...] O que profetisa fala aos homens para os edificar, exortar e consolar. [...] Quem profetisa edifica a assembleia. (I Coríntios 14:1-4)

Muitos dos versículos da Bíblia exploram temas relacionados com *profetas*, *profecias* e *revelações*, traçando o perfil dos *mensageiros* de Deus (II Crónicas 36:15) e apontando as características das advertências por eles transmitidas.

O profeta deveria ser um homem inspirado pelo espírito de Deus, para testemunhar sobre Jesus Cristo (Apocalipse 19:10) em prol do povo e para o «bem comum», procurando «edificar, exortar e consolar» (I Coríntios 12:10 e 14:1-4). O dom da profecia materializar-se-ia num dever altruísta, o de informar a população sobre os segredos de Deus: “Porque o Senhor Deus nada faz sem revelar o seu segredo aos seus servos, os profetas.” (Amós 3:7)

Deus manifestar-se-ia através de sonhos e visões (Cf. Números 12:6) e os profetas/videntes teriam o dever de transmitir a lei ao povo², mesmo que isso fizesse com que fossem perseguidos e “escarnecidos”, como narram as histórias bíblicas. Essas mesmas histórias referem-se, muitas vezes, aos israelitas como um povo desobediente e que mereceu, em diversos momentos, os castigos que foram enviados sobre eles (Cf. II Crónicas 36:15-16).

A Bíblia alerta, muitas vezes, para a existência de falsos profetas (Cf. Mateus 24:11) e a existência de videntes é sempre muito contestada, questionando-se a autenticidade daqueles que profetizam em nome de Deus, tal como ilustra a situação vivida por Moisés e Josué, em Números 11:26-29.

¹ O Velho Testamento possui, igualmente um profeta cego, que continua a profetizar: “A esposa de Jeroboão assim fez. Levantou-se e foi a Silo, à casa de Aías [o profeta]. Ele já não conseguia ver; por causa da velhice, os seus olhos tinham paralisado.” (1Reis 14:4)

No capítulo referido anteriormente, o profeta Aías prediz a morte do filho de Jeroboão (ver 1Reis 14:1-20).

² “ [...] Observai fielmente a lei que prescrevi a vossos pais e que vos transmiti pelos meus servos, os profetas.” (2Reis 17:13)

Nestes versículos, Eldad e Medad profetizavam no acampamento e um rapaz corre a avisar Moisés, dando ao leitor a ideia de que o faziam sem autorização, uma vez que Moisés era o profeta “oficial”. No entanto, Moisés indicou que os dois homens o faziam pelo “espírito do Senhor”, aprovando as suas ações.³

Estas poucas palavras servem de ponto de partida para as profecias que serão focadas mais à frente e os emissores que as transmitiram, tanto oralmente como por escrito, tendo sido mais ou menos contestados pelos homens e mulheres do seu tempo. Porém, as predições dos videntes foram, por vezes, aproveitadas pelos mais poderosos, de modo a legitimar determinadas ações que marcaram a História, encontrando, por isso, justificações na literatura profética.

2. Profecia anterior a 1500

Este ponto incidirá sobretudo sobre as profecias de Merlim, mas será fundamental fazer-se uma contextualização, de modo a evidenciar-se a importância da literatura artúrica na Península Ibérica e a sua consequente presença na cultura peninsular.

2.1 A literatura artúrica e a sua introdução na Península Ibérica

A história britânica espelhava-se nas lendas transmitidas oralmente, que constituíam as narrações sobre os bretões e as genealogias dos nobres celtas e saxónicos (Cf. García y Gradín 2001: 13). Em 1138, Geoffrey de Monmouth terminou a redação da *Historia Regum Britanniae* (texto em latim) que foi

³ “Dois desses homens tinham ficado no acampamento. O nome de um era Eldad e o nome do outro era Medad. O espírito desceu também sobre eles, porque estavam entre os inscritos, embora não tivessem ido para a tenda, e começaram a profetizar no acampamento. Um rapaz, porém, correu a anunciar isso a Moisés: «Eldad e Medad estão a profetizar no acampamento.» Então Josué, filho de Nun, servo de Moisés desde a juventude, ripostou: «Moisés, meu Senhor, não lho consintas.» Respondeu-lhe Moisés: Tens ciúmes por mim? Quem dera que todo o povo do Senhor profetizasse, que o Senhor enviasse o seu espírito sobre ele!» (Números 11: 26-27)

parcialmente aceite nos ambientes mais cultos⁴ e que introduzia textos sobre Artur, um guerreiro celta que teria vencido muitas batalhas (Cf. García y Gradín 2001: 13).

Por outro lado, esta obra não foi recebida positivamente por todos os intelectuais, pois de acordo com William de Malmesbury, um elogiado historiador inglês, do século XII, os contos associados a Artur eram exclusivamente “fábulas e tradições inverosímeis” (García y Gradín 2001: 18). Ora, a obra de Monmouth atribuiu, assim, alguma credibilidade a Artur e fomentou o interesse sobre este guerreiro e as lendas a ele associadas, que foram sendo escritas e reescritas, de acordo com a imaginação e a inspiração dos homens.

O ciclo bretão, ou arturiano, foi introduzido na Península Ibérica a partir do século XII e muitos atribuem este acontecimento ao casamento da princesa Eleanora, filha de Henrique II, com Afonso VIII, de Castela, sendo que Eleanora de Aquitânia seria a grande patrona dos trovadores (Cf. Entwistle 1925: 33).

No final do século XIII, os textos arturianos já circulavam nas cortes ibéricas de Lisboa, Toledo e Pamplona (entre outras), dando lugar às traduções que começaram a ser feitas no decorrer da primeira metade do século XIV (idem, p. 33). Apesar de existir uma discussão entre os estudiosos sobre a prioridade portuguesa, comparativamente à dos reinos vizinhos⁵, essa questão não será abordada neste trabalho. Segundo a obra de William Entwistle, *The Arthurian Legend in the Literatures of the Spanish Peninsula*: “Unhappily most of the early Portuguese versions of the Breton Legends have been lost.” (idem, p. 17) De acordo com esta citação, é difícil apurar se as primeiras traduções feitas surgiram em castelhano ou em português, contudo é clara a influência da matéria de bretanha na cultura e, mais especificamente, na literatura ibérica. Segundo D. Henry Thomas:

Through the medium of the Provençal troubadours the Celtic legends reached Catalonia at an early date...But these legends also followed the

⁴ “De feito, a obra gozou dunha acollida moi favorable nos ambientes intelectuais, a pesar de ter suscitado a incrédula ironia dalgúns cronistas e a cautela doutros autores.” (García y Gradín 2001: 18)

⁵ “If the texts are insufficient to sustain the Portuguese thesis, still less can be demanded of the allusions. In respect of absolute priority, the entry in the *Anales Toledanos Primeros* anticipates all other Castilian or Portuguese citations by almost half a century; and the name of Alfonso X., who heads the list of allusions in the *Cancioneiros*, belongs impartially to either literature.” (Entwistle 1925: 25)

same route as the Charlemagne legends, and found an equally natural outlet in Galicia and Portugal, where there existed not only a flourishing school of lyric poetry, but also, we may assume, a kindred spirit [...]. (Entwistle 1925: 10-11)

No século XII houve um aumento do interesse pelo passado histórico, o que fez com que a crónica de Monmouth se tornasse sobejamente conhecida e que a matéria bretã se difundisse pelo ocidente europeu, através da dinastia anglo-normanda (Cf. García y Gradín 2001: 17). As histórias míticas sobre Artur foram sendo transmitidas e o famoso guerreiro passou a ser conhecido como um monarca inglês:

Co tempo, o antigo xefe dos bretóns, personificación do irredentismo céltico, passou a ser un monarca inglés e adornou a historia de Inglaterra coas súas míticas fazañas. (idem, p. 19)

Por sua vez, os trovadores bretões que visitavam as cortes francesas espalharam, facilmente, as histórias relacionadas com as façanhas de Artur, fazendo-o numa linguagem comum e não em latim, o que acontecia com a crónica *Historia Regum Britanniae* (Cf. idem, p. 19-20). Este aspeto facilitava a assimilação destas histórias que, a seu tempo, se entranhavam na memória coletiva e se adaptavam à cultura de alguns reinos europeus.

Após Geoffrey de Monmouth, outros retomaram temas relacionados com a matéria artúrica, caso de:

- Chrétien de Troyes – autor que escreveu vários romances, a partir de 1170 e que desenvolveu a matéria da bretanha, em verso: “A madurez da matéria artúrica prodúcese coa intervención de Chrétien de Troyes, escritor champañés ó que lle debemos catro romans desta temática [...]” (idem, p. 21)
- Robert de Boron – escritor que desenvolveu os romances em prosa, compondo os contos do primeiro ciclo, denominado *Petit Saint Graal*. As obras e os ciclos foram organizados pela crítica do seguinte modo:

- **Petit Saint Graal – final do século XII e início do século XIII**

Joseph d'Arimathie

Merlin

Perceval em Prose

- **Ciclo Vulgata/Lancelot-Graal – 1215 a 1230**

Lancelot en Prose (trilogia que integrava: *Livre de Lancelot du Lac* e *Queste del Saint Graal* e a *Mort Artu*)

Estoire del Saint Graal

Merlin

Suite-Vulgata

- **Ciclo Post Vulgata/ Roman du Graal– 1230 a 1240**

Estoire del Saint Graal

Merlin

Queste del Saint Graal

Resumo da *Mort Artu*

Tristan en prose

Palamedes (constituído por *Meliadus* e o *Guiron le Courtois*)

A difusão da literatura artúrica na Península Ibérica e mais concretamente em território português, fez-se de diversas maneiras, nomeadamente através do caminho de Santiago, por onde entravam as novas correntes culturais europeias e através de estreitas relações políticas e económicas, entre Portugal e o reino inglês, proporcionaram a introdução dos textos arturianos em terras lusas (García y Gradín 2001: 29).

Na verdade, a influência destes romances era visível nos próprios nomes que eram atribuídos aos bebés que nasciam: “*O mesmo poderíase dicir do nome Merlinus, rexistrado en Lisboa en 1190.*” (idem, p. 27).

Por outro lado, outros nomes, como “Galván”, “Artusius”, “Artús” ou “Galas”, foram encontrados em registos ibéricos, logo a partir do ano 1118.⁶

⁶ “[...] Num documento português de 1118 aparecem rexistrados os fillos de Odoário Guedaz cos nomes de Rolam e Galvam. Esta seria, xa que logo, a primeira proba documental dun nome artúrico no occidente peninsular.” (García y Gradín 2001: 27)

De forma a arrematar esta alínea, podemos concluir que a literatura artúrica foi-se imiscuindo no imaginário de cada reino, influenciando o seu dia-a-dia e a literatura em geral, sobrevivendo até hoje nas histórias que contamos, nas músicas que ouvimos e nos filmes que são produzidos, conquistando muitos admiradores, contudo verificamos que foi um processo demorado, tal como é descrito na citação subsequente:

O século XIV, como se observa, configúrase como etapa transcendental na difusión e asimilación da matéria de Bretaña na Península Ibérica. Se o XII supuxo a chegada dos motivos artúricos, e o XIII foi o século do seu espallamento e consolidación, o XIV debeu contemplar un salto cualitativo de grande importância [...] bem porque unha demanda cada vez maior por parte dun público que gañaba en heteroxeneidade obrigou á adaptación idiomática dos textos [...] (García y Gradín 2001: 36)

Após esta contextualização, é tempo de dar destaque a Merlim, às suas profecias e ao paralelismo que podemos traçar relativamente às histórias bíblicas, através da influência do cristianismo na literatura produzida nos reinos europeus.

2.2 Merlim: de druida a profeta

Merlim surge na história associado ao mundo celta, assumindo perante a História o papel de druida, característico dessa sociedade, num tempo em que as ilhas britânicas ainda não tinham conhecido o cristianismo.

Na Idade do Bronze ter-se-á acentuado a sacralização da natureza por parte dos celtas, dando espaço ao imaginário para criar bruxas, feiticeiros, duendes, fadas⁷, entre outros, o que influenciou os contos transmitidos oralmente e, futuramente, as obras escritas.

Os celtas tinham uma “classe sacerdotal especializada”⁸, constituída por xamãs, druidas, conselheiros e adivinhos. Na verdade, a sociedade celta era constituída por castas e a referida classe intelectual compunha o segundo patamar (Ellis 2003: 47). De acordo com os historiadores gregos, Estrabão e Diodoro, a classe intelectual gaulesa estava dividida em:

⁷ Informações retiradas do programa “O Legado Celta”, no Canal História, a 12 de fevereiro de 2013.

⁸ Idem.

- Bardos – cantores e poetas.
- Vates – filósofos naturais que realizavam sacrifícios.
- Druidas – detentores de um grande conhecimento. (Ellis 2003: 48,50)

Os druidas dispunham de uma grande influência política, sendo que os reis recorriam à sua sabedoria, pedindo conselhos e orientação (idem, p. 56-57), nomeadamente no momento de se planearem as batalhas: “[...] the Druids [...] they are believed to be the most just of men, and are therefore entrusted with the decision of cases affecting either individuals or the public [...]. Estrabão, *Geographia* (idem, p. 50)

Esta classe, própria da sociedade celta, não se distancia dos profetas bíblicos, tanto nas suas características, como nas suas funções, uma vez que os druidas “oficiavam a adoração dos deuses; regulavam os rituais de sacrifício, tanto públicos como privados e davam instruções em todas as questões religiosas.” (idem, p. 51)⁹ Por conseguinte, todos os aspetos enunciados estão associados ao sacerdócio e aos deveres inerentes aos profetas do Velho Testamento, tal como acontecia, designadamente, com o profeta Samuel.¹⁰

É necessário referir que os druidas eram os guardiães da tradição oral dos celtas, razão pela qual muitas das histórias irlandesas persistem até hoje (Cf. idem, p. 55). Por outro lado, apesar de serem vistos, muitas vezes, como inimigos do cristianismo, em parte por estarem associados à magia (Cf. idem, p. 53), os druidas acabaram por “absorver os valores cristãos”, contribuindo para o modo muito próprio que caracterizou os celtas na sua vivência da fé cristã, mais especificamente na Gália, na Britânia e na Irlanda (idem, p. 58). “The Celtic population had developed their own form of Christianity and its ideas and customs were firmly based on their own cultural expression.” (idem)

O contexto traçado anteriormente constitui o quadro mental onde surge a figura de Merlim. Seguidamente será abordado o profeta, com as suas

⁹ Tradução livre.

¹⁰ “Disse também Samuel: «Convocai todo o Israel em Mispá, e eu rogarei por vós ao Senhor.» [...] Disseram a Samuel: «Não cesses de clamar por nós ao Senhor nosso Deus, para que nos livre das mãos dos filisteus.» Samuel tomou um cordeiro ainda de leite, ofereceu-o inteiro em holocausto ao Senhor por Israel e o Senhor ouviu-o.” (I Samuel 7: 3-9)

características de sacerdote e conselheiro, originário do arcaico druida, proveniente da sociedade celta, conforme acabámos de referir. A estas particularidades vão acrescer os valores cristãos.

Ora, apesar de os druidas terem assimilado os valores cristãos, Merlim não poderia surgir na literatura como um mágico ou um feiticeiro, desta feita os autores encarregaram-se de o “cristianizar”, designando-o profeta e atribuindo-lhe as suas características e capacidades intrínsecas.

Muitas lendas e histórias estão associadas a Merlim, no que diz respeito tanto ao imaginário celta como ao cristão. A dissertação de Diogo dos Santos Silva, com o título *Rex Quondam, Rexque Futurus: Sobre a Essência Divina dos Heróis*, refere o autor Geraldo de Gales (Silva 2007: 83), tendo o mesmo relatado a existência de dois “Merlins” que se fundiram e que deram lugar a um terceiro “Merlim”, que se tornou o “profeta e conselheiro do Rei Artur” (idem, p. 83). O primeiro, **Merlinus Ambrosius**, “filho de um íncubo,¹¹ descoberto em Carmathen”, fez as suas profecias na Colina de Ambrosius, “enquanto Vortigern era rei” (idem, p. 83). O segundo, **Merlinus Silvester** ou **Celidonius**, veio da Escócia, profetizava na Floresta da Caledónia, viveu nos tempos de Artur (sem o conhecer) mas acabou por enlouquecer e se refugiar nos bosques, depois de ter visto um monstro horrendo (idem, p. 83, 89).

Estas várias lendas acabaram por se concentrar numa só personagem: o profeta Merlim, que juntava o saber dos antigos druidas e o dos bardos (idem, p. 87).

Ainda na monografia de Diogo Silva, o autor cita que a *História dos reis da Bretanha*, de Geoffrey de Monmouth, referia Merlim como um menino sem pai, um “meio-humano”, filho de um íncubo com uma mulher, o que deixava algum espaço para uma lenda que não tinha ainda sido cristianizada (idem, p. 87).

Por sua vez, na obra de Robert Boron, Merlim surge como consequência de um plano, elaborado pelos demónios da mitologia cristã, que decidem criar um “avatar” para ser colocado entre os homens. Deste modo, o Demónio engana uma mulher religiosa, que acaba por ter um filho com a capacidade de

¹¹ “Íncubo: demónio que, segundo as crenças populares, assumia a forma masculina e tinha relações sexuais com as mulheres enquanto elas dormiam.” (In Dicionário da Língua Portuguesa 2004, Porto Editora)

ver o passado e o presente. Com o intuito de manter um certo equilíbrio, Deus dá à criança o poder de conseguir ver o futuro. Assistimos, assim, à “cristianização do mito”, mas mantendo ainda Merlim entre o “divino” e o “oculto” (Silva 2007: 88, 90).

De acordo com a dissertação de Diogo dos Santos Silva surge ainda um terceiro Merlim, aquele que se evidenciou, assinaladamente, na obra *Mort Artu* e que passou a acompanhar o rei Artur (Cf. idem, p 89):

Merlin, tanto no grande épico arthuriano de Malory, *Le Morte d'Arthur*, quanto na Vulgata Francesa, é visto como um feiticeiro, um sábio e além de tudo um profeta capaz de ver o passado e o presente. O seu papel na corte se assemelha muito aos dos antigos druidas dos épicos irlandeses, cujas palavras nunca poderiam deixar de ser ouvidas com atenção pelos reis a quem eram destinadas. (idem, p. 90)

Daí em diante, após ter recebido os seus dons, “conhecimento” e “memória”, de Deus (idem, p. 92-93), Merlim passou a ser visto como um guia do rei Artur, estando ao lado do monarca de modo a poder aconselhá-lo, tal como o profeta Samuel predizia os mais diversos acontecimentos, procurando auxiliar o rei Saúl e o povo de Israel (Cf. I Samuel 9 e10).

Na minha opinião, mais do que enumerar os Merlins que existiram ao longo da História, é fundamental observar a evolução desta figura e a sua maturação como personagem cristã. Como já foi citado anteriormente, Merlim passou a ser visto como um membro da corte, alguém que profetizava sobre os adventos futuros, dom recebido de Deus, tal como nos dias da Bíblia¹², de forma a colaborar com o rei Artur nas suas deliberações.

De acordo com o texto de Maria Teresa Montes, a figura de Merlim foi sendo construída por etapas: Geoffrey de Monmouth descreve Merlim como um eremita, imortal e bem-humorado; Robert de Boron incorpora a cristianização e introduz Merlim na corte do rei Artur; Thomas Malory constrói um Merlim bondoso, sábio e brincalhão (Montes 2011: 7, 12).

¹² De forma a ilustrar a relação entre o profeta Samuel, o profeta, e Saúl, o futuro rei, podemos ler o seguinte excerto: “«[...] Mas tu, [Saúl] detém-te aqui, pois quero comunicar-te hoje o que disse o Senhor.»” (I Samuel 9:27)

Ao focarmo-nos no Merlim construído a partir de Robert de Boron (no final do século XII), este autor desenvolve o tema sobre o Cálice Sagrado/Santo Graal (Carrelo 2011: 15), procurando substituir o caldeirão mágico do druida, pelo referido cálice, o que comprova a cristianização do tema. Assistimos, por isso, a mais uma reapropriação “da mitologia (ou *fábula*) pagã pelo discurso canónico da Igreja” (idem, p. 3). Na verdade, os fragmentos de mitologia que foram sobrevivendo transformaram-se numa “estrutura narrativa renovada”, o que deu origem à literatura medieval (Montes 2011: 9) e isso é visível em Merlim como personagem profética, pois já não poderia ser chamado de mago, druida, bruxo ou feiticeiro, uma vez que a gnose, o conhecimento que possuímos interiormente e que nos é inerente, teria de vir necessariamente de Deus, de modo a ser legitimado pela Igreja Medieval (idem, p. 10).

No meu ponto de vista, podemos ainda estabelecer um paralelo entre Merlim e João Baptista, primo de Jesus Cristo. Segundo os Evangelhos, João Baptista teria sido predestinado a preparar o caminho de Cristo¹³, sendo visto por muitos como um profeta, apesar de o próprio indicar: “E pregava assim: «Depois de mim vai chegar outro que é mais forte do que eu, diante do qual não sou digno de me inclinar para lhe desatar as correias das sandálias [...]» (Marcos 1: 7)

O próprio anúncio do nascimento de João acontece de uma forma milagrosa: Zacarias, um homem já velho, casado com uma mulher igualmente idosa e estéril, recebe, dentro do santuário do Senhor, uma revelação. Um anjo, de nome Gabriel, aparece-lhe e informa-o de que a sua esposa dará à luz um filho, de nome João, que será “grande diante do Senhor”.¹⁴ Zacarias duvida da palavra do anjo e alega que tanto ele com a esposa têm uma idade avançada, por isso Gabriel diz-lhe: “Vais ficar mudo, sem poder falar, até ao dia em que tudo isto acontecer, por não teres acreditado nas minhas palavras, que se cumprirão na altura própria.” (Lucas 1: 20)

¹³ “Eu baptizei-vos em água, mas Ele há-de baptizar-vos no Espírito Santo.” (Marcos 1:8)

Para uma melhor percepção da missão de João Baptista ver: Mateus 3:1-6, 13-17 e Marcos 1:1-11.

¹⁴ Esta história encontra-se em Lucas 1: 5-20.

A conduta de João Baptista, em adulto, pode ser associado à figura de um profeta, tanto na forma de vestir, como de comer ou de falar,¹⁵ e as suas palavras eram muito consideradas por quem as ouvia, no entanto os seus ensinamentos tiveram um impacto inferior, comparativamente aos de Cristo.

O batismo de Jesus, feito por imersão, pelas mãos do seu primo, nas águas do rio Jordão, pode ser considerado um ritual iniciático, do qual Jesus ressurgiu preparado para encetar os seus trabalhos de pregação.¹⁶

De acordo com a obra *Os Cavaleiros da Távola Redonda*, de Thomas Malory¹⁷ (uma obra tardia, do século XV, e portanto mais sujeita à cristianização), Artur é educado por Merlim e, mais tarde, tal como profetizado¹⁸, consegue retirar a espada que estava presa na pedra quadrada e o isso distingue-o como legítimo rei – rito iniciático.

Jesus Cristo chama os seus apóstolos e Artur senta-se à volta da Távola Redonda com os seus cavaleiros, Cristo é chamado de “rei dos reis”¹⁹ e Artur, segundo a obra de Malory, assume igualmente essa posição, sendo visto como um monarca humilde e caridoso, algo que se esperava de um bom cristão (Malory 1995: 14). Ao continuarmos com este paralelismo, Cristo foi traído por Judas e Artur por Lancelote, o que havia sido previsto em profecias anteriores²⁰.

Por último, assim como João Baptista, que recebe a morte devido ao desejo caprichoso de uma mulher, Herodíade (Cf. Marcos 6: 17-28), Merlim é enterrado vivo pelas mãos da jovem Niviana (a Donzela do Lago), como é indicado na obra *El Baladro del sabio Merlin* (Casais 2005: 7).

¹⁵ “João trazia um traje de pelos de camelo e um cinto de couro à volta da cintura; alimentava-se de gafanhotos e mel silvestre.” (Mateus 3: 4)

“João veste-se e alimenta-se à maneira dos profetas, em particular de Elias” in *Bíblia Sagrada*, Difusora Bíblica 2009, pp. 1568, nota 3-4.

¹⁶ “Por aqueles dias, Jesus veio de Nazaré da Galileia e foi baptizado por João no Jordão [...] Depois de João ter sido preso, Jesus foi para a Galileia, e proclamava o Evangelho de Deus [...]” (Marcos 1: 9, 14)

¹⁷ Adaptação para o português de Ana Maria Machado, disponível em: <http://www.fag.edu.br/fagcoc/online/livro6.pdf>

¹⁸ “Aquele que conseguir tirar esta espada desta pedra e da bigorna é o legítimo rei de Inglaterra.” (Malory 1995: 7)

¹⁹ “Leva também escrito no seu manto e no lado um título: «Rei dos reis e Senhor dos Senhores.»” (Apocalipse 19: 16)

²⁰ Em Zacarias 11: 12-13 é referido o preço pelo qual Jesus Cristo seria traído: “trinta siclos de prata”, o preço de um escravo.

“Merlin tentou dissuadir o rei desse casamento, pois, como podia prever o futuro, sabia que Guinever se apaixonaria por Sir Lancelote, o Cavaleiro do Lago, e ele por ela.” (Malory 1995: 13)

João Baptista acusa Herodes de ter, com a mulher do seu irmão, Herodíade, uma relação adúltera. Herodíade mostra um desejo de vingança pelo profeta e consegue que este seja assassinado (Marcos 6: 18-28). No caso de Merlim, ele recebe um castigo por demonstrar desejo carnal pela jovem Niviana (Casais 2005:7,10), o que faz com que ele perca parte do seu dom profético, uma vez que deixa de o poder usar em benefício próprio (idem, p. 11). A morte destes dois videntes está, portanto, associada a questões relacionadas com pecados sexuais,²¹ ainda que de índole diversa.

Curiosamente, nem João Baptista nem Merlim conseguem prever e evitar as suas mortes, “assumindo o que o destino lhes reserva” e adotando um papel de “joguete nas mãos de forças superiores” (García y Gradín 2001: 125).²²

Na obra *El Baladro del Sabio Merlin* (impresso em Burgos, em 1498) lemos que Merlim “recebeu o seu dom por intervenção divina” e que “sabe apenas o que Deus lhe revela” (Casais 2005: 4)²³. No texto, Merlim faz algumas declarações proféticas com o objetivo de comprovar a sua legitimidade como profeta, demonstrando ter recebido o seu dom de Deus, no entanto amou Niviana e, por ser filho do Diabo, desejou a sua virgindade, que ela havia oferecido a Deus (Alvar y Megías 2001: 3). Como já foi referido anteriormente, a Donzela do Lago aprisionou Merlim dentro de um “monumento” (idem, p. 3), realizando alguns “encantamentos”, que lhe haviam sido ensinados por Merlim (idem).

Ao ser encontrado por Bandemagus, Merlim diz-lhe que foi traído por Niviana e faz algumas profecias sobre o grande cavaleiro Tristão, que havia de nascer; sobre a ascensão e queda da Távola Redonda; sobre o fim do reinado de Artur e sobre um combate que o próprio Bandemagus iria travar (idem, p. 4-7). Durante a conversa travada entre Merlim e o seu interlocutor, o profeta vai soltando gritos de dor (*baladros*), até que cessa de falar (idem, p. 7). No dia

²¹ No caso de Sansão, o homem que possuía cabelos compridos, após a insistência por parte de uma mulher sedutora (Dalila), ele acabou por contar que a sua força se devia aos seus longos cabelos, o que fez com as suas tranças fossem cortadas e Sansão perdesse a sua força. (Cf. Juízes 16)

²² Jesus Cristo profetizou perante Pedro que este o negaria por três vezes, antes que o galo cantasse duas vezes, no entanto Pedro não conseguiu evitar essa situação e negou o seu Senhor, realizando a profecia. (Cf. Marcos 14:66-72)

²³ Tradução livre.

seguinte, surgem relâmpagos e escuridão, reflexo do sofrimento de Merlim:²⁴ “Entonces vino un gran tronido con relámpagos e piedra e agua e escuridad tan grand que parecía noche escura.” (Alvar y Megías 2001: 7)

Neste clima negro e assustador, Merlim fala com a voz do diabo e enceta um monólogo em que pede para ir para o Inferno. O profeta acaba por morrer, com um grito muito doloroso (idem, p. 8), num ambiente de trevas – um fim triste e surpreendente para um homem de tal notoriedade.

Bandemagus, por sua vez, chega até junto da sua donzela, desfigurado (Cf. idem, p. 8), algo comum junto de quem observava acontecimentos extraordinários e miraculosos, tal como acontecia com Moisés, quando falava com Deus.²⁵

Merlim morre após soltar um grande bramido, tal como “os celtas sopravam fortemente no corno, quando alguém morria, e o povo soava o *abellon* (som gutural que lembra o som de um zangão), de modo a chamar os espíritos dos antepassados”²⁶. Do meu ponto de vista, esta é uma herança da cultura celta, de onde originam os contos fantásticos sobre o druida *Merlinus*.

Por outro lado, assistimos nestas histórias à existência do “maravilhoso/sobrenatural”, segundo a mescla de três vertentes:

- *Mirabilis* – maravilhoso de origem pré-cristã.
- *Magicus* – sobrenatural satânico.
- *Miraculosus* – sobrenatural cristão.²⁷

Os pontos enumerados contribuem para o enriquecimento de personagens como Merlim, que importam aspetos relacionados com lendas antigas, ligadas ao maravilhoso pré-cristão, mas que depois sofrem uma

²⁴ No momento da morte de Jesus Cristo, aconteceu algo semelhante: “Por volta do meio-dia, as trevas cobriram toda a região até às três horas da tarde. O Sol tinha-se eclipsado e o véu do templo rasgou-se ao meio. Dando um forte grito, Jesus exclamou: «Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito.» Dito isto, expirou. (Lucas 23:44-46)

²⁵ “Moisés desceu do monte Sinai, trazendo na mão as duas tábuas do testemunho. Não sabia, enquanto descia o monte, que a pele do seu rosto resplandecia, depois de ter falado com Deus.” (Êxodo 34:29)

²⁶ Informações retiradas do programa “O Legado Celta”, no Canal História, a 12 de fevereiro de 2013.

²⁷ Ideias baseadas nas palavras de Jacques Le Goff, retiradas do texto: “Romances ou novelas de cavalaria em Portugal e o Amadis de Gaula”, PUC-RIO – Certificação Digital Nº 0821117/CA, pp. 2, 3, disponível em: http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0821117_2011_cap.6.pdf.

cristianização, proveniente dos ideais impostos pela Igreja, situação que dominou a Idade Média e, conseqüentemente, a literatura.

Relativamente às profecias de Merlim em concreto, o autor Geoffrey of Monmouth refere-se a elas na sua obra *The History of the Kings of Britain*, interrompendo a sua narrativa e escrevendo-as, a pedido do bispo Alexandre, bispo de Lincoln. A narração tem início com uma batalha entre dois dragões, um branco e outro vermelho, sendo que “Vortigern, King of the Britons” pede a Merlim que o esclareça sobre o significado daquela batalha. O vidente entra num “transe profético” e inicia um longo relato de eventos futuros, cuja descrição se assemelha muito ao Apocalipse de João. Primeiramente indica que o Dragão Vermelho simboliza o povo bretão e o Dragão Branco os saxões. (Cf. Monmouth 1966: 170-171) Entre a página 171 e a 185, Monmouth relata, através da personagem Merlim, as conquistas e os infortúnios dos bretões, incluindo a sua resistência face aos inimigos: “The race that is oppressed shall prevail in the end, for it will resist the savagery of the invaders”. (idem, p. 171)

As descrições apresentadas no texto são povoadas por diversos animais fantásticos (ou não), como javalis, ouriços, peixes, ursos, raposas, leões, bois, dragões, lobos, serpentes, bestas com chifres, entre outros, pois “os animais constituíram desde sempre o fundamento mais importante, imediato e poderoso para o simbolismo. Nenhuma outra fonte iconográfica forneceu uma quantidade tão ricamente variada, visto serem muito poucas as qualidades humanas a não poderem ser representadas sob forma animal.” (Tresidder 2000: 42)

Reconhecemos, igualmente, um discurso apocalíptico, no qual a simbologia dos números é deveras importante, bem como a restauração da justiça depois de muitas provações. Tendo em conta a semelhança com diversas passagens bíblicas, no que diz respeito às mais diversas profecias, juntamos alguns exemplos, presentes no discurso de Merlim:

- “Death will lay hands on the people and destroy all the nations.”
(Monmouth 1966: 173)²⁸

²⁸ “Se Ele retirasse o seu sopro e fizesse voltar a si o espírito do homem, a humanidade inteira pereceria num instante.” (Job 34: 15)

- “The seed of the White Dragon shall be rooted up from our little gardens and what is then left of its progeny shall be decimated.” (idem)²⁹
- “Wild animals shall enjoy peace.” (idem, p. 174)³⁰
- “The sixth shall throw down the walls of Ireland and transmute its forests into a level plain.” (idem)³¹
- “In the days of the Ram there shall be peace, and the harvests will be plentiful because of the richness of the soil. Women shall become snake-like in their gait and every step they take will be full of arrogance.” (Monmouth 1966: 176)³²

Ora, estas são apenas algumas das semelhanças com temas apocalípticos presentes na Bíblia, que alertavam o povo hebreu para eventos futuros ou que descreviam momentos específicos, experimentados pelo povo judeu.

No discurso de Merlim, existe um claro favorecimento dos bretões perante os seus inimigos, cuja “destruction of foreigners will be clear for all to see” (idem, p. 173), tal como o exército hebraico expulsou os povos vizinhos, de forma a ter direito a ocupar a terra prometida. Por outro lado, o vidente Merlim chama a atenção para a arrogância e a luxúria, pois se cederem a estes pecados a população bretã será castigada com fome, morte e toda a sorte de castigos (idem, p. 176), pois Deus cumpre sempre as suas promessas.³³

Neste texto surgem diversos números, no entanto o autor dá especial ênfase ao 7 e ao 3: “The **Seven** Sea shall flow forth through **seven** mouths and the River Usk shall be boiling hot for seven months.” (idem, p. 177) Este

²⁹ “Pois os maus serão exterminados, mas, os que esperam no Senhor, possuirão a terra.” (Salmos 37: 9)

³⁰ “Então o lobo habitará com o cordeiro, e o leopardo deitar-se-á ao lado do cabrito; o novilho e o leão comerão juntos, e um menino os conduzirá. A vaca pastará com o urso, e as suas crias repousarão juntas; o leão comerá palha com o boi.” (Isaías 11: 6-7)

³¹ “Então o véu do templo rasgou-se em dois, de alto a baixo. A terra tremeu e as rochas fenderam-se. [...] O centurião e os que com ele guardavam Jesus, vendo o tremor da terra e o que estava a acontecer, ficaram apavorados [...]»” (Mateus 27: 51-54)

³² “Ide para essa terra, onde corre leite e mel. Mas Eu não irei convosco, porque sois um povo de cerviz dura, e poderia aniquilar-vos pelo caminho.” (Êxodo 33: 3)

“O Senhor disse: «Já que são tão orgulhosas as mulheres de Sião: andam com a cabeça emproada, lançam olhares desavergonhados, caminham com passo afectado, fazem soar as argolas dos seus pés» [...]” (Isaías 3: 16)

³³ “Eis que me vou hoje pelo caminho de todos. Reconhecei, de todo o vosso coração e de toda a vossa alma, que, de quantas promessas vos fez o Senhor vosso Deus, nem uma só ficou sem efeito: todas se cumpriram, sem falhar nenhuma.” (Josué 23: 14)

número, muitas vezes referido em Apocalipse (não exclusivamente, pois ambos os testamentos bíblicos o fazem), nomeadamente no capítulo 8, onde se faz a descrição da abertura do “sétimo selo” e no capítulo 11, onde se refere a “sétima trombeta”. Relativamente ao número 3: “**Three** springs shall burst forth in the town of Winchester and the streams which run from them will divide the Island into **three** parts. Whoever will drink from the first [...] will not be possible for his body to be buried. [...]” (Monmouth 1966: 177) Do mesmo modo, este número surge muitas vezes na Bíblia, inclusivamente nas profecias de João (os três anjos, as três trombetas, os três espíritos imundos, as três testemunhas), assemelhando-se aos vaticínios de Merlim, que unem a simbologia numérica ao mundo animal.

Podemos considerar que a inclusão das profecias do mago, no registo de Monmouth, retira algum crédito ao texto, algo considerado por vários historiadores, contudo, e como veremos mais à frente, sobre a *História do Futuro*, de António Vieira, este gesto não é único, pois os prenúncios sobre determinado povo serviam de confirmação sobre o seu destino épico. Sendo que a inspiração em relatos bíblicos era extremamente visível, dando origem a textos com uma simbologia muito marcada. As páginas dedicadas aos vaticínios sobre os bretões serviam para isso mesmo, para confirmar a preferência de Deus relativamente a este povo.

Tendo em conta a riqueza das profecias do druida, bem como a construção da personagem Merlim, poderíamos desenvolver uma descrição e interpretação mais aprofundadas sobre estes dois tópicos, contudo teremos de focar outros traços dentro da literatura profética, não deixando de sublinhar a importância desta figura e da sua influência, bem como do ciclo arturiano, nos textos que exploraremos nos próximos capítulos.

3. Profecia Posterior a 1500

3.1 O profeta Gonçalo Annes Bandarra

Os profetas são elementos incómodos para a ordem estabelecida, porque denunciam os males da época. [...] Bandarra era um simples sonhador, mas um sonhador sincero, que nos seus toscos versos

dava forma ao que via no coração de muitos Portugueses. (José van da Besselaar 1986: 15)

Gonçalo Annes Bandarra nasceu por volta de 1500, na vila de Trancoso e ainda subsistem muitas dúvidas sobre as suas posses – se seria rico ou pobre, apesar de o seu processo, instaurado pelo Santo Tribunal, indicar que era “rico e abastado” (idem, p. 1). Uma vez que Trancoso tinha uma importante comunidade judaica, com judiaria e sinagoga desde o século XIV, o processo da Inquisição, relativamente ao sapateiro, refere ainda que uma tal de Lucrecia Nunes (cristã-nova) indicou o seguinte: “o Bandarra [...] sabia muitas coisas dos judeus [...]” (Carvalho 2002: 12). Existem provas de que este sapateiro não era analfabeto e de que “mantinha correspondência com várias pessoas do reino”, sendo que possuía uma invejável memória, o que lhe permitia decorar diversos textos dos Livros Sagrados (Besselaar 1986: 1-2), contudo pouco mais sabemos sobre Bandarra, se tinha família, qual o seu aspeto físico, “como se os homens se tivessem voluntariamente «apagado» diante das obras, para que estas brilhassem em todo o seu esplendor” (Carvalho 2002: 7-8). Por outro lado, cerca de cem anos mais tarde, Vieira fez de Gonçalo Annes, “um verdadeiro profeta da restauração e do Quinto Império” (idem, p. 8). É certo que Bandarra não foi o único a profetizar sobre a vinda do Messias, tendo em conta os casos que se encontram registados nos processos inquisitoriais, que levaram muitos textos e vaticinadores à fogueira, “por se fazerem profetas” (idem, p. 16), contudo foram as rimas bandarristas que alcançaram maior fama, sendo levadas para o Brasil e para outros países europeus, através dos cristãos-novos, o que gerou um “movimento messiânico, carregado de esperança em dias melhores, que durou pelo menos até ao final do século XIX” (idem, p. 23).

As trovas compostas por Gonçalo Annes eram “rimadas, bíblicas e patrióticas”, tendo cativado muitos leitores, nomeadamente em Lisboa, onde esteve entre 1531 e 1539 (Besselaar 1986: 2). A sua reputação fez com que a Inquisição abrisse um inquérito referente à sua obra escrita, acontecimento que se deu entre 1540 e 1541, devido ao facto de Bandarra possuir alguma fama

entre os cristãos-novos, contudo acabou por receber um castigo relativamente leve (Besselaar 1986: 2-3).

Algumas informações apontam para a morte do sapateiro depois de 1556, embora, mais uma vez, não existam registos que o comprovem. Após o seu falecimento, as trovas difundiram-se, principalmente na zona da Beira, apesar de fazerem parte dos livros proibidos pelo Santo Ofício. Desta feita, alcançaram uma notoriedade a nível nacional, em especial devido a alterações político-sociais que se foram vivendo em território luso, sendo que Gonçalo Annes passou de um simples sapateiro a um profeta e conseqüentemente a um santo, cujas trovas muito influenciaram a literatura nacional (idem, p. 5).

Este trabalho não se alongará muito sobre as diversas interpretações feitas sobre as trovas de Bandarra, mas sim sobre a influência que tiveram na literatura e na construção da identidade lusitana, muito ligada a ideias cristãs e ao imaginário bíblico. Na verdade, as trovas de Bandarra serviram as mais diversas intenções, favorecendo as circunstâncias que cada um achava conveniente, contrariando o que refere Apocalipse 22: 18-19, aonde lemos que Deus castigaria quem aumentasse ou retirasse as palavras contidas naquele livro profético (o Apocalipse de João), algo que seria extensível a outros livros que contivessem predições. Os homens encurtaram e aumentaram as histórias contidas na Bíblia e fizeram-no, igualmente, com as profecias de Bandarra, que também serviram a múltiplos interesses políticos.

Alguns estudiosos consideram que, a partir do século IV, surgiram falsos relatos, no que diz respeito à vida de Jesus Cristo, aos apóstolos e a outras entidades miraculosas, tendo como justificação que “as mentiras são aceites por Deus, se perpetradas numa causa que o homem considere boa” (Talmage 1968: 107-108).³⁴ No que diz respeito às trovas bandarristas, o autor oferece ao mundo o rei “Encoberto”, termo recorrente na literatura judaica (Hermann 1996: 243), dando espaço para as mais diversas teorias sobre este esperado líder.

Apesar de Bandarra considerar D. João III como o rei Encoberto (Cf. Besselaar 1986: 10), surgiram outras especulações que atribuíram esta

³⁴ Texto disponível em: http://www.gutenberg.org/catalog/world/readfile?fk_files=2047319&pageno=1.

“característica” a D. Sebastião, no caso dos sebastianistas, e a D. João IV, no caso dos restauradores (Magalhães 2010: 3).

Ao longo das suas trovas, o profeta denuncia alguns dos problemas sociais enfrentados por Portugal: “a ineficácia da justiça, a banalização da nobreza e a problemática cristã-nova”. Para solucionar estes problemas seria necessária a vinda de um líder, “um rei que retomasse a ordem” e que continuasse o “processo de expansão ultramarina e a guerra contra os mouros (Magalhães 2009: 2). Tratava-se de uma época de crise político-religiosa, em que os cristãos-novos, perseguidos pela Inquisição e pela população em geral, se refugiaram no *Talmude* e na crença da vinda de um Messias³⁵, que os salvaria das suas provações (Hermann 1996: 237).

O próprio Bandarra é considerado, por diversos estudiosos, cristão-novo e judaizante, reunindo nas suas trovas “características judaicas, cristãs e pagãs, mais especificamente no que diz respeito aos escritos talmúdicos e do Antigo Testamento e à tradição milenarista/medieval cristã – nomeadamente as lendas arturianas e de Merlim” (idem, p. 233, 240). Ora, o trovadorismo já não estava em voga e as trovas de Bandarra foram, provavelmente, lidas em voz alta, admitindo a influência das novelas de cavalaria, bem como, de acordo com Massaud Moisés, “da literatura arábica, da latina medieval, da liturgia cristã e de elementos populares, como as cantigas de amigo, de amor e de escárnio e maldizer” (Magalhães: 2010: 19). Como foi referido anteriormente, o ciclo arturiano, onde está presente a figura do profeta (através da personagem Merlim), influenciou a obra de Bandarra, sendo que podemos referir obras como: *Histórias de Merlim*, *José de Arimateia* e *A Demanda do Santo Graal* (Cf. idem, p. 20). Neste ponto é importante referir que já havia, na literatura galaico-portuguesa, uma “busca pela comunhão entre o Homem e o sobrenatural” (idem). Como vidente, Merlim fazia esta ponte e Galaaz assumia as características do “escolhido, do puro dos puros, do Messias” (idem), do Filho do Homem, de Emanuel, do Príncipe da Paz, entre tantos outros nomes que poderíamos citar (Cf. Isaías 9: 5-6).

³⁵ Esta situação também se verificou na época em que os judeus foram levados cativos para a Babilónia. O livro de Daniel é um bom exemplo da literatura messiânica, ao demonstrar que a nação de Deus aguardava um Salvador. A teoria messiânica ganha mais força quando há uma perda de identidade do seu povo. (Cf. Daniel 7: 13, Deuterónimo 18: 15 e Isaías 61: 1-3)

Na minha opinião, Gonçalo Annes surge como um profeta do povo, um homem simples e brincalhão, que divertia os populares com as suas “trovas engraçadas” – significado da alcunha “Bandarra” (Magalhães 2010: 3)³⁶ e recebe as revelações contidas nas suas trovas, através de um meio de comunicação entre Deus e o profeta: o **sonho** (Cf. Números 12: 6). Bandarra, tal como outros profetas antes dele, “denuncia as injustiças, consola o povo e anuncia a vinda do Salvador” (Hermann 1996: 241), fazendo-o no decorrer das três partes em que foi dividida a obra e que, de uma forma muito resumida, passamos a indicar.

- **Sonho Primeiro:** romance pastoril e de cavalaria; imagens rurais e marítimas.
- **Sonho Segundo:** caracterização do rei Encoberto.
- **Sonho Terceiro:** referência ao regresso das dez tribos de Israel linguagem mais direta; análise do momento da ventura (Besselaar 1986: 9).³⁷

São três os sonhos e são igualmente três os profetas que refere Bandarra na sua obra (Isaías, Daniel e Jeremias), designadamente no Sonho Terceiro, nas trovas CXXVII e CXXVIII (onde também refere o livro de Esdras IV, de que falaremos mais à frente). Estes vaticinadores bíblicos têm algumas características que convém referir e que, de acordo com Hermann, são as seguintes.

- **Isaías:** profeta da justiça; refere o Messias nos seus escritos.
- **Daniel:** profeta “ideal”; sofre no exílio, mas mantém a sua fé e patriotismo.
- **Jeremias:** “profeta das desgraças” (Hermann 1996: 241).

³⁶ Bandarra: “indivíduo ocioso ou que faz versos engraçados.” (Carvalho 2002: 10)

³⁷ É de referir que edições posteriores acrescentaram outras partes às Trovas. A título de exemplo podemos referir a edição de 1809, que inclui trovas “nunca impressas” – o segundo e o terceiro corpo da obra. A edição de 1823 anexa mais três sonhos, o IV, o V e o VI, referindo que os manuscritos foram achados na Igreja de São Pedro de Trancoso, em 1729, tendo sido escritas em 1527, algo “suspeito” e que Leandro Henriques Magalhães indica estar diretamente relacionado com a Restauração Portuguesa, que usaram e “transformaram” as trovas de forma a “credibilizar” este momento da História, e mais especificamente o rei D. João IV, como o “escolhido” para o trono. (Cf. Magalhães 2010: 10)

O autor das *Trovas* introduz o número “três”, o “número mais positivo, não só no simbolismo como também no pensamento religioso, na mitologia, na lenda e no folclore, onde a tradição do «três vezes afortunado» é muito antiga.” (Tresidder 2000: 165) Este aspeto pode estar ligado ao facto de o profeta Bandarra querer inserir aspetos cristãos na sua obra, introduzindo a simbologia do número três e traçando um paralelo com questões ligadas diretamente ao cristianismo, como a Santa Trindade. Por outro lado, “o três é um número muito repetido no Novo Testamento: os três Reis Magos, as três negações de Pedro, as três cruzes no Gólgota, a Ressurreição três dias depois” (idem), e também nos contos populares, quando “aos heróis e heroínas são consentidas três escolhas, incumbidas três provas ou dadas três oportunidades de vencer.” (idem, p. 166) Curiosamente, a obra de Bandarra refere três povos importantes, os judeus, os cristãos e os muçulmanos e três tradições, apocalíptico-cristã, messiânica-ibérica e judaico-portuguesa – questões que serão desenvolvidas no decorrer deste capítulo (Cf. Magalhães 2010: 24).

Na minha opinião, Gonçalo Annes também introduz vários elementos que estão presentes no Novo Testamento. Temos em conta que ele refere diretamente os nomes dos Profetas Maiores do Antigo Testamento (com a exceção de Ezequiel), não mencionando nenhum dos livros do Novo Testamento, contudo faz alusão a certas histórias e parábolas, como veremos de seguida, tal como ao maior profeta cristão: o próprio Jesus Cristo, o que me impede de ignorar o Novo Testamento na minha análise: As chagas do Redemptor;/E Salvador/São as armas de nosso Rei (Trova XCII do *Sonho Primeiro*, edição de 1809).

Após esta breve descrição da vida de Bandarra, assim como a apresentação das principais influências da sua obra e a respetiva contextualização histórica, tendo em conta sebastianistas e joanistas, será útil continuar a desenvolver a questão messiânica, bem como a simbologia, a preponderância de ambos os testamentos bíblicos e de outros livros apócrifos nas *Trovas*, não pondo de parte a escatologia, a apocalíptica e a complexa questão do Quinto Império.

Estes versos, aparentemente de fácil leitura, detêm elementos fortemente simbólicos, que têm sido estudados pormenorizadamente, por esse

motivo não nos deteremos tanto nessas questões, optando por outro caminho, eventualmente menos explorado e por fazer o cruzamento com os antecedentes bíblicos.

Seguindo a ordem do Velho Testamento, começaremos por analisar o profeta Isaías (seguido de Jeremias e de Daniel), comparando-o com Bandarra e necessariamente com as *Trovas* do vidente português, recorrendo à edição de 1809.

O profeta Isaías é muito importante para os judeus, sendo o primeiro dos “Profetas posteriores”. Isaías nasceu por volta de 760 a.C., tendo vivido numa época agitada, do ponto de vista político. O autor é um “grande poeta”, focando os “sinais do tempo” e temas “messiânicos”, professando uma política de fé e de confiança em Deus, falando através de símbolos e metáforas (Cf. Bíblia Sagrada, Difusora Bíblica 2009: 1165-1166).

Tal como Bandarra, o profeta Isaías exorta o povo ao arrependimento, avisando-o sobre os castigos de Deus, dando, contudo, esperança sobre o regresso de Israel à terra prometida e falando-lhes da vinda do Messias. Como vidente que é, Isaías tem várias visões proféticas, pondo em evidência que os filhos de Israel são o povo de Deus, mas que necessitam de ser “restaurados” (Cf. I Isaías 4: 2-6).

Comparemos alguns dos versículos do livro de Isaías e duas trovas contidas no “Sonho Segundo”, dando ênfase ao Messias e à paz entre os homens e nas quais verificamos algumas semelhanças.

Profeta Isaías	Gonçalo Annes Bandarra
A jovem está grávida e vai dar à luz um filho, e há-de pôr-lhe o nome de Emanuel. Isaías 7: 14	O rei novo he escolhido,/e elegido,/Já alevanta a bandeira. Trova C
Não haverá dano nem destruição e, todo o meu santo monte. Isaías 11: 9	Tirárá toda a escorta/Será paz em todo o mundo. Trova XCV

Gonçalo Annes prossegue, introduzindo o tema do Quinto Império, indicando, na trova CVI, que serão tiradas as “heregias” e derrubadas as “monarquias” e aludindo, na trova CVIII, às profecias de Jeremias e de Daniel, sobre as quais nos debruçaremos de seguida.

Bandarra inicia o seu texto poético com as seguintes palavras: “Sente Bandarra as maldades do mundo e particularmente as de Portugal” (Bandarra 1809: 23), algo que pode ser comparado ao capítulo 12, de Jeremias, bem como a Jeremias 15: 10-21, 17: 14-18, 18: 18-23 e 20: 7-18, onde o profeta confessa as “suas angústias e o seu enamoramento por Deus” (“Jeremias”, Bíblia Sagrada, Difusora Bíblica 2009: 1248). Na verdade, Jeremias viveu, igualmente, num “período conturbado” da história de Israel, aquando o final do reino de Judá e a destruição de Jerusalém pela Babilónia, por volta de 587/86 a.C. (idem). Inicialmente, o profeta crê na “restauração da unidade do povo”, no entanto foi perseguido e responsabilizado pelo “descalabro da Pátria” (idem). Acredito que, neste aspeto, Bandarra se identificasse com Jeremias, ao ter sido perseguido pela Inquisição, tendo em conta que o seu principal objetivo ao escrever as *Trovas* era o de alertar os portugueses para acontecimentos futuros, algo que ele havia sonhado e, portanto, pressagiado.

Outra semelhança prende-se com o facto de o padre Gabriel João de Trancoso ter sido o “amanuense” de Bandarra (Besselaar 1986: 1), tal como Baruc foi o “secretário” de Jeremias (“Jeremias”, Bíblia Sagrada, Difusora Bíblica 2009: 1248). Tal como este profeta bíblico, Bandarra também anuncia os “males de Portugal”, predizendo um salvador: o rei Encoberto (Bandarra 1809: 40). Gonçalo Annes refere, imediatamente antes de iniciar o “Sonho Primeiro”, os pecados dos eclesiásticos e dos “Doutores”, a falta de justiça e os males da sociedade em geral (Cf. *Trovas* I a XIII), concluindo com a profecia relativamente ao esperado rei (Cf. *Trovas* LXVIII a LXXIII).

Tendo em conta o preâmbulo da obra (após a dedicatória do autor) e o “Sonho Primeiro”, faremos de seguida uma comparação entre dois excertos das trovas de Bandarra e alguns versículos de Jeremias, de modo a evidenciar as semelhanças que unem estes dois profetas, acercando Gonçalo Annes do profeta bíblico, que chama recorrentemente o povo de Deus ao arrependimento.

Profeta Jeremias	Gonçalo Annes Bandarra
“Porque quereis entrar em contenda contra mim?/Todos vós me fostes infiéis. [...] A vossa própria espada dizimou os vossos profetas.”	“Tu me has sido revel/Contra os meus ovelheiros,/Abraçado com Babel/Mui descrido, e cruel, [...] Minhas ovelhas, carneiros/Não lhe tinhas

Jeremias 2: 29	lealdade,/Degolavas meus cordeiros” Trova LXIII
“Dias virão em que farei brotar de David um rebento justo que será rei, governará com sabedoria e exercerá no país o direito e a justiça – oráculo do Senhor. Jeremias 23:5	“Este rei tem tal nobreza,/Qual eu nunca vi em Rei:/Este guarda bem a lei/Da justiça, e da grandeza.” Trova LXXI

Vemos, nos versículos anteriores, que Bandarra se aproxima de Jeremias no tipo de linguagem utilizada e na forma como se dirige ao leitor, apontando as falhas do povo e indicando a vinda de um grande líder.

Depois de termos focado o profeta Jeremias e alguns dos seus oráculos, abordaremos o profeta Daniel e as questões principais que marcam o livro bíblico com o mesmo nome e que têm muita relevância nas trovas que estamos a analisar.

Apesar de não ter sido Daniel a escrever o livro presente no Antigo Testamento, o mesmo tem o seu nome por uma questão “simbólica”, talvez por surgir associado a um dos “exilados regressados da Babilónia para a Palestina”, questão que pode ser consultada em Esdras 8: 2 e em Neemias 10: 7 (Cf. “Daniel”, Bíblia Sagrada, Difusora Bíblica 2009: 1421). Este profeta Maior tem, na minha opinião, uma grande influência nas Trovas de Bandarra, onde o profeta português aborda o tema do Quinto Império, do Messianismo e da apocalíptica. Ora, nos capítulos de 1 a 6, do livro de Daniel, o autor serve-se de um “género tradicional de literatura didática e educativa, chamado «hagadá»”, desta forma apresentava histórias “moralizadoras e edificantes”, que serviam de incentivo no momento em que os filhos de Israel tivessem que enfrentar perseguições e a falta de liberdade (idem). O mesmo acontece com as *Trovas*, tendo em conta que Bandarra introduz personagens (no “Sonho Primeiro”) como o Grande Pastor, Fernando, Pedro, João, o Estrangeiro, Rodoão, o pastor Garcia e André (Trovas XXV a LXVII), descrevendo, de uma forma figurativa e simbólica, uma narrativa com uma componente fortemente moral, como podemos ver na trova LIII: “Já matarão o grão Pastor,/Por inveja o matarão:/Porque era bom guardador,/Das ovelhas bom creador;/Por cobiça o acabarão.” Do meu ponto de vista, tendo em consideração o seu “sonho profético”, Bandarra procurava ensinar, motivar e edificar o povo português, de

modo a que enfrentasse os tempos difíceis que se viviam em Portugal, já referidos no início desde capítulo, lembrando o tempo em que a Inquisição perseguia os cristãos-novos e todos os que aparentavam um comportamento suspeito (anticristão), fomentando as denúncias e as inimizades entre vizinhos.

Por outro lado, o livro de Daniel, nos capítulos de 7 a 12, possui uma forte componente apocalíptica, uma vez que a palavra “apocalipse” significa, exatamente, “revelação” (“Daniel”, Bíblia Sagrada, Difusora Bíblica 2009: 1421). O profeta comunicava as revelações que recebia de Deus e instruía os crentes.

Daniel oferece aos leitores um “modelo de perseverança”, em especial na primeira parte do livro, em que é contada a sua história (Daniel 1 a 6). A segunda parte, por sua vez, focaliza-se no Apocalipse de Daniel, onde são expostas as “perspetivas de escatologia individual”. Este livro bíblico faz a ponte entre o Velho e o Novo Testamento, dando ênfase ao “pensamento apocalíptico” e às “concepções messiânicas, espelhando-se também no Apocalipse de João” (“Daniel”, Bíblia Sagrada, Difusora Bíblica 2009: 1422).

Visto que a escatologia e a apocalíptica estão presentes nos escritos de Daniel e, conseqüentemente, na obra de Bandarra, é conveniente descrevermos estes dois movimentos, visto que se confundem em muitos pontos. Por esse motivo, consultámos a publicação “Apocalíptica e Milenarismo”³⁸, que nos esclarece com o seguinte quadro:

Escatologia	Apocalíptica
Palavra	Visão
Fé	Curiosidade
Obscuridade	Claridade
Vigiar	Calcular
Mundo positivo	Mundo negativo
Optimismo	Pessimismo
Terror	Temor
Conversão	Fuga

³⁸ Edição da Difusora Bíblica, Fevereiro de 2006, pp. 28.

A fonte de inspiração da escatologia é a Palavra de Deus, com a que este ilumina e critica a história, anuncia o fim e assinala as condições para participar nele. (António Carmona 2006: 26)

Começando pela **escatologia**, esta “nasce dentro do profetismo”, tendo em conta que os profetas transmitiam a Israel a palavra que recebiam de Deus, preocupando-se, essencialmente, com o futuro, esperando pelo dia da “vinda do Senhor”, que traria uma solução positiva para os “justos” e negativa para os “iníquos”. Apesar de tudo, a escatologia tem uma “visão positiva da história”, pois “apesar de todos os males do presente, há uma solução, porque Deus é o Senhor deste mundo” e é Ele quem assume o destino da humanidade no final. Por esse motivo, os homens devem preparar-se no tempo atual, encarando as “exigências religiosas” que se deparam no seu caminho. A título de exemplo podemos ler Amós 5: 18-20, onde se encontram palavras de cariz escatológico: “Ai dos que desejam ver o Dia do Senhor! Que será para vós o Dia do Senhor? É um dia de trevas e não de luz. É como um homem que foge diante de um leão e encontra um urso; como o que, regressando a casa, apoia a mão na parede e é mordido por uma serpente. Não será, pois o Dia do Senhor de trevas e não de luz, de escuridão e não de claridade?”

Por “apocalíptica” entendemos um fenómeno ou movimento literário e teológico, que se desenvolve a partir da decadência da profecia em Israel. (António Carmona 2006: 26)

No que diz respeito à **apocalíptica**, a mesma provém da “escatologia dos profetas”, tendo-se desenvolvido dentro do “movimento sapiencial”. (idem) Tendo sido muito importante no Velho Testamento, responde à “curiosidade do homem” (idem, p. 27), que busca os mais diversos conhecimentos. A sua fonte é também a Palavra de Deus, embora a **visão** desempenhe um papel de destaque (idem). A apocalíptica floresceu a partir do século IV a.C., quando a profecia tendia a desaparecer e o profeta procurava “atualizar a Palavra de Deus”. O vidente escolhido tinha então uma visão, ou visões, em que lhe aparecia um ser celestial e que o instruía sobre a situação presente e sobre o futuro. O recetor da visão recebia “informação sobre toda a história”, falando

sobre todos os acontecimentos e fenómenos aterradores, que antecederiam a chegada do Messias, por este meio consolava-se o justo e inculcava-se medo no apóstata, como se pode ver em Amós 9:1-4: “Vi o Senhor de pé, sobre o altar. Ele disse-me: [...] «Ninguém poderá fugir, nem um só deles escapará. [...] Terei os meus olhos fixos neles para seu mal, e não para seu bem.»” (Cf. António Carmona 2006: 26-33).

Ora, após lermos sobre estes dois temas, podemos tirar algumas ilações sobre as trovas do sapateiro de Trancoso, que detêm uma componente apocalíptica muito presente, mas que também possuem alguns elementos escatológicos, que passamos a exemplificar.

- **Escatologia:** Bandarra faz referência à Palavra de Deus escrita e aos sinais que se cumprirão. “Haverá signaes na Terra;/A escriptura não erra;” (Trova XCVII); “O texto se hade cumprir” (Trova CXXX).
- **Apocalíptica:** Gonçalo Annes refere que teve uma visão e utiliza uma simbologia característica dos textos apocalípticos, com “alegorias, cores, números, animais, chifres, olhos, etc.” (idem, p.30). “Agora que estou sonhando,” (Trova XVII); “Vi a tribo de Dão/Com os dentes arreganhados,/E muito despedaçados/Da Serpente, e do Dragão.” (Trova CXII)

Assistimos, assim, ao aparecimento de um profeta diferente daquele que foi materializado em Merlim. Na verdade, já não se trata, concretamente, de um “profeta”, mas de um “visionário”, um homem que já não caminha ao lado do rei e que não é consultado nos momentos de decisões difíceis. Bandarra é um homem comum, que é olhado com suspeita perante os seus conhecimentos teológicos, manifestamente ligados à Bíblia cristã e ao Talmude judeu. O sapateiro de Trancoso não falou diretamente com Deus e não refere que O viu, ele teve um sonho e nesse sonho obteve informações indispensáveis para os portugueses e que ele transmite de uma forma poética e carregada de simbolismo e onde, como, vimos está presente o género apocalíptico.

Ainda dentro do livro de Daniel e para reintroduzir o tema do Quinto Império, é necessário conhecer e entender o sonho do rei Nabucodonosor, onde este tema surge.

No meio de muitas peripécias, Daniel vai ter com o rei que teve um sonho deveras perturbador. Previamente, numa visão, Daniel recebe esclarecimentos sobre a simbologia desse mesmo sonho e como poderia interpretá-lo. Uma vez junto de Nabucodonosor, o profeta diz-lhe que teve uma “visão”, não se tratando de um simples sonho (Cf. Daniel 2). Apenas o Senhor Deus poderia “desvendar os mistérios” (Daniel 2: 28) e através de Daniel o rei é instruído sobre acontecimentos futuros, numa revelação apocalíptica que serve de ensinamento ao povo de Israel. Entre os versículos 31 e 45 de Daniel 2, temos acesso ao sonho e à sua interpretação, onde somos informados sobre a chegada do império ou reino número cinco, que no sonho é representado por uma “pedra que se desprendia da montanha” e que “reduzia a migalhas o ferro, o bronze, a argila, a prata e o ouro”, isto é os reinos anteriores ao V Império (idem, v. 45). Deus faria “aparecer” este reino, que “jamais seria destruído” (idem, v. 44), o que deu margem para que muitos leitores e intérpretes da Bíblia Sagrada atribuíssem as características do V Império ao reino/Estado que lhes aprovesse.

Nesta monografia, não pretendemos debruçar-nos muito sobre este tema, uma vez que é dos mais focados nos estudos de Bandarra, contudo, relembremos uma parte dos versos em que é descrito este assunto, uma vez que voltaremos a ele mais tarde, ao focarmos o padre António Vieira e Fernando Pessoa. A partir deste momento, não focaremos apenas Daniel, mas faremos um apanhado de todos os versículos e profetas bíblicos que influenciam o texto bandarrista.

Gonçalo Annes descreve extensivamente o rei único, que unirá os povos e que manterá apenas um reino: “Irá dos cabos da terra/Tomar os Valles, e Serra,/Pondo guerra,/E tirar as heregias,/Derrubar as Monarchias,/E fantezias/Serão bem apontadas/Serão todas derrubadas,/Desconsoladas/Fóra da possentadorias.” (Trova CVI); “Muitos estão desejando/Serem os povos juntados:/Outros muitos avizados/O estão arreceando.” (Trova CXXI)

Além do V Império, o sapateiro de Trancoso fala de um tema muito particular, a reunião das Tribos de Israel, um sinal do final dos tempos e ligado à apocalíptica. “Com a morte de Salomão, o reino divide-se em Israel, ou Reino do Norte e Judá, ou reino do Sul. [...] Em 722 a.C., o reino do Norte cai sob o poder da Assíria e muitos habitantes fogem para Judá [...] Em 587 a.C., Nabucodonosor avança sobre Israel, toma a cidade e leva para a Babilônia, como reféns muitos dos seus habitantes” – começa assim a dispersão das Tribos de Israel (Bíblia Sagrada, Difusora Bíblica 2009: 16). Apesar das profecias contidas no Velho Testamento, sobre a referida dispersão (Cf. Levítico 23: 33), também existem profecias sobre a reunião das Tribos Perdidas, em II Isaías 54:7, Jeremias 30: 3 e Ezequiel 28: 25. Gonçalo Annes focou esta questão, nomeadamente entre as Trovas CXI e CXVI, escrevendo: “E também vi a Rubem/Com grão voz de muita gente,/O qual vinha mui contente/Cantando, Jerusalem.” (Trova CXIII) O regresso de todas as tribos à terra que lhes foi prometida está patente em Ezequiel 37: 15 a 28. Bandarra diz, entre as trovas CXXVI e CXXVIII, que também foi buscar os seus conhecimentos às escrituras de Ezequiel, por esse motivo, não podemos, na minha opinião, concentrar-nos apenas nos livros de Isaías, Jeremias ou Daniel, ou até mesmo no apocalipse de IV Esdras, uma vez que os conhecimentos do sapateiro de Trancoso seriam mais vastos, em especial graças à sua memória prodigiosa, algo que já foi referido nesta dissertação. Em Ezequiel 37: 21-22, os versículos referidos dizem claramente: “Eu tomarei os filhos de Israel de entre as nações, por onde se dispersaram; vou reuni-los de toda a parte e reconduzi-los ao seu país. Farei deles uma só nação na minha terra, nas montanhas de Israel, e apenas um rei reinará sobre todos eles.” – este rei único, tão esperado, não só uniria Israel, como traria a unificação da fé.

É relevante referir que os diversos profetas do Antigo Testamento se referem aos israelitas como “ovelhas perdidas” (Cf. II Isaías 53: 6), comparação que também é visível nos versos de Bandarra, que muitas vezes referem a vinda de um pastor que trará a união aos povos da Terra. Se focarmos as trovas CLVI e CLVII, podemos ler: “Todos terão um amor,/Gentios como pagãos,/Os Judeos serão Christãos,/Sem jamais haver error.// Servirão um so Senhor/Jesu Christo, que nomeio,/Todos crerão, que já veio/O Ungido Salvador.” Um dos principais fatores que separa os judeus dos cristãos é a

crença em Jesus Cristo, como o Messias e Salvador, visto que os judeus não creem no Novo Testamento e não atribuem a Cristo qualquer característica messiânica. Os cristãos, por sua vez, valorizam muito os Evangelhos de Jesus e procuram seguir os seus ensinamentos, aguardando a sua segunda vinda. Do meu ponto de vista, é muito limitativo concentrarmo-nos apenas no Antigo Testamento, quando procuramos fazer a análise das *Trovas do Bandarra*, uma vez que o próprio faz referência a Jesus Cristo e profetiza que a centralização da fé, tendo em conta os judeus e os cristãos, se refletirá na crença em Jesus, o “Ungido Salvador”.

A questão da constante referência metafórica das “ovelhas”, do “rebanho” e do “pastor”, está patente em Ezequiel 34, mas igualmente em João 10, onde Jesus diz: “Tenho ainda outras ovelhas que não são deste redil. Também estas Eu preciso de as trazer e hão-de ouvir a minha voz; e haverá um só rebanho e um só pastor.” (João 10: 16) Ainda seguindo a mesma reflexão, a Trova LIII, “Já matarão o grão Pastor,/Por inveja o matarão:/Porque era bom guardador,/Das ovelhas bom guardador,/Das ovelhas bom creador;/Por cobiça o acabarão.”, assemelha-se muito ao que foi escrito sobre Jesus Cristo, tanto no Novo como no Velho Testamento. Em Hebreus 13: 20, o autor refere-se a Cristo como “o grande Pastor das ovelhas” e em Isaías 53: 3-7, encontramos os versículos que, segundo os cristãos, profetizam sobre a vida de Jesus e a perseguição que sofreria, “desprezado e abandonado pelos homens” (Hebreus 53: 3). Na minha ideia, ao estudarmos as trovas de Bandarra, há a necessidade de conhecer os dois testamentos bíblicos, contrapondo o pensamento judeu e o cristão, pois a unificação dos povos tem de passar obrigatoriamente por uma unificação da fé, tal como refere Gonçalo Annes no seu texto. Além disso, o sapateiro referiu o quarto livro de Esdras, que fazia parte da Vulgata e que não era aceite pelo cânon judeu, algo que comprova o conhecimento dos livros apócrifos e, previsivelmente, do Novo Testamento.

Referindo as trovas CXXVI e CXXVII, “E depois de acordado/Fui ver as Escripturas,/E achei muitas pinturas/E o sonho affigurado.//Em Esdras o vi pintado [...]”, constatamos que os Livros Sagrados confirmam o sonho profético/apocalíptico de Bandarra. Focando, neste ponto, o livro Quarto de

Esdras, é importante referir que, atualmente, o mesmo não faz parte da Bíblia Católica, da Protestante ou da Hebraica, contudo fazia parte da Vulgata, isto é, da tradução popular, sendo muito conhecido entre os cristãos e considerado canónico até ao século IV d.C.: “Mas a Igreja oriental, até ao fim do período patrístico, e a Igreja ocidental, até à Reforma, aceitavam-nos, de modo geral, em igual nível de importância ao resto do Antigo Testamento.” (Cruz 2010: 9)

O IV Esdras (na Vulgata), também conhecido por “Apocalipse de Esdras”, refere os sofrimentos de Israel e foca a destruição de Jerusalém em 70 d.C.. Tal como falámos anteriormente, na questão apocalíptica, só a vinda do Messias traria a tão esperada paz e salvação (Cruz 2010: 9). Ora, além de se inspirar no livro de Daniel, também se reflete em Apocalipse (idem, p. 53) e foca questões como: “o interesse pelo futuro e qual o papel de Israel; temas apocalípticos; esperança messiânica do reino de Deus; ressurreição e julgamento” (idem, p. 54-55). Apesar de ser difícil encontrar o livro de IV Esdras em português, podemos consultar algumas versões em inglês, de modo a compará-lo com as trovas bandarristas,³⁹ estabelecendo assim um paralelo entre as *Trovas*, o livro de IV Esdras e os dois testamentos bíblicos.

No que diz respeito ao IV Esdras, salientamos a questão da ressurreição que se encontra patente na Trova CX de Bandarra: “Sonhava com grão prazer,/Que os mortos resuscitavão/E todos se alevantavão,/E tornavão a renascer.” Recorrendo ao IV Esdras, lemos: “For after death will come the judgment; we shall be restored to life, and then the names of the just will be known and the deeds of the godless exposed.” (4 Ezra 14: 35) Ambos os testamentos referem a ressurreição dos mortos, como podemos constatar em Job 19: 26, Ezequiel 37: 12-13, I Tessalonicenses 4: 16 e Apocalipse 20: 6; e podemos também comparar a Trova CXI com Apocalipse 20: 13, uma vez que Bandarra equipara a morte a uma prisão, tal como é feito em Actos 2: 24, versículo que refere os “grilhões da morte” e que ao longo do capítulo podemos verificar os ensinamentos respeitantes à ressurreição de Cristo.

Podemos afirmar que o vidente português transcreve os seus sonhos visionários e, com o objetivo de dar provas das suas palavras, apoia-se na Bíblia e inspira-se nos vários textos que conhece. Por outro lado, podemos

³⁹ Cf. 4 Ezra, disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/2019085/4-Ezra-Revised-English>.

dizer que aquelas visões ocorrem de acordo com os conhecimentos bíblicos que Bandarra já detém, bastando-lhe estabelecer relações e confirmar, na Bíblia, os ensinamentos que recebe num estado onírico.

Em jeito de conclusão, podemos dizer que as *Trovas* “serviram como elo entre os messianismos judaico, cristão, *patriótico* e *quinto-imperista*” (Carvalho 2002: 30), dando lugar às mais diversas interpretações e atraindo leitores de vários estratos sociais. De acordo com a Bíblia, um profeta é chamado por Deus, com o objetivo de guiar o povo, podendo anunciar o futuro: “a fonte da profecia reside na Palavra e não no Espírito divino. [...] é a Palavra que faz o profeta, e não o Espírito que o envolve. [...] Para os que querem ver, na profecia, a realização de um «dom do Espírito Santo» [...] o Bandarra poderia ser um desses inspirados.” (idem, p. 32-36)

Certamente, poderíamos explorar ainda mais o texto do sapateiro de Trancoso, rico em tantos atributos que marcam o profetismo português, contudo, visto que não é possível determo-nos por mais tempo na sua obra, resta-nos concluir que o comportamento de Gonçalo Annes se prende com a postura de um profeta bíblico que recebe uma visão apocalíptica e que se vê compelido a partilhar essas informações com o povo de Deus. Tal como acontecia com os profetas bíblicos, Bandarra teme que não acreditem nele (Cf. Trova CIX), algo que se verifica aquando a sua perseguição por parte do Santo Tribunal. Em contrapartida, a sua obra disseminou-se e continua a ser lida após a sua morte, ao mesmo tempo que foi usada e alterada por pessoas que procuraram justificar o percurso da história e a legitimidade dos governantes da coroa portuguesa, algo levado a efeito por sebastianistas e joanistas. As *Trovas do Bandarra* foram sempre polémicas e apesar de muitos as considerarem apenas uma herança do folclore português, continuam a fazer parte da literatura lusitana, influenciando, ao longo dos séculos, a nossa cultura e o pensamento da nação.

3.2 Padre António Vieira e a *História do Futuro*

Vieira, muito menos que providencialista, reforçava a importância do agir para que se completasse o plano divino, no equilíbrio entre o tempo da revelação e das contingências. (Luís Filipe Lima 2000: 86)

Em Lisboa, a 6 de fevereiro de 1608, nascia António Vieira. Em 1614, a sua família mudou-se para a Bahia, no Brasil, onde Vieira frequentou o Colégio Jesuíta e em 1623 passou a fazer parte da Companhia de Jesus, sendo que a sua ascensão na ordem foi bastante rápida (Costa 2012: 1), tendo sido ordenado a sacerdote em 1634.

Num determinado ponto da sua vida, foi perseguido pela Inquisição e isto deveu-se, em parte, ao facto de ter escrito o texto: *Esperanças de Portugal, Quinto Império do Mundo*. Estes escritos foram terminados em 1659 e abordavam a questão do rei “Encoberto”, numa alusão direta às *Trovas* de Bandarra, no entanto Vieira ia mais longe e anunciava a ressurreição de D. João IV, “morto em novembro de 1656” (idem, p. 7). Em 1667, o padre Vieira foi condenado, pelo Santo Tribunal, “à reclusão e ao silêncio perpétuo” (idem, p. 8), contudo, depois de ocorridas algumas transformações políticas, foi perdoado no ano seguinte. No ano de 1669 chegou a Roma, com o intuito de conseguir, junto do papado, apoio para combater a Inquisição portuguesa, o que lhe permitiu voltar a Portugal em 1668, com um documento que o tornava imune ao Santo Ofício (idem).

Estes dados biográficos ajudam-nos a perceber, de uma forma muito resumida, o que fez e quem foi António Vieira, cuja obra escrita é imensa e inestimável. Vieira passou 51 anos da sua vida em terras de Vera Cruz, vindo a falecer a 16 de julho de 1697, também na Bahia (Costa 2012: 1), tendo sido um homem polémico e ao qual podemos chamar de, “pregador, missionário, profeta, político, diplomata e mestre da língua” (idem, p. 9). É considerado o “maior pregador do século XVII na Europa barroca” (idem, p. 10) e escrevia os seus sermões utilizando um estilo argumentativo muito próprio, perpassado pelo patriotismo e pela religiosidade e fundamentado numa interpretação íntima das escrituras sagradas. Apesar de os leitores em geral terem uma predileção

pelos seus sermões, “o autor tinha preferência definida pelas suas obras proféticas”, comparando-as a “palácios altíssimos” (Besselaar 1981: 72).

De forma a fazer uma contextualização histórica sintetizada, é importante referir o estilo literário existente no século XVII, época em que Vieira produziu os seus escritos. O referido século foi marcado, em grande parte da Europa, pelo **culto da forma**, dando-se destaque ao cultismo, conceptismo e gongorismo. Padre Vieira “dava brilho às palavras”, destacando-as e dando-lhes maior importância, comparativamente à “ideia”. Em suma, punha “a ideia ao serviço da forma” (Saraiva 1993: 219). Vieira foi o expoente máximo do conceptismo, trabalhando exaustivamente os seus textos, dando ênfase aos vocábulos escolhidos e criando “autênticos labirintos para o pensamento”,⁴⁰ espelhando o barroco na literatura.

Na verdade, textos como os de Padre António Vieira e mesmo outros mais antigos, como as *Trovas* de Bandarra, receberam uma maior atenção devido a vários fatores históricos, sobre os quais faremos um pequeno apontamento. Relativamente ao patriotismo que se viveu durante o período filipino e nos momentos imediatamente posteriores a este, assistiu-se a uma maior vontade de se ser patriota, algo comum em tempos de perda de liberdade e de identidade nacional. A título de exemplo, podemos referir *Os Lusíadas*, a obra mais lida no século XVII (Saraiva 1993: 221), uma vez que muitos outros livros eram vítimas da censura espanhola. Camões enaltecia os feitos dos portugueses e isso permitia que o povo se recordasse do passado, para “compensar o presente” (idem). Outra obra relevante foi a *Monarquia Lusitana*, escrita entre 1597 e 1729 pela mão de diversos autores e composta por oito partes. Os volumes que nos interessam são os dois primeiros, elaborados por Frei Bernardo de Brito, que dão ênfase à “predestinação de Portugal, como parte dos planos de Deus” e que referem o “Milagre de Ourique” (idem, p. 222). Segundo José Hermano Saraiva, “a História gerou o documento” e não o contrário (idem), referindo-se às atas das Cortes de Lamego que o Frei Bernardo de Brito acrescentou, documento esse que foi forjado no mosteiro de Alcobaça em 1597 (D’Azevedo 1918: 93).

⁴⁰ *Conceptismo*. In **Infopédia** [Em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2013. (Consult. 2013-08-09). Disponível na www: <URL: [http://www.infopedia.pt/\\$conceptismo](http://www.infopedia.pt/$conceptismo)>.

O Milagre de Ourique consiste na visita de um velho eremita a D. Afonso Henriques, antes da Batalha de Ourique e que profetizou a vitória dos portugueses. Na noite seguinte, o nosso primeiro rei teve uma visão, na qual viu Jesus crucificado e ouviu a voz de Deus fazer-lhe a promessa de que venceria aquela e outras batalhas (Lima 2000: 40-42). Segundo João Marques, o Milagre de Ourique apontava, não só para o advento de um redentor da pátria, mas para um imperador do mundo (Marques 2004: 8), como tal Vieira colocava em D. João IV as suas esperanças relativamente ao “império de Cristo em toda a terra”, visto que os herdeiros do reino de D. Afonso Henriques criariam um “Imperio para a gloria de Deos” (D’Azevedo 1918: 94).

No que diz respeito ao Milagre de Ourique, este é apenas um exemplo do Milagrismo: “método de explicação para tudo o que existe ou acontece” (Saraiva 1993: 220), tratando-se não só de um “milagrismo popular”, mas de um “milagrismo literário”, visto que as crónicas que foram surgindo, a partir do século XVII, estavam repletas de milagres (idem).

Na verdade, as *Trovas do Bandarra* serviram de inspiração aos sebastianistas, que acreditavam na vinda de D. Sebastião, o Encoberto, que viria da sua ilha, inspirada no ciclo arturiano, para os resgatar do domínio filipino (Cf. D’Azevedo 1918: 40-55).⁴¹ Por outro lado, essas mesmas trovas inspiravam os joanistas, entre eles o padre António Vieira que via no rei D. João IV o cumprimento das profecias bandarristas. O sebastianismo apoderou-se das *Trovas* e o que elas não diziam servia de motivo para se modificar ou adicionar coplas (Cf. idem, p. 51), algo que se repetiu ao longo dos anos. No entanto, segundo Pessoa, estes aspetos não são necessariamente negativos, visto que “Bandarra é um nome colectivo, pelo qual se designa não só o vidente de Trancoso, mas todos quantos viram, por seu exemplo, à mesma Luz.”⁴²

Em 1640, após a restauração da independência, a nação estava envolta no “sonho e no júbilo da época”, manifestando uma “cega confiança nas profecias”, fazendo surgir uma literatura que desafiava o inimigo expulso (idem,

⁴¹ O detalhe que se prendia com o regresso do rei desaparecido fez surgir muitos impostores.

⁴² Frase de Pessoa no prefácio do livro *Quinto Império*, de Augusto Ferreira Gomes, apud Uribe 2010: 147.

p. 95), dando voz ao profetismo popular, que admitia que muitos acontecimentos se davam por milagre:

É a megalomania dos tempos sebásticos que ressuscita. Para isso se exalta o valor português, se recordam façanhas dos tempos idos, se refere a singular protecção divina às nossas armas. (Idem, p. 96)

Tendo em conta os muitos textos vieiristas, três correspondem aos tratados messiânicos, a saber: *História do Futuro*, a *Defesa perante o Tribunal do Santo Ofício* e *Clavis Prophetarum*. No que diz respeito ao primeiro, e objeto do nosso estudo, a sua escrita teve início em 1649 e trata-se de uma obra inacabada, uma vez que “devia compor-se de sete livros e tratar 59 questões” (Besselaar 1981: 73). No caso do segundo tratado messiânico, o autor faz duas representações, indicando os “motivos para atribuir espírito profético a Bandarra” e os “fundamentos da sua crença na instauração do Quinto Império na terra” (idem, p. 75). *Clavis Prophetarum*, texto que também não foi terminado, acabou por ficar entregue ao padre Bonucci, que o auxiliava, de forma a terminar a obra (idem). Na nota introdutória de *Clavis Prophetarum – Chave dos Profetas*, Arnaldo Espírito Santo indica que, no *Livro III*, “fala-se directamente da *Pregação Universal do Reino de Cristo*”, correspondendo cada capítulo a “tratados independentes” (Espírito Santo 2000: XIX). Podemos acrescentar que Vieira considerava que este texto seria a “cúpula de toda a sua arquitectura espiritual e intelectual” (idem, p. XXII-XXIII), prosseguindo na sua argumentação sobre questões messiânicas e porventura alcançando um novo patamar, que não chegámos a conhecer devido à morte do autor.

Dedicando-nos agora especificamente ao texto *História do Futuro*, do padre António Vieira, faremos uma pequena síntese do mesmo, mas focando com particular atenção os aspetos que mais interessam a esta monografia. Faremos uma abordagem sequencial devido à extensão do texto em análise e à argumentação utilizada pelo autor, como tal procuraremos sublinhar as interseções com a base bíblica, as referências que Vieira faz ao sapateiro de Trancoso, comparando ambos os estilos de escrita profética e os pontos em que se encontram, ou não, preparando assim o caminho para o capítulo seguinte, em que nos dedicaremos a Fernando Pessoa.

Dedicando algumas breves considerações à forma, constatamos que o primeiro volume é composto por doze capítulos, sendo que o segundo volume possui uma divisão por capítulos e livros. Ainda acerca do segundo volume, o “Plano da História do Futuro”, que se trata de um resumo, por tópicos, das reflexões feitas ao longo da tese vieirista, interessa salientar que é composto por sete livros. Relativamente à divisão do livro, é importante sublinhar o simbolismo dos números 7 e 12, uma vez que, na minha opinião, ao estabelecer um paralelismo com a Bíblia Sagrada, nestas questões numerológicas, o autor aproximava-se mais do leitor, ao fazer uma alusão a histórias descritas em textos religiosos canônicos e que tiveram a simbologia dos números muito presente, especificamente no respeitante à profecia.

No que respeita ao número 7, este surge com frequência no livro do Apocalipse (como já foi referido aquando as profecias de Merlim), onde as profecias e revelações têm um maior destaque: sete chifres, sete olhos, sete selos, sete espíritos de Deus, sete anjos, sete trombetas, sete trovões, sete cabeças, sete diademas, sete taças.⁴³ É fundamental indicar que o número sete é sagrado: “místico e mágico, [...] o sete simboliza a ordem cósmica e espiritual, assim como a conclusão de um ciclo natural. [...] Na Bíblia, a bênção de Deus ao sétimo dia é sucedida pela contagem de outras referências ao número sete. Era o número de festas, festivais, purificações e anos judeus entre sabáticos [...]” (Tresidder 2000: 167-168).

Relativamente ao número 12, também surge repetidamente no Apocalipse: doze tribos, doze estrelas, doze portas, doze apóstolos.⁴⁴ É o “número de base do espaço e tempo na antiga astronomia, astrologia e ciência do calendário, o doze era, por isso, de considerável importância simbólica, sobretudo na tradição judaico-cristã, onde constituía o número dos eleitos. Representava a organização cósmica, as zonas de influência celestial e um ciclo de tempo concluído. [...] Como produto dos poderosos números três e quatro, simbolizava a união dos planos espiritual e temporal. Na Bíblia, doze é

⁴³ “Quando Ele abriu o sétimo selo, fez-se no céu um silêncio [...]. Depois vi os sete anjos que estão de pé diante de Deus. Foram-lhe entregues sete trombetas.” (Apocalipse 8: 1-2)

⁴⁴ “Tinha uma grande e alta muralha com doze portas; nas portas havia doze anjos e em cada uma estava gravado o nome de uma das doze tribos de Israel. [...] A muralha da cidade tinha doze alicerces, nos quais estavam gravados doze nomes, os nomes dos doze Apóstolos do Cordeiro.” (Apocalipse 21: 12-14)

o número dos filhos de Jacob e logo, das tribos de Israel, das jóias no peitoral do sacerdote, dos principais discípulos de Cristo, dos frutos da Árvore da Vida, das portas da Cidade Santa e das estrelas na coroa de Maria. [...] Havia também doze proeminentes Cavaleiros da Távola Redonda [...].” (idem, p. 169)

Concluindo este assunto sobre a simbologia numérica, o padre Vieira foi, na minha opinião, muito influenciado por esta questão, intimamente ligada à profecia e ao presságio, por esse motivo a *História do Futuro* não permaneceu incólume, transparecendo na sua organização formal, questões que se prendem com a numerologia presente na cultura judaico-cristã.

Prosseguindo a análise sintetizadora desta obra de Vieira, verificamos no início do primeiro capítulo (vol. I) a referência que o padre faz à atração inevitável que o Homem tem pelas profecias, comprometendo-se a contar as histórias que “estão por vir” (Vieira 1953: 2)⁴⁵. O autor refere ainda que o próprio fruto proibido simbolizava o “conhecimento do futuro”, aspeto ao qual Eva não resistiu e desejo esse que nos ficou como “herança” do Paraíso (idem, p. 3). Nesta busca do conhecimento do futuro, os homens refugiaram-se na superstição e na magia e esperavam por “fábulas vulgares” (idem, p. 8), desafiando a sabedoria de Deus, que tão bem sabe guardar os seus segredos (idem, p. 4). Vieira denomina-se como “historiador do futuro” (idem, p. 6) e traça objetivos muito claros para a organização do seu texto: “para exaltação da Fé, para Triunfo da Igreja, para Glória de Cristo, para felicidade e paz Universal do Mundo” (idem, p. 5). O escritor sugere, ainda, uma divisão do tempo em:

- Hemisfério superior e visível – o Passado.
- Horizontes do tempo – o Presente.
- Hemisfério inferior e invisível – o Futuro.

De acordo com esta divisão e prometendo focar-se concretamente em temas relacionados com a História do futuro, informa o leitor sobre o seguinte: “ouvirá o Mundo o que nunca viu, lerá o que nunca ouviu, admirará o que nunca leu, e pasmará assombrado do que nunca imaginou.” (idem)

⁴⁵ Versão online disponível em: http://www.fcsh.unl.pt/docentes/rmonteiro/pdf/Futuro_I.pdf

Com uma escrita absorvente, embora exaustiva, o padre refere dois tipos de futuro: “neque instantia” (futuro próximo) e o “neque futura” (futuro distante), usando como exemplo as profecias do Velho e do Novo Testamento, uma vez que o profeta Isaías, designadamente, anunciou a vinda do Messias muitos séculos antes de Cristo, ao passo que João Baptista também o fez e a profecia se cumpriu de seguida (idem, p. 9).⁴⁶ Com estas palavras, António Vieira elucida-nos sobre o cumprimento das verdadeiras profecias, algo que pode demorar muitos séculos, mas que acontecerá se essas profecias provierem de Deus.

Vieira aborda, por diversas vezes, o sonho de Nabucodonosor, atribuindo o V Império a Portugal e afirmando que tudo lhe será sujeito, que existirá uma “paz sem receio, união sem inveja e que Deus conservará a sua grandeza” (idem, p.13). Por outro lado, alerta o povo lusitano para os seus maiores inimigos: “a soberba, a opulência e a ingratição” (tal como Merlim fez com os bretões, avisando-os sobre os perigos da luxúria e da ostentação) e relembra os motivos que levaram os outros Impérios a cair (Vieira 1953: 11-13). Deste modo, o autor introduz o tema central da obra – o Quinto Império – e refere, a partir do capítulo IV, as utilidades da *História do Futuro*, procurando preparar Portugal para o seu destino sagrado.

- Primeira utilidade: Deus quer que o Homem **conheça** as Suas bênçãos e castigos (idem, p. 15).
- Segunda utilidade: desenvolvimento da **paciência**, enquanto aguardam o cumprimento das profecias (idem, p. 20).
- Terceira utilidade: **fé** nas profecias passadas e futuras (idem, p. 24).
- Última utilidade: correndo o risco de que os inimigos de Portugal se sirvam da *História do Futuro* (designadamente Espanha), é necessário que o Conselho de Estado se componha de um **“discurso militar, político e de fé”** (idem, p. 33).

O padre António Vieira descreve as utilidades da sua obra e, seguidamente, a partir do capítulo VIII, ao continuar a “mesma matéria”, são

⁴⁶ Cf. I Isaías 7:10-16 e Mateus 3:11-12.

visíveis os pontos em comum com o povo de Israel e com o discurso contido na Bíblia. Na verdade, num momento anterior, Vieira assume a posição de um profeta e indica, no capítulo V, que Portugal precisava de ser “renovado e reformado” (idem, p. 20), sendo que os seus “futuros já tinham sido sonhados”, embora tivesse faltado um profeta que os interpretasse” (idem, p. 16). O padre ainda acrescenta que, o “maior serviço que pode fazer um vassalo ao rei, é revelar-lhe os futuros” (idem, p. 7), tal como acontece no sétimo capítulo de Daniel. Do meu ponto de vista, o padre Vieira atribui a si o ofício de profeta e mostra que Portugal é o verdadeiro Quinto Império, refugiando-se nos escritos bíblicos e fazendo a sua argumentação.

No capítulo IV, o autor alerta os portugueses para que não sejam incrédulos e para exercitem a sua fé, de modo a que não sejam castigados, tal como foram os hebreus, acabando por vagar por quarenta anos no deserto, até chegarem à Terra Prometida (idem, p. 18), pois tal como Deus livrou o seu povo das mãos do faraó, também fez o mesmo com os lusos, quando lhes devolveu a independência, a 1 de dezembro de 1640. O padre estabelece um paralelo entre o caso israelita e o português, referindo os períodos em que os israelitas estiveram cativos, sendo que nessas alturas surgiram mais profetas cujas “profecias eram palavras de consolação” (Vieira 1953: 22), tendo em conta as tribulações que viriam a sofrer. Podemos confirmar estes temas nos livros de Ezequiel e Daniel, onde surgem palavras proféticas durante o cativeiro hebraico e, igualmente, antes de o povo israelita ser levado para a Babilónia (Cf. Jeremias). Vieira refere, na mesma página, algumas profecias sobre Portugal, proferidas por um ermitão a D. Afonso Henriques, assunto ligado à Batalha de Ourique e que desenvolveremos mais à frente.

Assim que terminou o período de cativeiro dos israelitas, na Babilónia, o povo escolhido deixou aquelas terras e voltou ao seu território, prosseguindo na reconstrução de Jerusalém (Cf. Neemias 3), ao mesmo tempo “de Castela defendeu Portugal o Reino e de Holanda recuperou as Conquistas” (Vieira 1953: 36), sendo fundamental, para António Vieira, reconhecer nestes dois sucessos “a força do braço de Deus” (idem, p. 37). Ora, tal como o profeta Jeremias havia profetizado, o cativeiro dos hebreus duraria uma geração 60/70 anos, facto que levou o imperador Ciro a crer nas palavras do vidente e a libertar o povo (Jeremias 25: 11-12, 29: 10). Vieira, nesta situação específica,

sublinha os mesmos 60 anos em que o território português dependeu da coroa espanhola. Por outro lado, as profecias diziam que Portugal havia de ser libertado, o que se constata pelas palavras de S. Bernardo, numa carta a D. Afonso Henriques, a 13 de março de 1136, tal como é relatado por António Vieira (Vieira 1953: 44).

Ainda sobre o mesmo tema, o autor da *História do Futuro* indica que o monarca espanhol só foi diferente de Ciro ao não ter facilitado a independência portuguesa (idem, p. 42). De facto, é visível ao longo do capítulo VIII, um discurso enaltecedor de Portugal, em que Vieira alerta os espanhóis para a proteção que Deus dedica ao nosso país, sendo que as profecias preveniam a ruína de alguns reinos e a exaltação de outros (idem, p. 41-42). A perda de independência do reino português correspondeu a um castigo dado pelo Senhor, mas que não ultrapassou os 60 anos, algo que havia sido profetizado (idem, p. 44), pois como se lê em Lucas 12: 48: “A quem muito foi dado, muito será exigido [...]”

Na página 47, Vieira refere a profecia sobre a união do rei Saúl, comparando-a com as profecias que declararam D. Afonso Henriques como monarca fundador e D. João IV como restaurador, visto que um arcebispo castelhano, de nome D. João de Horosco e Covarrovias, deixou escrito que Bandarra havia profetizado sobre a união dos reinos ibéricos. António Vieira sublinha que o reino vizinho apenas admitiu parcialmente as profecias bandarristas, não reconhecendo a parte que dizia respeito à Restauração. Na verdade, nem os castelhanos, nem outros povos que ousem opor-se ao reino português, conseguirão ter sucesso, pois é o braço do Onnipotente que protege o povo luso, que apesar de pequeno conquistou muitas coisas graças ao que estava escrito (Cf. Vieira 1953: 51). Vieira ilustra a sua argumentação com outros exemplos, indicando que, com o apoio de Deus, Gedeão venceu os Madianitas; com o dedo de Deus, o povo de Israel libertou-se da escravidão egípcia e por último, com o auxílio dos exércitos de Deus, Portugal venceu Castela (idem), tal como David derrotou Golias (Cf. I Samuel 17).

A partir da página 56, o padre inicia o parágrafo com uma interjeição, dizendo: “Ouvi, Senhor, a voz de um estrangeiro [...]”, como se iniciasse um

salmo,⁴⁷ mostrando a sua humildade e oferecendo-se como servo de Deus e como profeta de um Portugal predestinado (Vieira 1953: 56). Também Bandarra, no início do Sonho Segundo, trova XCIV, diz clamando: “Oh! Quem tivera poder/Pera dizer,/Os sonhos que o homem sonha”. Por conseguinte, ambos os profetas procuraram “iluminar” os homens e, em determinados momentos, pediram auxílio ao Criador, para transmitir corretamente a Sua palavra.

No capítulo IX, Vieira refere os videntes da Bíblia, que conseguiam ver através das trevas, referindo os versículos 14 a 16 de Mateus 5. Ora, os livros proféticos, contidos nas escrituras sagradas, são como a “candeia na mão dos profetas”, como tal, também a *História do Futuro*, tendo como base as escrituras, é, naturalmente, a palavra do Senhor que se propaga como a luz (idem, p. 57-59). António Vieira continua a indicar que os videntes profetizam e que uma “segunda luz” contribui para que as suas palavras sejam entendidas, tendo em conta que os apóstolos e padres auxiliam os homens nas interpretações da palavra profética, para que o Homem possa entender as palavras dos reveladores, oferecendo assim uma “segunda luz” sobre as mesmas. Na verdade seria como o adágio medieval que o padre jesuíta costumava citar: “um pigmeu sobre um gigante pode ver mais que ele”⁴⁸, tendo em conta que Vieira poderia corresponder ao anão nas costas daqueles que profetizaram na Bíblia, vendo assim um pouco mais longe. Por outro lado, apesar de a Bíblia se fechar em Apocalipse, isso não significava que deixassem de existir profetas ou que estes cessassem de profetizar (Vieira 1953: 60). Na minha opinião, o padre jesuíta chama a si a qualidade de profeta, de modo a legitimar tudo aquilo que diz sobre Portugal como a personificação do Quinto Império, alertando o leitor para a veracidade e para a importância das suas palavras: “[...] ser a nossa História do Futuro mais verdadeira que todas as do passado.” (idem, p. 63)

O padre Vieira tem consciência de que as profecias que redige, na sua *História do Futuro*, não são consideradas escrituras canónicas, por esse motivo acrescenta que podem ser “evidentemente provadas por seus efeitos”, assim

⁴⁷ “Ouve, ó Deus, a voz do meu lamento [...]” (Salmos 64: 2)

⁴⁸ Adágio retirado do texto de Silvano Peloso 2007: 12. “Somos anões aos ombros de gigantes” é uma frase atribuída a Bernardo de Chartres e que se transformou em adágio.

como pela Fé e pela Ciência (idem, p. 61). O autor acrescenta, ainda, que este texto é composto por quatro géneros de verdade, que se manifestarão ao leitor como quatro certezas: a certeza da fé, a certeza teológica, a certeza moral e a certeza provável, tendo como base a “suma Verdade” – Deus (idem, p. 62). Concluindo este capítulo, Vieira relembra que os historiadores falham e que mostram diversos pontos de vista, mas a História que ele se propõe a escrever segue a inspiração divina e havendo só um Deus, há apenas uma verdade (Cf. I Timóteo 2: 5).

O autor prossegue, comparando as profecias a algo valioso, acrescentando que só o Senhor pode permitir que se descubram os seus tesouros (Vieira 1953: 65), visto que muitos estão selados, como acontece com o Apocalipse, e que só serão conhecidos no momento certo (idem). Vieira alerta-nos para o facto de que as profecias nem sempre são claras e que a nossa cegueira não nos permite interpretá-las com a devida clareza (idem, p. 68-69).

A partir do capítulo XII, o jesuíta esclarece o leitor sobre as predições contidas em II Isaías 41, dizendo que se tratavam de profecias sobre Portugal, por ter levado o evangelho de Cristo a outros povos, como o Japão, o Brasil e a China, “sem pisar os caminhos com seus pés” (Cf. II Isaías 41: 3), visto que se deslocaram em navios até chegarem a essas terras (Vieira 1953: 95). Vieira continua a sua interpretação das escrituras, indicando que III Isaías 58 profetiza sobre D. Henrique, o evangelizador dos Descobrimentos, “cujo principal intento naquela empresa, como dizem todas as nossas histórias, foi o puro e piedoso zelo da dilatação da Fé e conversão da gentilidade” (idem, p. 96). Ainda relativo ao mesmo assunto, Vieira esclarece sobre o capítulo 18 de I Isaías, argumentando que o profeta Isaías não falava da Etiópia mas sim do Brasil, “porque o Brasil é a terra que diretamente está além e da outra banda da Etiópia” (idem, p. 98). Sem demoras, refere que “a gente desta terra é terrível (idem, p. 99), e que muito precisavam da pregação cristã que se iniciou em 1550, após a chegada de Pedro Álvares Cabral, e em 1615 no Maranhão, área que Isaías refere especificamente nas suas profecias, de acordo com a interpretação de Vieira (idem, p. 101-103).

O padre jesuíta não só refere a transmigração de Jerusalém para Portugal, cumprindo outras profecias (idem, p. 104-105), como indica que os

portugueses foram escolhidos para “obras tão admiráveis” (idem, p. 106). Para Vieira, esses vaticínios estavam a cumprir-se, nomeadamente quando os navegadores portugueses fizeram passagem a pé enxuto nas suas grandes naus da Índia, para levarem nelas a Fé ao Oriente e trazerem tantos reis orientais à obediência e sujeição da Igreja” (idem, p. 109), tal como profetizado em Apocalipse 16: 12. Segundo o pregador, estas e outras previsões não foram entendidas antes, devido ao fraco conhecimento que se tinha do mundo, algo que se foi alterando perante as Descobertas.

O primeiro volume termina assinalando que os segredos de Deus só são conhecidos quando a Deidade assim o decreta, tendo em conta que muitas profecias estariam a ser cumpridas pelas proezas levadas a cabo pelos portugueses, nomeadamente no cumprimento de I Isaías 24: 15, pois ao levarem o evangelho de Cristo a ilhas incógnitas, cumpriram o oráculo de que os habitantes desses lugares glorificariam o divino Criador.

No início do segundo volume, o autor informa que tratará de assuntos que se prendem com o Quinto Império, descrevendo os reinos focados no sonho de Nabucodonosor. Conforme vamos prosseguindo na leitura, percebemos que Vieira foi preparando o leitor para a descodificação da profecia relativamente ao Quinto Império (no volume anterior), partindo depois para um esclarecimento mais específico sobre questões que se prendam com este tema, dando respostas a perguntas que poderiam surgir.

O padre começa por referir o último império, mas não inicia o desenvolvimento deste assunto sem antes referir os primeiros quatro, conhecidos no sonho do rei Nabucodonosor e que transcrevemos de seguida (Cf. Vieira 1953: 3-7 e Daniel 2):

- Primeiro Império – assírio/babilónico, durou 1300 anos; simbolizado pela cabeça de ouro na estátua.
- Segundo Império – persa, teve catorze imperadores, de Ciro a Dario; durou 230 anos; simbolizado pelo peito e braços de prata.
- Terceiro Império – grego, durou oito anos e dividiu-se em três reinos (Ásia, Macedónia e Egito); simbolizado pelo ventre de bronze.

- Quarto Império – romano, teve trinta e cinco imperadores e dividiu-se em Império Oriental e em Império Ocidental (Roma e Alemanha); simbolizado pelas pernas e pés de ferro e de barro.

No que diz respeito ao derradeiro império, o jesuíta diz que será “novo e futuro” e que falará dele na sua *História do Futuro* (Vieira 1953: 4). Desta feita, o capítulo I, do Livro I, começa com o relato da história do rei da Babilónia, que podemos ler em Daniel 2 e que já descrevemos anteriormente nesta monografia, no capítulo sobre Bandarra. O imperador havia tido “sonhos, que lhe agitaram tanto o espírito que perdeu o sono” (Daniel 2: 1), como tal é o profeta Daniel que acaba por decifrar a visão do rei e trazer paz de espírito ao monarca. Daniel interpreta a visão de Nabucodonosor através da fé e, segundo Vieira, é através da fé que ele próprio atribui aos impérios referidos no sonho as nações que descrevemos há pouco.

Na página 8, António Vieira refere as palavras de Santo Jerónimo, que viveu durante o império romano e que deu voz a todos os escritores eclesiásticos que eram da opinião de que esse império se dividiria em dez reinos (Vieira 1953: 8). Tal como é indicado de seguida, esses dez reinos seriam: Portugal, Castela, França, Inglaterra, Suécia, Dinamarca, “Moscóvia”, Polónia e o próprio império romano, compreendendo a Alemanha e a Itália, como tal, estes dez estados corresponderiam aos dez dedos da estátua, evidenciando a debilidade do império romano (através do barro), mas denotando a força de outrora (através do ferro), no entanto estes reinos europeus nunca foram unidos, porque “o ferro não se pode unir nem ligar com o barro” (idem, p. 9).

Este capítulo termina com um «desabafo» do padre jesuíta: “naquele tempo pagava-se a interpretação de uma profecia infeliz com adorações e sacrifícios hoje pagam-se as interpretações felicíssimas com opróbrios e calúnias” (idem, p. 10), com isto quis Vieira comparar o final do capítulo 2 de Daniel (Daniel 2: 46-49), que refere o generoso agradecimento do rei ante o profeta, com o que sucedia nos seus dias. No meu ponto de vista, o autor recordou Bandarra, que foi perseguido pela Inquisição e que viu os seus versos proibidos, além disso teria na memória outras perseguições levadas a cabo pelo Santo Tribunal, de que ele próprio também foi vítima.

Seguidamente, António Vieira chama a nossa atenção para um ponto que se repete de forma recorrente nas histórias bíblicas: o facto de as visões se repetirem: “não é cousa nova em Deus quando revela cousas grandes, significar por repetidas visões o mesmo mistério e por diferentes figuras a mesma revelação” (Vieira 1953: 11). Na verdade, o mesmo aconteceu com o sonho de José, no qual os seus irmãos se curvaram perante ele (Cf. Génesis 37) e no respeitante à fome no Egito (Cf. Génesis 41), em que as visões foram sempre mais que uma, apesar de terem a mesma interpretação. Tratando-se a questão do Quinto Império de uma “cousa grande”, foi igualmente repetida a visão. Quarenta e sete anos depois do primeiro sonho, já no reinado de Baltazar, Daniel sonhou com quatro diferentes feras que, uma a uma, iam conquistando a sua soberania (Cf. Daniel 7), até que, finalmente, um “filho de homem”, que representa o reino messiânico, recebeu “as soberanias, a glória e a realeza. Todos os povos, todas as nações e as gentes de todas as línguas o serviram. O seu império é um império eterno que não passará jamais, e o seu reino nunca será destruído.” (Daniel 7: 14) O autor da *História do Futuro* termina, indicando que este império do qual nos falou Daniel, não é “passado, senão que ainda está por vir.” (Vieira 1953: 14)

Já no terceiro capítulo, Vieira refere uma terceira visão, que surge em Zacarias 6 e que, com a simbologia dos quatro carros se refere, mais uma vez, aos quatro impérios. Todavia, em Daniel 6: 7, quando o último carro avança contra os quatro ventos do céu, lemos: “Eles avançaram vigorosos, impacientes por percorrer a terra. [...] E eles percorreram a terra.” Para o nosso pregador, esta profecia referia-se aos espanhóis e ao povo português, sendo que “os fortíssimos dos fortíssimos foram os portugueses”, pois tendo em conta tudo o que os navegadores lusos conquistaram e descobriram, “foi empresa de muito maior valor” (idem, p. 16-17).

Na minha opinião, relativamente às três visões proféticas, cada uma delas trazia mais informações relativamente à anterior, tendo em conta que se falou sempre do Quinto Império. Quanto à *História* que o padre Vieira nos conta, todas as profecias apontavam para a predestinação de Portugal, que teria um papel de destaque na formação do Quinto Império, não esquecendo que o facto de ser um dos “filhos” do império romano e de ter principiado a

época dos Descobrimentos, tornava o reino protagonista dos sonhos e visões contidos na Bíblia.

Ao entrarmos no Livro II, capítulo I, lemos o seguinte título: “Que o Quinto Império é o Império de Cristo e dos Cristãos”. De seguida, o autor propõe-se a provar esta sua tese, focando inicialmente a questão da pedra que foi cortada sem mãos e que bateu nos pés da estátua, esmigalhando-os e transformado em pó o que restava da mesma, sendo levada pelo vento. No final, a pedra transforma-se numa alta montanha e enche toda a terra (Cf. Daniel 7: 34-35), por conseguinte Vieira começa por indicar que “é Cristo, o qual em outros muitos lugares da Sagrada Escritura se chama Pedra” (Vieira 1953: 17), lembrando, igualmente, outras pedras importantes nas histórias bíblicas: a pedra que deu de beber aos filhos de Israel, no deserto, realizando Moisés esse milagre, bem como na pedra que David usou para matar Golias. O padre dá mais exemplos e termina o seu raciocínio indicando que até os Rabinos admitem que esta pedra simboliza o Reino do Messias e erram apenas por não crer que o Messias é Cristo. A meu ver, poderíamos acrescentar o versículo 18 de Mateus 16, em que Jesus refere: “[...] Tu és Pedro, e sobre esta Pedra edificarei a minha Igreja, e as portas do Abismo nada poderão contra ela”. Ao lermos este versículo, bem como o sonho do rei babilónico e se terminarmos com Mateus 7: 24-27 (em que Jesus conta a parábola do sábio que constrói a sua casa sobre a rocha, sobrevivendo às intempéries e o do insensato que constrói a sua na areia, sendo levada pela torrente), percebemos que o vocábulo “pedra” é recorrentemente utilizado para dar uma ideia de base para a construção de algo. Neste caso específico, relativamente ao Quinto Império, percebemos pelas Escrituras, e pelos esclarecimentos do padre jesuíta, que a base do último império é sólida e que os inimigos de Cristo nada poderão contra ele.

Seguidamente, o escritor apresenta várias interpretações sobre o monte de onde saiu a pedra, podendo ser, segundo S. Ambrósio e S. Agostinho “o Céu, a Nação Hebraica ou a Virgem Maria”, pois foi uma “obra sobrenatural e divina”, na qual não interferiu o Homem (Vieira 1953: 17-18). De acordo com os escritos de padre António Vieira, esta “obra divina” só poderia ser realizada por alguém sobre-humano, apressando-se a explicar que o Quinto Império pertence ao Filho do Homem, Jesus Cristo, tal como conferimos na segunda

visão de Daniel, (Cf. Daniel 7: 8-14) em que uma coroa é colocada sobre a sua cabeça (Cf. Zacarias 6: 13). Conclui Vieira, nas páginas 18 e 19, que o Quinto Império pertencerá a Cristo e aos “santos do Altíssimo” (Daniel 7: 18, 22 e 27), sendo que estes “santos” são os Cristãos, algo que refere Daniel e confirma o apóstolo Paulo, em I Coríntios 1: 1-2, ao dirigir-se “aos santificados em Cristo Jesus, chamados a ser santos”.

Entre os capítulos II e VII, António Vieira responde a várias perguntas, pondo em evidência as opiniões afirmativas e negativas relativamente aos seguintes pontos:

- “Se o Império de Cristo e dos cristãos será neste mundo ou no outro.”
- “Se o Império de Cristo no mundo é espiritual ou temporal (explora-se a opinião afirmativa e negativa).”
- “Referem-se os títulos do reino temporal de Cristo.”
- “Apresenta-se a conclusão de que o reino de Jesus é espiritual e temporal.”

Em jeito de síntese, resumimos estes seis capítulos focando os aspetos essenciais a esta dissertação. O padre Vieira começa por esclarecer que o Quinto Império ocorrerá neste mundo, tendo em conta o sonho de Nabucodonosor, que nos informa que a referida montanha encheria toda a Terra, no entanto, muito provavelmente este reino continuaria no Céu (Vieira 1953: 20-21). Ao mesmo tempo, o reino seria principalmente espiritual, visto que o que Jesus Cristo veio fazer à Terra se prendia com a espiritualidade (idem, p. 23).

Referindo-se a opinião negativa, quanto ao império de Cristo ser temporal, evidenciamos João 18: 36, onde Cristo diz que o seu reino “não é deste mundo”. Por outro lado, Jesus aconselhou a humildade e a renúncia aos bens e riquezas (Cf. Mateus 19: 21-22), pois também ele era humilde e se não o fosse não poderia pregar através do seu exemplo, pois teria “o domínio de toda a Terra” (Vieira 1953: 24-25). Por conseguinte, não era ele herdeiro de rei nem de imperador, deste modo chega-se à seguinte conclusão: “se não foi Rei temporal, nem por sucessão natural, nem por eleição humana, nem por doação

ou nomeação divina, bem se conclui que o Reino e Império de Cristo [...] de nenhum modo foi nem pode ser temporal, se não espiritual.” (idem, p. 25)

Defendendo-se depois a opinião afirmativa, à qual o padre jesuíta parece ser mais favorável, o autor começa por esclarecer no que consiste este reino temporal de Cristo: “é um domínio soberano e supremo sobre todos os homens, sobre todos os reis, sobre todas as cousas criadas, com poder de dispor delas a seu arbítrio, dando e tirando reinos, fazendo e desfazendo leis castigando e premiando, com jurisdição tão própria e direta sobre todo o Mundo” (idem, p. 26). Ora, Jesus foi chamado de rei por todos os profetas antigos, tal como podemos confirmar em Salmos 2, Salmos 44, Isaías 9, Jeremias 23, Zacarias 9, entre muitos outros exemplos (Cf. idem, p. 23). O próprio Cristo disse a Pilatos que era rei (Cf. João 18: 37 e Mateus 27:11) e, em Apocalipse 1: 4, Jesus é chamado de “a Testemunha fiel, o Primeiro vencedor da morte e o Soberano dos reis da terra”, o que lhe atribui características messiânicas.

Voltando a Zacarias 6: 11, o padre Vieira refere o episódio em que Josué⁴⁹ é coroado com duas coroas, uma de prata e outra de ouro, simbolizando:

- Coroa de ouro – Supremo Sacerdote – Império espiritual.
- Coroa de prata – Supremo Rei – Império temporal.

Estas duas coroas simbolizam “a dignidade suprema do Império de Cristo” (Vieira 1953: 28). Por outro lado, no que diz respeito ao sonho de Nabucodonosor, a pedra que derruba os outros impérios é espiritual e temporal, pois não só os destrói fisicamente, como um império temporal poderia fazer, como depois preenche o mundo com o reino dos cristãos e a cristandade espalhando-se pela Terra (idem, p. 28-29). Conclui-se, assim, que o reino de Jesus Cristo era deste mundo, mas não possuía a “vaidade” e as “falsas grandezas” que “sustentam os outros reinos do Mundo” (idem, p. 31).

O jesuíta continua a sua argumentação, referindo as razões que levam a crer que se trata do reino temporal de Cristo, e os seis títulos do mesmo, de

⁴⁹ *Yeshua*, em hebraico, assume duas traduções: Josué e Jesus.

modo a evidenciá-lo como Messias e como líder de um império no qual os portugueses seriam os protagonistas. Jesus seria rei por:

1. Natureza.
2. Herança.
3. Doação.
4. Compra.
5. Guerra justa.
6. Eleição e aceitação de todos os homens.

No capítulo VI, entre as páginas 31 e 63, o autor apresenta esclarecimentos sobre cada um dos seis pontos anunciados previamente, buscando as mais diversas justificações, sendo que, para nós, não é relevante explorar exaustivamente este assunto. Por sua vez, o capítulo VII conclui que o reino de Cristo é espiritual e temporal, cumprindo as profecias contidas em Daniel e em Zacarias e tendo em conta a genealogia de Jesus Cristo, que podemos ler no primeiro capítulo de Mateus. Vieira aponta que Jesus é o “sacerdote supremo” e o “supremo rei”, sendo que o reino de Judá e o sacerdócio de Levi se unem em Cristo (Vieira 1953: 63). O capítulo VII resume tudo o que foi dito nos capítulos anteriores e que se explorará de seguida por tópicos, esquematizando-se o plano da história do futuro, assunto que é de grande interesse para a nossa monografia e que aborda diversas questões que também encontramos em Bandarra.

Livro Primeiro, onde o autor explora o “nome, a verdade e fundamento deste Império” (idem, p. 65-66), são apresentadas cinco questões:

1. Nas escrituras lemos sobre o Quinto Império.
2. O Quinto Império é diferente do quarto império, que foi o romano.
3. O império romano durará até à vinda do Anticristo.
4. Em Daniel 1, o império do Anticristo corresponde ao império turco.
5. No caso do império romano durar até à chegada do Anticristo, existe a possibilidade de haver um Quinto Império.

Livro Segundo, que explora a definição do Quinto Império em treze questões, fazendo a seguinte síntese: o derradeiro Império será o de Cristo,

terá lugar na Terra, sendo espiritual e temporal, nele distingue-se “o domínio, a posse e o exercício” e teve início desde o nascimento de Jesus; este Império é digno de fé e de obediência; o ministério do império espiritual cabe ao papa e aos seus ministros, ao passo que o que diz respeito ao império temporal cabe aos “príncipes temporais cristãos”, mas Jesus Cristo não exercerá o seu domínio pessoalmente (idem, p. 67-69).

O **Livro Terceiro** foca, em oito questões, a “grandeza e a felicidade” do último império, indicando que o império de Jesus Cristo terá um estado “mais perfeito, completo e consumado”, tal como é descrito nas escrituras, sendo “universal, simultâneo e permanente”, sendo que os cristãos e os justos viverão uma “paz universal” (idem, p. 70-71).

No **Livro Quarto** são exploradas “as causas, os meios e os instrumentos” que contribuirão para levar a efeito o Quinto Império, algo que é comprovado “pelas Escrituras e pelos Doutores”, sendo abordadas dezoito questões, que salientamos de seguida: a fé em Cristo; a extirpação de todas as heresias; a conversão dos gentios; a extinção do Turco e da seita de Mafona (muçulmanos); a conversão dos hereges e dos judeus; o regresso das Tribos Perdidas e dos judeus à sua pátria; a união do povo gentílico ao povo judaico, cumprindo a profecia: “haverá um rebanho e um pastor” (João 10: 16); para ser conseguida a conversão universal dos povos, o Papa, o Espírito Santo, Jesus Cristo, a Virgem⁵⁰ e os pregadores evangélicos desempenharão um importante papel; existirá um príncipe temporal, com “autoridade, poder e armas”, que será imperador e monarca, correspondendo ao “vigário de Jesus Cristo” no império temporal (Vieira 1953: 71-75).

O **Livro Quinto** indica o “tempo, a duração e a ordem do dito império”, resumidos em cinco questões: o Quinto Império ocorrerá antes do Anticristo; os gentios converter-se-ão antes dos judeus; o Quinto Império durará até ao fim do mundo e terá início após a extinção do Império Turco; desde o Presente de

⁵⁰ É importante explorar o motivo pelo qual Vieira refere o nome da mãe de Jesus, quando esta personagem parece não receber grande destaque no Novo Testamento: a intercessão de Maria é necessária, mas não se trata de uma necessidade absoluta, no entanto segundo S. Bernardo, “nenhuma graça é concedida de outro modo que não seja pelas mãos de Maria”. A virgem cooperou na nossa salvação ao merecer ficar grávida de Jesus, porque orou por nós em vida e porque ofereceu a vida de Cristo para a nossa salvação. Maria “negociou a nossa salvação e foi cooperadora da nossa justificação.” Informação disponível em: www.fatima.org.

António Vieira até à vinda do Anticristo podem ocorrer muitos séculos (idem, p. 76).

No que diz respeito ao **Livro Sexto**, três questões resumem que o derradeiro império será temporal e que se fundará na Europa, na província de Espanha e no reino de Lisboa (idem, p. 76-77).

O **Livro Sétimo** dá a resposta mais aguardada, dizendo quem será o primeiro imperador do Quinto Império: D. João IV, usando as palavras de Bandarra para o ilustrar, “Vejo subir um Infante/No alto de todo o lenho” (Trova CXLIX). Ao encerrar o último livro com o nome do monarca, Vieira faz com que recaia sobre o mesmo uma enorme responsabilidade, pois seria ele o primeiro ministro principal de Jesus Cristo, no império temporal.

Tendo em conta o período da pós-restauração, a nação portuguesa denotava um estado psíquico muito particular, aclamando excessivamente Bandarra e todos os sinais (Cf. D’Azevedo 1918: 102), algo que a imprensa fazia questão de propagandear (Cf. idem, p. 105). Faltava apenas que D. João IV cumprisse as restantes profecias, muito em particular aquelas que Vieira havia proclamado, contudo essa fé “é que se apagava” (idem, p. 107). Com a morte do rei, em 1656, António Vieira profetiza que D. João IV haveria de ressuscitar, baseando-se na trova de Bandarra que diz: “O rei novo é acordado” (Cf. Trova XCIX). Esta crença do padre jesuíta mereceu a “atenção” da Inquisição, pois segundo J. Lucio D’Azevedo, “apesar da sua boa-fé, foi influenciado pela educação e a vida nos claustros, pela sugestão constante do milagre e pelo ambiente místico da Companhia, forças que o impeliam ao desvario. A sua capacidade de crer no maravilhoso era enorme.” (D’Azevedo 1918: 115)

Agora, em jeito de conclusão, relativamente aos escritos proféticos do padre António Vieira, verificamos como o autor se fez valer das profecias de Bandarra, que conquistaram uma nova fama no período pós-filipino, explorando temas como o Encoberto, o Quinto Império, o messianismo, a predestinação de Portugal e do rei D. João IV, entre outras questões já verificadas anteriormente. O padre jesuíta manifestou, na *História do Futuro*, um grande domínio das Escrituras Sagradas, bem como de outros artigos reconhecidos pela comunidade católica. Na minha opinião, a sua argumentação contribuiu para o

aumento da credibilidade de algumas profecias já existentes e que faziam parte do “milagrismo lusitano”⁵¹, o que, apesar de o padre Vieira ser um assumido joanista, fomentou o crescimento do sebastianismo, tal como refere J. Lucio D’Azevedo ao escrever que entre doutos e ignorantes “o sebastianismo fermentava sempre” (idem, p. 118). Na verdade, a evolução da crença na vinda de um Encoberto, fosse ele quem fosse, levou a que, por volta de 1712, “o estado mental da nação dizia estarem metade dos Portugueses, que eram os cristãos novos, à espera do Messias, a outra metade à espera de D. Sebastião” (idem, p. 135), aspeto para o qual contribuiu, e muito, o padre António Vieira.

De acordo com Andréia Tavares, tanto o judaísmo como o cristianismo se baseiam em profecias, o que, segundo José Besselaar, influenciou de um modo muito abrangente o processo da História em Portugal (Tavares 2001: 1). A falta de registos históricos em Portugal levou a que a profecia moldasse a História, substituindo os documentos legais em falta, tal como aconteceu com a lenda da Batalha de Ourique (Cf. idem, p. 2). Verificámos que os elementos proféticos ganhavam força quando a “identidade nacional se sentia ameaçada pelas nações vizinhas”, momento em que os profetas falavam “com mais frequência” (idem) e a ideia da vinda de um Messias (um Salvador), enchia as mentes dos portugueses, assim como aconteceu na época em que os israelitas foram levados cativos para a Babilónia. Ora, tanto o povo luso como o povo hebreu esperavam um messias libertador e ambos sentiam a sua identidade nacional ameaçada por nações vizinhas (idem) e tal como indica a professora Andréia Tavares:

As fronteiras do sagrado e do profano nem sempre aparecem nítidas. Das profecias canônicas (profecias consagradas pela igreja) às profecias iluminadas (profecias modernas aceitas com verídicas pela sociedade) tudo parece ser uma questão de tempo. Em Portugal, isso ocorreu, porque os profetas reinterpretaram o texto sagrado e reformularam-no inserindo-lhe as lendas e as crenças daquela época. (idem)

⁵¹ As lendas criaram “o primeiro núcleo dos mitos relativos a Portugal. Reis e Reino protegidos de Jesus e de Maria [...] como este, o do Rei Encoberto, D. Sebastião.” (Centeno 1995: 46)

A contribuição do padre Vieira é deveras visível nestes aspetos, emprestando a D. João IV características de “líder carismático”, do qual se esperava que fizesse uma “reforma social” (Tavares 2001: 3). Por outro lado, Vieira promoveu a concentração dos atributos messiânicos, criando um novo líder, tanto temporal como espiritual, referindo Jesus Cristo e D. João IV, líderes do Quinto Império, que concentravam os seguintes predicados: “profeta, guerreiro, juiz, rei, mestre”, no Antigo Testamento; “libertador, salvador e redentor espiritual”, no Novo Testamento (idem, p. 4). No cristianismo assistimos à junção entre a crença messiânica e a ideia do Juízo Final (idem), devido à fé no Apocalipse de João, o que levou a que os portugueses acreditassem no messianismo “dentro de uma perspectiva escatológica, no qual o elemento principal é o retorno de Cristo no fim do mundo e o estabelecimento de um império espiritual cristão, segundo Vieira na *História do Futuro*” (idem, p. 5). O padre jesuíta acreditava nas profecias canónicas e iluminadas, mas não dava qualquer crédito às adivinhações (Cf. idem, p. 6), indicando que “a cientificidade pode estar presente nas profecias” (idem), aliando-se, neste ponto, a S. Agostinho. A título de exemplo, o jesuíta indica que as profecias de Bandarra foram cumpridas (idem, p. 8), mostrando, assim, quais aquelas em que o povo deveria confiar. De acordo com os versos bandarristas, António Vieira reintroduz temas como o “futuro rei-messias, e o rei Encoberto”, assim como o Quinto Império, presente em Daniel e Zacarias (Tavares 2001: 9), aclamando D. João IV que, “profeticamente”, havia nascido a 19 de março, dia de S. José. (Cf. Marques 2004: 3)

Referindo-nos à matéria onírica, é importante referir que, nos seus sermões, Vieira introduzia a matéria profética quando se referia ao sonho, no que diz respeito à *História do Futuro*, chamou a atenção para a visão de Nabucodonosor, que serviu de ponto de partida para esclarecimentos sobre o Quinto Império. Segundo Luís Filipe Lima, o padre “encontra em (certos) sonhos o Futuro, anunciado por Deus”, tendo em conta as responsabilidades que o “sonhador” tem relativamente à matéria sonhada, tal como o rei babilónico sonhou com o seu império, por ser ele o imperador (Lima 2000: 60-61). Na sua obra, o padre António Vieira fez uso da tradição de sonhos proféticos, sendo que esses sonhos, enquanto profecias e visões, se tornaram

comuns na literatura lusa, povoada pelo Maravilhoso e pelo Divino, servindo de base ao joanismo e ao sebastianismo (idem, p. 89). O autor da *História do Futuro* buscou nos livros sagrados os textos que eram marcados pelo sonho e interpretou as suas profecias, aplicando-as a Portugal e ambicionando que os portugueses realizassem o seu “destino futuro”, assim “refez a lógica do sonho”, através das diversas esperanças lusitanas relacionadas com o Quinto Império (idem, p. 90).

Tecendo as linhas finais sobre a profecia, referimos que muitos pregadores, tal como Vieira, utilizaram a “mística messiânica”, de modo a motivar os seus ouvintes, culminando no ponto que esclareceu João Marques:

Mercê de vários factores – milenaristas, judaicos e nacionais, – a realidade pudera mesmo projectar-se, simbolicamente, neste ideal messiânico de cariz político-religioso que veio a adquirir uma forte raiz popular. (Marques 2004: 4)

Encontramos, a partir do século XVI, “vestígios de um pensamento que, interpretando as Escrituras, pretende ver na época decorrente os sinais da realização profética” (Buescu 1982: 13), aspeto que se refletiu nos escritos de Vieira. Na verdade, o Santo Tribunal condenava o milenarismo presente nos seus textos, sendo que este pensamento “de raiz hebraica [...] assimilado pelo Cristianismo, a partir do pensamento joanino [...] que traduziu um conjunto de reflexões sobre o sentido da história universal, interpretando-a em função dum [...] Fim dos Tempos”, (idem, p. 17) alcançou alguma fama entre os portugueses, prevendo uma calamidade que marcaria o início de uma era milenária, ideias que incomodavam a Inquisição.

Para Vieira, o país lusitano seria uma “nação eleita” e os portugueses os “agentes de Deus”, como tal o autor “desvia-se aparentemente da ideia de um Império nacional para a de um Império do mundo. Mas o centro desse Império é Portugal” (Centeno 1995: 51, 55). Para fundamentar estes princípios, o jesuíta interpreta as escrituras sagradas e faz uso das profecias de Bandarra, não assumindo que teve sonhos ou visões, mas sim que buscou o conhecimento na Bíblia, nos escritos dos santos e na sua própria pesquisa interpretativa.

Tal como foi referido anteriormente, no respeitante ao milagrismo popular, os escritores da época, entre os quais destacamos António Vieira, contribuíram para que a “mística imperial” se manifestasse em “função da fé”, o que se refletiu na “prioridade do espiritual sobre o económico” (Marques 2004: 6). O período filipino e a restauração reavivaram as profecias do Bandarra e alimentaram as ideias vieiristas, aproximando a literatura portuguesa do Quinto Império, onde D. João IV adquiriu atributos messiânicos e Portugal e o papel de destaque na efetivação de um Novo Mundo. De acordo com João Marques, estes fatores contribuíram para a “consolidação da independência restaurada” (idem, p. 8), encontrando-se motivos messiânicos sobre as conquistas ultramarinas e dando continuidade à profecia de Ourique. Como tal, “a *História do Futuro* está longe de se encerrar no espaço e no tempo: o seu espaço é o Mundo, o seu tempo é o Millenium.” (Buescu 1982: 25)

4. Profecia Moderna e Contemporânea

4.1 Fernando Pessoa e *O Encoberto*

Mensagem é, sem sombra de dúvidas, ao menos para Pessoa, o primeiro passo, na direcção de um outro futuro. Outro futuro apenas não aquele presente. Um futuro que Fernando Pessoa considerava possível, mas apenas na consciência plena das limitações da carne, do assumir da derrota ultramarina, da pobreza instalada nas mentes e nas instituições. (Nuno Hipólito 2010: 3)

Fernando Pessoa tem motivado as mais diversas pesquisas e reações, por se tratar de um autor riquíssimo e com um vasto conjunto de textos. Apesar da sua extensa obra escrita, a *Mensagem* foi o “único livro de poemas de Fernando Pessoa, publicado em português durante a sua vida”.⁵² Nesta dissertação focaremos apenas esta obra, mas mais especificamente a terceira parte da mesma, que se dedica ao *Encoberto* e ao futuro de Portugal. Naturalmente, não colocaremos de parte outros escritos pessoanos que se

⁵² Texto de Fernando Cabral Martins, na contracapa da edição de 2007 da *Mensagem*, Biblioteca Editores Independentes.

aproximem de temas como o sebastianismo, a profecia e o Quinto Império, uma vez que, para Pessoa, o mito sebastianista funcionaria “como instrumento nacional(ista) de emergência futura do Quinto Império” (Real 2013: 197).

Nasceu a 13 de junho de 1888 e faleceu a 30 de novembro de 1935, em Lisboa, contudo fez uma passagem pela África do Sul, uma vez que, após a morte do pai, Pessoa foi viver para aquele país africano, com a mãe e com o padrasto. Tendo recebido a sua educação escolar na África do Sul e tendo regressado a Portugal em 1905, manifestou “uma forte curiosidade pela possibilidade de discernir um conteúdo místico presente na noção de nacionalidade portuguesa” (Uribe/Sepúlveda 2012: 142), o que o aproximou das *Trovas do Bandarra* e dos textos de António Vieira.

No caso específico da *Mensagem*, o poeta plural cumpre um sonho de escrever um livro patriótico, mas que não se traduzisse apenas numa “simples paixão nacionalista”⁵³ (Pessoa 2007: 6), por isso procura elucidar os portugueses sobre o seu futuro, de forma a incitá-los a sair do marasmo em que se encontravam no início do século XX, procurando “ligar Portugal à Europa” (Pessoa 2007: 6) e criar um novo nacionalismo⁵⁴ – assunto que aprofundaremos mais à frente.

A *Mensagem* concorreu ao “prémio de poesia instituído pelo Secretariado de Propaganda Nacional” (idem, p. 5) e diz a História que ficou em segundo lugar, no entanto a mesma História deixou que o nome da obra vencedora, naquele ano de 1934, se fosse esfumando, enquanto o conjunto de poemas de Pessoa continua a surpreender o leitor e a estimular as mais diversas interpretações, nomeadamente no que diz respeito ao profetismo.

Dedicando-nos agora à análise e à interpretação da *Mensagem*, focaremos vários aspetos das duas primeiras partes, mas despenderemos mais tempo com a última, que foca o futuro de Portugal.

⁵³ Pessoa tinha uma convicção absoluta na “missão patriótica e ao mesmo tempo universalista do seu livro.” (Quadros 1984: 53)

⁵⁴ “Pela simbólica trinitária, um destino exemplar que é mítico, e não apenas histórico, um destino exemplar que ao ser narrado deste modo aponta para a via da alma, da interioridade.” (Centeno 1995: 6-7)

Passemos a uma curta observação formal da obra, tendo em conta as três partes em que se divide⁵⁵:

- **Primeira parte – *Brasão***

I – *Os Campos* – “O dos Castelos”, “O das Quinas”.

II – *Os Castelos* – “Ulisses”, “Viriato”, “O Conde D. Henrique”, “D. Tareja”, “D. Afonso Henriques”, “D. Dinis”, “D. João O Primeiro”, “D. Filipa de Lencastre”.

III – *As Quinas* – “D. Duarte, Rei de Portugal”, “D. Fernando, Infante de Portugal”, “D. Pedro, Regente de Portugal”, “D. João, Infante de Portugal”, “D. Sebastião, Rei de Portugal”.

IV – *A Coroa* – “Nun’Álvares Pereira”.

V – *O Timbre* – “O Infante D. Henrique”, “D. João O Segundo”, “Afonso de Albuquerque”.

- **Segunda Parte – *Mar Português***

I – *O Infante*

II – *Horizonte*

III – *Padrão*

IV – *O Mostrengo*

V – *Epitáfio de Bartolomeu Dias*

VI – *Os Colombos*

VII – *Ocidente*

VIII – *Fernão de Magalhães*

IX – *Ascensão de Vasco da Gama*

X – *Mar Português*

XI – *A Última Nau*

XII – *Prece*

- **Terceira Parte – *O Encoberto***

I – *Os Símbolos* – “D. Sebastião”, “O Quinto Império”, “O Desejado”, “As Ilhas Afortunadas”, “O Encoberto”.

II – *Os Avisos* – “O Bandarra”, “António Vieira”, “Screvo meu livro à beira-mágoa”.

⁵⁵ “Fernando Pessoa exprime, em *Mensagem*, o “sonho português” de ser ele mesmo e mais, muito mais, do que ele mesmo. Com três avisos define três espaços, o histórico, o mítico e o místico.” (Centeno 1995: 22)

III – Os Tempos – “Noite”, “Tormenta”, “Calma”, “Antemanhã”, “Nevoeiro”.

Ao verificarmos o texto *As Mensagens da Mensagem*, de Nuno Hipólito, apercebemo-nos de que a *Mensagem* está repleta de aspetos simbólicos, o que obriga a “análise e a reflexão”, (Hipólito 2010: 3), tendo em conta os mais diversos temas “sobre todas as tradições esotéricas da civilização ocidental”, como: “a cabala judaica, o sufismo árabe, as lendas de Nostradamus e de Bandarra, a tradição astrológica, a tradição templária, o politeísmo greco-romano e a tradição mítica europeia em torno d’ «O Encoberto».” (Real 2013: 3) Os 44 poemas da obra trazem uma mensagem extremamente simbólica, escondendo muitos códigos dentro de cada linha, visto que nada foi escrito por acaso. Segundo Nuno Hipólito, esta obra de Pessoa tem como objetivo a “mudança pelo indivíduo”, fazendo uso de diversas “figuras” transformando-as em “símbolos”, retirando determinados “eventos” do seu tempo e incluindo-os como parte de “um destino maior”, pondo em evidência um “outro futuro” (Hipólito 2010: 3). Uma vez que esta monografia não procura demorar-se em questões formais, será útil, para ilustrar o que acabamos de indicar, fazer uma pequena incursão na numerologia, tendo em conta a simbologia presente na *Mensagem*. Hipólito chama a atenção para o título da referida obra, que tem oito letras. O número 8 representa a harmonia e está ligado aos templários, através da cruz de oito pontas. Visto que o texto de Pessoa esteve para se chamar “Portugal”, manteve-se o mesmo número de letras no título, sendo “que a «Mensagem» é «Portugal» e «Portugal» é a realização da missão da Ordem de Cristo e – por descendência – da Ordem do Templo.” (Hipólito 2010: 4) Seguem-se outras interpretações, com base na alquimia, aspeto que é deveras cativante, mas que não abordaremos nesta monografia.

Ora, de acordo com estudos já realizados na década de 1970, nomeadamente por Yvette K. Centeno, descobrimos um Fernando Pessoa amante do esoterismo e das correntes da metafísica ocultista (Real 2013: 195). Por outro lado, manifestava interesse na “visão messiânica de Teixeira Pascoaes” (idem, p. 196) e pronunciava-se na revista *A Águia*, salientando a “absolutização do tema saudade como coração da identidade nacional” (idem). O poeta plural, ao debruçar-se sobre o “nacionalismo”, acabou por se ligar ao

“esoterismo” (idem), explorando, igualmente, o Quinto Império e o sebastianismo, caminhos que, segundo Miguel Real, o padre Vieira também havia trilhado (Cf. idem). Tanto na *Mensagem* como em outros textos escritos por Pessoa, que abordam estes dois temas (Quinto Império e sebastianismo), o escritor busca “refundar Portugal, a poesia, a prosa, o teatro”, procurando “criar uma nova civilização” (idem), uma vez que a lenda de Ourique já se encontrava esgotada, sendo útil a criação de um novo mito “fundador/refundador”. Era necessário anular-se o “supremo valor de Deus”, assim como outros valores da “civilização ocidental”, positivando-se a “vitalidade histórica do sebastianismo” e a construção do futuro Quinto Império, “fundando ideal e miticamente passado e futuro” (idem, p. 196-197). Com esta “reflexão de cariz nacional”, Pessoa permite-se iniciar a “transformação da nação” (Uribe/Sepúlveda 2012), tal como veremos na análise que iremos fazer da *Mensagem*.

Na minha opinião, Fernando Pessoa traz a esta obra poética várias profecias que acompanharam a história portuguesa, chamando a nossa atenção para alguns dados proféticos. Antes de iniciar a primeira parte, *Brasão*, o autor começa com uma locução latina: “Benedictus Dominus Deus noster qui dedit nobis signum”, que se pode traduzir por: “Bendito seja Deus, nosso Senhor, que nos deu o sinal” (Hipólito 2010: 6), frase com significados “herméticos, nomeadamente Rosa-crucianos” (idem). Confirmamos, com esta locução, que a *Mensagem* é um “aviso e um anúncio e uma obra de sinais” (idem). Para Pessoa, tal como para os gnósticos, Jesus Cristo é o maior de todos os símbolos (idem), e, como temos visto ao longo desta dissertação, uma peça-chave entre as mais diversas profecias, nomeadamente as que estão ligadas ao messianismo, sendo que, tal como é referido em I Timóteo 2: 5, “há um só Deus, e um só mediador entre Deus e os homens, um homem: Cristo Jesus [...]”.

Pessoa divide esta obra poética em três partes, algo que denota uma forte simbologia numerológica. O “Brasão” simboliza a “nobreza do povo português” (Hipólito 2010: 7) e, do meu ponto de vista, espelha, nos dezanove poemas que compõem esta parte, a consolidação do reino português, que se estendeu ao longo dos séculos, refletindo-se, simbolicamente, no escudo que hoje vemos na bandeira portuguesa.

No poema, “O dos Castelos”, de acordo com o que é dito por Nuno Hipólito, o sujeito poético inicia a narração da “aventura épica de um povo eleito por Deus para uma missão” (idem, p. 9), comparando a Europa a um corpo. Segundo a análise realizada por Hipólito, o destino de Portugal é seguir-se ao Império Britânico que, naquela época, se encontrava em decadência (idem, p. 10), por essa razão e sendo “O Ocidente, futuro do passado”, é Portugal o rosto da Europa, devido à sua posição singular, no mapa Europeu, o que lhe traz a responsabilidade acrescida de marcar o futuro do Velho Continente.

O texto poético “O das Quinas” recorda-nos, mais uma vez, o brasão português, representando as cinco quinas e os cinco reis mouros derrotados na batalha de Ourique, em 1139. Esta batalha, tendo marcado uma “importante vitória sobre os muçulmanos” (idem, p. 11), está também associada ao milagre de Ourique, que marcou a bênção de Deus perante a predestinação de Portugal.⁵⁶ Sublinhamos o quinto e o sexto versos, “Baste a quem basta, o que lhe basta/O bastante de lhe bastar!”, palavras que lembram a *História do Futuro*, quando Vieira alertava os portugueses para o perigo da ganância desmesurada e da ostentação, de modo a que não desejassem mais do que lhes estava destinado nas profecias (Cf. Vieira 1953: 11-13).

Seguindo para o segundo subtítulo, *Os Castelos* e pondo de parte os poemas “Ulisses” e “Viriato”, detemo-nos no terceiro, “O Conde D. Henrique”, que indica que “Todo começo é involuntário”, tal como lemos no primeiro verso. Assim como o padre Vieira dizia que nenhum grande império era edificado sem que o Senhor o permitisse, também D. Henrique serviu de instrumento nas mãos de Deus, que era o “agente”, e assim se formou Portugal (Hipólito 2010: 21). A meu ver, podemos associar a espada, que é referida no poema, ao ciclo arturiano e ao facto de simbolizar uma monarquia que se tornou magnânima, ou, por outro lado, podemos vê-la como um “símbolo de guerra e de mudança”, uma vez que a “mudança é trazida pelo conflito” (idem), tal como é indicado em

⁵⁶ “Em Portugal, o mito da «eleição» por obra e graça divina já tinha consagrado a dupla função do rei no tempo de D. Afonso Henriques. O chamado «Milagre de Ourique». [...] Não é a filiação que o torna rei, mas a batalha de Ourique, contra cinco reis mouros, e o seu milagre.” (Centeno 1995: 43-44)

Mateus 10: 34.⁵⁷ D. Henrique é visto pelo sujeito poético como um “meio para um fim maior” (idem), não tendo a consciência, na sua época, de que desempenhou um importante papel na construção do grande reino português.

Pessoa continua e descreve, no quarto e no quinto poemas, D. Teresa e D. Afonso Henriques, sendo que, no caso do nosso primeiro rei, o retrata como um nobre cavaleiro e um exemplo de força e de coragem, algo que poderia servir de inspiração aos tempos que corriam, com o objetivo de impedir que “novos infiéis” vencessem (idem, p. 26), nomeadamente aqueles cujas ideias impediam que Portugal avançasse rumo ao progresso e à modernidade, tema que desenvolveremos mais à frente.

Já no sexto poema, “D. Dinis”, o autor canta o sexto rei de Portugal e, na minha opinião, transmite ao leitor a sensação de estar a olhar para o rei, enquanto este escreve as suas cantigas de amigo e escuta o “marulhar” do pinhal de Leiria, que D. Dinis, num ímpeto profético, mandou semear. Trata-se do “Plantador de naus a haver” (Pessoa 2007: 24), como está patente no segundo verso, um rei que se destaca entre os outros monarcas e que escreveu as suas rimas num idioma que começava a ganhar forma e força, com o crescimento de Portugal: o galaico-português (Cf. Hipólito 2010: 28). D. Dinis foi um herói que “ignorava a sua missão”, tal como “convém ao mito” (Hipólito 2010: 28), ao plantar os pinheiros que mais tarde serviram para fazer as naus que levaram o povo lusitano até novos territórios – uma visão muito “pura” e “inocente” dos Descobrimentos (idem).

No sétimo poema, parte II, a agraciada é D. Filipa de Lencastre, “princesa inglesa da casa dos *Plantagenetas*”, que se casou com D. João I. Este casamento marcou a aliança com Inglaterra e trouxe a Portugal a “*Inclita geração*”, visto que os filhos dos monarcas foram importantes vultos da história lusitana, em especial D. Henrique, o grande impulsionador dos Descobrimentos (idem, p. 32). Pessoa escreve sobre a rainha e compara-a a Maria, mãe de Jesus, como se também D. Filipa tivesse sido, profeticamente, alertada por um “arcanjo”, sobre os “génios” que conceberia (Cf. idem, p. 33). A rainha é chamada de “Princesa do Santo Graal” (Pessoa 2007: 26), aspeto que suscita

⁵⁷ “Não penseis que vim trazer a paz à terra; não vim trazer a paz, mas a espada.” (Mateus 10: 34)

várias interpretações, Nuno Hipólito sugere duas, sendo que uma indica que o Santo Graal representa “o sangue de Cristo, origem da linhagem com sangue nobre, origem divina e providencial do Império ainda por nascer”, em particular porque foi ela a mãe de D. Henrique e portanto a “mãe do Ultramar” e “madrinha do futuro de Portugal” (Hipólito 2010: 33), na sua demanda das marés. Por outro lado, e arriscando uma interpretação pessoal, podemos ver D. Filipa de Lencastre como uma verdadeira princesa do Santo Graal, devido à sua ascendência britânica e portanto herdeira do ciclo arturiano, unindo em si as virtudes da mulher aristocrata da época medieval, muito presentes na literatura artúrica.

Tendo em atenção o terceiro subtítulo, *As Quinas*, e mais especificamente o quinto poema, que fala sobre D. Sebastião, sendo ele a “Quina mais emblemática” (idem, p. 45), o narrador começa por abordar a “loucura” de D. Sebastião, por ter desejado a “grandeza” (Pessoa 2007: 33), o que se trata de uma referência a D. Filipe II, o rei castelhano, que considerava a expedição sebastianista “uma loucura” e que por isso recusou o seu apoio à mesma (Cf. Hipólito 2010: 46). Sim, D. Sebastião buscou grandeza, porque “a Sorte a não dá” (Pessoa 2007: 33) e de “Desejado” passou a “Encoberto”, renascendo para um mito maior do que a sua curta vida (Cf. Hipólito 2010: 46).

Curiosamente, Luís Vaz de Camões dedica *Os Lusíadas* a um Sebastião vivo e muito desejado, no entanto muito mais se escreveu sobre o Sebastião “morto”, que tantos esperavam “encoberto” e que haveria de regressar em momento oportuno. O último rei da dinastia de Avis evolui de homem para *conceito*, deixando que o sebastianismo carregue o seu nome, embora codifique em si um enredo cultural e histórico, presente no âmago da alma lusitana. Será tudo isto o “Cadáver adiado que procria?” (Pessoa 2007: 33), julgo que sim.

Mais uma vez, e profeticamente falando, Deus não deixa nada ao acaso e por ser “louco, doente e fraco capitão” (idem), Sebastião foi igualmente um “nobre português que desejou e morreu em busca da glória” (Hipólito 2010: 46), morreu, sim, mas não morreu a sua obra, porque tal como dizia Vieira, dificilmente o Homem conheceria todos os segredos de Deus (Cf. Vieira 1953: 4). O que, aparentemente, marcava o fim de Portugal acabou por se revelar

como uma oportunidade para que o povo luso mostrasse o seu valor e valentia, pois tal como dizia o Senhor, em II Isaías 49: 16, “Eis que eu gravei a tua imagem na palma das minhas mãos. As tuas muralhas estão sempre diante dos meus olhos [...]” e o Senhor não se esqueceria das promessas feitas a Portugal, herdeiro do Quinto Império.

Focando o quarto subtítulo, *A Coroa*, Pessoa aponta exclusivamente Nuno Álvares Pereira, a quem entrega a “coroa”, homenageando-o pelos seus “feitos e personalidade”, embora não tenha sido rei (Hipólito 2010: 48). O condestável perseguiu sempre, tal como já referimos nesta monografia, o ideal do “cavaleiro puro”, aproximando-se da personagem Galaaz, um dos cavaleiros da Távola Redonda, ligado à demanda do Santo Graal.⁵⁸ A “auréola” do ilustre Álvares Pereira simboliza o facto de ter sido um “santo iluminado” e um guerreiro respeitável (Cf. Hipólito 2010: 49). Outra referência ao ciclo arturiano é a “Excalibur”, espada que atribuía a Artur a categoria de monarca de Inglaterra, por ter sido o único a conseguir retirá-la da rocha, aspeto que é referido na obra *Le Mort d’Arthur*, sendo que o poeta plural considera o Condestável “cavaleiro por dedicação, mas rei por direito (Hipólito 2010: 49).

Tal como já havia feito anteriormente (no que concerne a D. Afonso Henriques), Pessoa estimula o leitor a ganhar coragem e a inspirar-se nos feitos de Nuno Álvares Pereira, pedindo ao virtuoso cavaleiro: “Ergue a luz da tua espada/Para a estrada se ver” (Pessoa 2007: 37). Mais uma vez, a luta personificada pela espada, que os portugueses teriam de travar, de modo a trilharem um glorioso caminho, apesar de um trilho apertado, “que conduz à vida, e como são poucos os que o encontram” (Mateus 7: 13-14), Portugal teria de se preparar para uma “revolta futura [...] de consciências, mentalidades humanas” (Hipólito 2010: 50), falando-se de um Quinto Império menos material e mais intelectual.

Sobre os três últimos textos poéticos, presentes no quinto subtítulo, *O Timbre*, Pessoa refere o infante D. Henrique, D. João II e Afonso de

⁵⁸ Podemos, inclusivamente, referir uma passagem na *Chronica d’El-Rei D. Joao I*, capítulo XXV, pp. 106-107, que ilustra a relutância de Nuno Álvares Pereira em se casar: “Mas lia a miude por livros d’historias, especialmente da historia de Galaaz, que fala da Tavola Redonda, e porque em elas achara que, por virtude de virgindade, Galaaz acabara grandes e notáveis feitos, que outros acabar não poderam, desejando muito de o similhar em alguma cousa [...]”

Texto disponível em: http://purl.pt/416/3/hg-17355-p/hg-17355-p_item3/index.html#/110.

Albuquerque. Apesar de não contribuírem muito para o tema da profecia, é de referir a conclusão de Nuno Hipólito: “o Império do Oriente se fundou num tríplice conjunto de forças complementares (visão, vontade e força)”, simbolizado por estas três personalidades (Cf. idem, p. 56-57).

Depois de terminada a descrição do brasão português e do que compôs a história da nação, debruçamo-nos, agora, sobre a segunda parte desta obra pessoana, de nome *Mar Português*, em que o autor foca aspetos relativos à posse do mar (*possessio maris*) e, conseqüentemente, aos Descobrimentos. São doze os poemas que compõem esta parte e tal como refere Nuno Hipólito, “12, número da plenitude, que o episódio marítimo está acabado e não mais se vai repetir. O ciclo fechou-se” (idem, p. 58). Na segunda parte da *Mensagem*, Pessoa prepara-nos para as reflexões finais, em que o leitor compreenderá que o fim do império material já aconteceu, que faz falta a renovação do mito e novas conquistas imateriais que farão a expiação da pátria e que culminarão na efetivação das promessas que estão guardadas para Portugal, como futuro líder intelectual e o próprio semblante da Europa.

O primeiro poema, “O Infante”, abre com o verso “Deus quer, o homem sonha, a obra nasce” (Pessoa 2007: 49), frase que nos recorda os sonhos contidos nas *Trovas do Bandarra* e que funcionaram como profecias, tal como os sonhos/visões de outros reis e profetas, como Nabucodonosor e Daniel, algo já abordado anteriormente. Na verdade, o sujeito poético indica que nada acontece que seja contrário à vontade de Deus, pois Ele “fez a partir de um só homem todo o género humano [...] e fixou a sequência dos tempos e os limites para a sua habitação, a fim de que os homens procurem a Deus e se esforcem por encontrá-lo, mesmo tacteando, embora não se encontre longe de cada um de nós.” (Actos 17: 26) Tanto o versículo que acabamos de citar, como as palavras do poeta ao longo d’ “O Infante”, relembram-nos que é Deus quem tem de “querer”, pois é Ele quem, de um modo profético, inspira o Homem a realizar determinadas ações, visto que depois do sonho, os homens cumprem o que a visão profética os leva a concretizar. O indivíduo sonha, mas é “impotente na vontade”, sendo um “instrumento nas mãos de Deus”, assim como o Senhor deu aos portugueses a “missão divina de ver o mundo.” (Hipólito 2010: 60)

O poema termina com dois versos que indicam o fim da vida do Império marítimo, que morreu jovem, “desfazendo-se”, contudo ainda faltava “cumprir-se Portugal”, isto é, o destino “glorioso (e imaterial) da alma, já que se desfez o destino material do corpo.” (idem, p. 61)

No respeitante ao terceiro texto poético, “Padrão”, atentemos no último verso da segunda estrofe, “O por-fazer é só com Deus” (Pessoa 2007: 51), tal como o provérbio *o futuro a Deus pertence*, que nos diminui perante um longínquo futuro, que só a onisciência do Criador conhece. Por outro lado, o poeta indica que “o mar sem fim é português” (idem), pois ao povo luso pertence o “Império Maior, o Império da Dor, do Sofrimento, o Império Espiritual” (Hipólito 2010: 67). Apesar de não conseguir descodificar todos os segredos de Deus, “o porto sempre por achar” (Pessoa 2007: 51), a seu tempo o Senhor revelará aos portugueses os seus mistérios, tal como fez com o rei babilónico (Cf. Daniel 2: 28) e assim como Jesus falava por parábolas, para confundir os que não mereciam conhecer os “mistérios do Reino do Céu” (Cf. Mateus 13: 10-11).

“O Mostrengo”, quarto poema da segunda parte, remete para o “Adamastor” de Camões e, tal como indica Nuno Hipólito, “é um poema reduzido em simbolismo” opondo-se aos restantes poemas, uma vez que “a linguagem de Pessoa é na *Mensagem* progressivamente mais escura e hermética” (Hipólito 2010: 70). No entanto, consideramos este texto importante para a nossa dissertação porque, apesar de representar uma situação específica, já narrada por Camões, ilustra um momento crucial, em que o terrível monstro foi vencido pela coragem dos portugueses e pelo nome do rei D. João II. Na minha opinião, tal como o homem que expulsava demónios em nome de Jesus (Cf. Lucas 9: 49-50), ou o Diabo, a Besta e o falso Profeta que foram derrotados pelo poder de Deus e de Cristo (Cf. Apocalipse 20: 10), os portugueses derrotaram, no mar, um símbolo do Mal, para construírem o Império material. Ao mesmo tempo, podemos mencionar a ideia medieval do dragão, “símbolo generalizado do mal e da adversidade.” (Tresidder 2000: 54) Faltava, para Fernando Pessoa, derrotar outro “Mostrengo” que podia ser visto como o estado deplorável em que se encontrava Portugal, no início do século XX, com um fraco nível social e cultural e que pedia uma renovação. Julgo que

o poeta procurava inspirar o leitor, lembrando-o das reais capacidades dos portugueses, procurando causar uma revolta nas suas ideias e ideais, tal como refere Nuno Hipólito: “depois do medo inicial, surge a certeza. Depois da coragem, a verdade.” (Hipólito 2010: 72)

Sobre o “Ocidente”, o sétimo poema do *Mar Português*, podemos lê-lo como uma continuação de “Os Colômbos”, momento em que o poeta, de certa forma, “ridiculariza” os espanhóis e a conquista de Cristóvão Colombo, que usufruiu de uma “luz emprestada” (Pessoa 2007: 55), ao achar a América pensando tratar-se da Índia, conquistando, assim, uma “falsa glória, por querer enganar o Destino” (Hipólito 2010: 77). No caso dos portugueses, “Foi Deus a alma e o corpo Portugal/ Da mão que o conduziu” (Pessoa 2007: 56) e, por isso, mais uma vez se comprova que os marinheiros lusitanos foram instrumentos nas mãos de Deus. Tal como os profetas iluminam o caminho dos povos (Cf. Vieira 1953: 57-59), também “a força divina da missão estava no âmago dos navegadores” (Hipólito 2010: 80), concluindo-se que Colombo “achou” a América por um erro de cálculo, mas os descobridores portugueses “chegaram” ao Brasil por inspiração, pois “o Destino [...] estava, mesmo se por um acaso, traçado” (idem).

No décimo texto, “Mar Português”, o autor não se refere a uma personalidade em particular, como fez no poema anterior com Vasco da Gama, pois procura elevar um herói coletivo:

A mensagem é, em bom rigor, um longo poema que vai do “real” para o “ideal”, do “físico” para o “metafísico”, do “passado” para o “futuro”. E porque o real é mais palpável do que o ideal, Pessoa escolhe uma linguagem progressivamente mais diáfana, menos concreta, à medida que avança no ser relato. Abandona também cada vez mais a epopeia em favor da profecia. (Hipólito 2010: 88)

O sujeito poético recorda que o mar foi conquistado a custo de muitas dificuldades, embora esses sacrifícios tivessem sido necessários para que as descobertas e as conquistas se realizassem. Trata-se, portanto, de uma mensagem final positiva, pois apesar de todos os “perigos do mar” é ele que “espelha o céu” (Pessoa 2007: 60), ou, podemos dizer, a grandiosidade de

Deus. Desta feita, é neste poema que Pessoa “derrota (espiritualmente) o «Velho do Restelo»” (Hipólito 2010: 90), que no canto IV d’*Os Lusíadas*, simbolizava o pessimismo perante a demanda que os navegadores portugueses iriam enfrentar.

“A Última Nau”, o penúltimo poema da segunda parte, narra o desaparecimento, a ausência e o regresso de D. Sebastião. Assistimos ao fim efetivo do Império material, que é simbolizado pela “última nau”, contudo o poeta nunca refere que o rei Desejado faleceu, na verdade, Pessoa menciona “uma ilha indescoberta” na qual o monarca “aportou” (Pessoa 2007: 61). Este aspeto é deveras curioso, uma vez que no século XVII o povo admitia que, tal como o rei Artur, D. Sebastião também detinha uma ilha, onde se encontrava aportado. Um dia haveria de chegar a Portugal, com uma armada e acompanhado pelo próprio rei Artur, para libertar os portugueses de qualquer tipo de opressão que enfrentassem na altura (Cf. D’Azevedo 1918: 128-129). O facto de sempre se ter falado do “desaparecimento do rei” e não da sua morte, uma vez que nunca se encontrou o corpo e nem ocorreu um funeral, facilitou a difusão da ideia do seu regresso. Muitos, entre o século XVII e XVIII, chegaram a afiançar que el-rei se encontrava no reino e que, no momento certo, se manifestaria (Cf. D’Azevedo 1918: 133), mesmo que já tivesse ultrapassado, e muito, a esperança média de vida da época.

Ora o décimo-primeiro poema, “A Última Nau, anuncia não só o fim do Império do mar, como vaticina a “ressurreição da alma portuguesa” (Hipólito 2010: 92). Não se sabe a hora em que D. Sebastião chegará, mas essa hora acontecerá (Cf. Pessoa 2007: 62), porque é necessário o regresso de um Sebastião, mesmo que simbolicamente, para que aconteça a “regeneração nacional” (Hipólito 2010: 93). Fernando Pessoa conhece o estado decadente em que se encontra Portugal e ele “vê como um profeta, um Bandarra, um Vieira” (idem), avista profeticamente a salvação que a pátria necessita, surgindo como um “sol”, pondo um fim à “névoa” (Pessoa 2007: 62), renovando o Império lusitano, vivendo uma “nova realidade”, mas num “futuro incerto” (Hipólito 2010: 94).

A segunda parte da *Mensagem* termina com uma “Prece”, tal como os cristãos crentes se ajoelham à noite, à beira das suas camas e pedem nas

suas orações que a manhã chegue e a noite acabe. Também Portugal se encontrava num período “noturno”, de enfraquecimento cultural, restando-lhe apenas as memórias de glórias passadas e o desgosto de as ter perdido: “Restam-nos hoje, no silêncio hostil,/O mar universal e a saudade” (Pessoa 2007: 63). Esta noite é a morte, mas uma morte “essencial para a ressurreição”, porque “na morte nada se perde, senão aquilo que era para ser perdido” (Hipólito 2010: 96). Tal como Jesus anunciou, em Lucas 24: 46-48: “o Messias havia de sofrer e ressuscitar dentre os mortos” e após tudo isto se passar, Cristo haveria de enviar o que o “Pai prometeu”. Portugal, por sua vez, usufruiria do seu Império Material, enfrentando depois a morte e a ressurreição que traria o Império Espiritual, tal como a ascensão de Jesus trouxe a vinda do Espírito Santo (que havia sido prometido por Deus) no dia de Pentecostes (Cf. Actos 2: 1-12).

Segundo o autor, “a mão de vento” (Pessoa 2007: 63), pode erguer as “cinzas”, tal como a “mão de Deus, guia os homens nas suas ações” (Hipólito 2010: 97), quando se apresentam caminhos mais sinuosos. O final do poema apresenta o desejo de uma nova conquista, que a voz do poeta transmite ao “Senhor” que escuta a sua prece, lembrando que o povo português aguarda o cumprimento das profecias, que se refletirão, para Pessoa, na efetivação do Império Imaterial (Cf. idem, p. 97).

Após terminada a narração sobre a construção da pátria, em *Brasão*, e sobre o período das conquistas marítimas, em *Mar Português* (Cf. Hipólito 2010: 98), Fernando Pessoa apresenta ao leitor a sua “História do Futuro”, tendo preparado a plateia, ao longo de todos os poemas, para esta fase em que apresentará e justificará o mito do sebastianismo e a necessidade da sua renovação. Pessoa reconhece, nomeadamente em *Bandarra* e em *Vieira*, as profecias por eles escritas e a sua influência na construção do mito sebástico, indicando que chegou a hora de se cumprirem os vaticínios relativos a Portugal, aguardando-se a chegada do “Encoberto” que dá nome à terceira e última parte desta obra poética.

Podemos fazer várias interpretações deste texto pessoano, tanto do ponto de vista da alquimia e da hermética, como de outros que nos propuséssemos a justificar, no entanto apesar de fazermos algumas

referências relativamente a esses pontos, tendo em conta os mais variados textos, focaremos mais especificamente a questão da profecia, comparando Pessoa a Bandarra e a Vieira, tendo em conta a evolução do sebastianismo.

Nas notas de Jorge Uribe, no livro *Trovas do Bandarra*, que se baseia em vários apontamentos feitos por Fernando Pessoa, relativamente às profecias bandarristas, lemos o seguinte: “o profeta, então, não está longe do poeta, e ambos partilham uma certa iniciação” (Bandarra 2010: 146). Para o poeta plural, Bandarra iniciou um género literário com características proféticas, que progrediu ao longo dos séculos e que inspirou António Vieira a escrever a *História do Futuro*, tal como Pessoa escreveu a *Mensagem*, que continha importantes “avisos” para os portugueses (Cf. idem, p. 148). De acordo com Fernando Pessoa, o sebastianismo surge como a “máxima expressão da alma portuguesa” (idem), sendo que ao identificar e ao estudar o mito português, percebeu que não havia a necessidade de criar um outro, mas sim de o renovar, cumprindo assim o “dever patriótico” (idem, p. 149) de um poeta. As célebres palavras: “O verdadeiro patrono do nosso País é esse sapateiro Bandarra. Abandonemos Fátima por Trancoso”⁵⁹ (Bandarra 2010: 149), ilustram a preocupação (e também alguma vontade de provocar) de Pessoa perante a crescente influência da Igreja Católica em Portugal (que conheceu uma nova ampliação após as aparições aos pastorinhos), uma vez que o escritor pretendia substituir a Igreja por uma “cultura nacional sebastianista, assumindo D. Sebastião como o «Christo nacional»” (Real 2013: 197)⁶⁰. Por outro lado, o poeta considerava que, “só há uma saída acreditando em Deus. Em algo de superior a que pode dar-se esse nome (ou outro, o nome é só referência) e que «ocupando» o homem lhe preenche o destino e lhe dá sentido” (Centeno 1985: 51). Tratava-se portanto de acreditar em algo maior e de ser motivado por alguma coisa que preenchesse o seu destino, mas sem uma crença cega e medíocre. Fernando Pessoa tratava do ocultismo, “a busca do outro lado das coisas”, assim como da “magia, da cabala, do rosicrucismo, da maçonaria e das ordens iniciáticas em geral” (idem, p. 53). Por sua vez, o

⁵⁹ Pessoa, numa entrevista à Revista Portuguesa, a 13 de outubro de 1923, defendeu o fim do catolicismo romano, dizendo o seguinte: “Não precisamos dos sete montes de Roma: também aqui, em Lisboa, temos sete montes. Edifiquemos sobre estes a nossa Igreja.” (Centeno 1995: 63)

⁶⁰ Fernando Pessoa ansiava por “um mundo cristão que aproveitasse simultaneamente as lições de S. Paulo e de Lutero.” (Centeno 1995: 80)

autor da *Mensagem* procurava destacar o discurso messiânico e “assegurar a importância do seu projecto literário para a realização do destino de Portugal” (Bandarra 2010: 150), indicando, inclusivamente, que Bandarra havia profetizado o nascimento do próprio Pessoa (Cf. idem, p. 128), o que lhe atribuía características messiânicas e uma responsabilidade acrescida. Por outro lado, em 1912, ao anunciar o surgimento de um “supra-camões”, sendo que muitos consideram que ele se referia a si próprio, Fernando Pessoa inclui-se na génese do sebastianismo e “incarna” verdadeiramente o mito (idem, p. 149), considerando-se uma “personagem das profecias” (idem, p. 151).

Ao tomarmos conhecimento de todos estes fatores, a nossa leitura da *Mensagem* atinge outro patamar, no qual verificamos a influência que Pessoa pretendia ter na construção do Império Imaterial – mais do que um profeta, a anunciar o momento para se dar início ao Quinto Império, o poeta “supra-camões” era também um protagonista da realização das profecias.

Passando à análise dos treze poemas que compõem a terceira parte da *Mensagem*, Nuno Hipólito chama a atenção para a leitura de Apocalipse 13, onde é referido o “Falso Profeta” ou a “Besta Terrestre” (Hipólito 2010: 99). Por outro lado, visto que Pessoa aborda questões relacionadas com o Quinto Império, na minha opinião, talvez seja uma referência ao ministério de Cristo, que visto por muitos como o Messias, tinha doze apóstolos que o seguiam ($12+1=13$).

O texto de Nuno Hipólito também refere as palavras de António Quadros, que indica que o Encoberto é o “imperador do V Império” e que revelará o Santo Graal, dissipando o “nevoeiro que envolve a pátria” (idem, p. 98). Na verdade, é curioso verificar o caminho que as profecias percorreram até chegarem a Fernando Pessoa, sendo que o santo Graal, que abordámos ao falar do profeta Merlim, volta a surgir depois de já termos debatido Bandarra e Vieira. Ora o poeta plural, um estudioso da literatura e da História portuguesa, sabia como usá-las a seu favor, procurando atingir o íntimo dos portugueses e levá-los à ação. Pessoa procurava equiparar e substituir Jesus Cristo, colocando D. Sebastião no seu lugar (Cf. idem), pois, tal como Cristo, o rei português foi “esperado” antes do seu nascimento, e, depois de

desaparecido, foi sempre o mais “aguardado” (idem), assim como os cristãos esperam a segunda vinda de Jesus.

O *Encoberto* abre com a expressão latina *Pax in Excelsis*, funcionando como uma apelo à “suprema paz” e à “unidade universal” (idem), provavelmente invocando a necessidade de paz espiritual no país. O primeiro subtítulo corresponde a *Os Símbolos*, abrindo com o poema “D. Sebastião”, expoente máximo das representações simbólicas e que dá nome ao mito português. O sujeito poético refere o “intervalo em que esteja a alma imersa” (Pessoa 2007: 71), referindo-se ao momento em que o monarca se encontra “adormecido”, podendo regressar a qualquer momento, visto que a morte é apenas um momento “transitório” (Hipólito 2010: 100). Segundo o autor de *As Mensagens da Mensagem*, o poeta invoca o “símbolo e não o monarca”, isto é, “o mito quase puro” (idem, p. 101), dando ênfase ao facto de a morte não ter grande significado, quando se crê na “imortalidade da alma” (idem, p. 102). Este poema reflete a importância que Pessoa dava à renovação do mito sebastianista, ansiando pelo seu regresso e pelo renascer da pátria, não colocando toda a sua esperança num único homem, divinizado ou não, que pudesse “salvar” Portugal (Cf. idem, p. 102).

O segundo texto poético, “O Quinto Império”, é composto por cinco estrofes, com cinco versos cada, tendo alguma importância do ponto de vista estético, mas simbolizando, acima de tudo, a “perfeição”.⁶¹ (Hipólito 2010: 104) Para entendermos melhor este poema, é fundamental conhecermos as reflexões de Pessoa relativamente às profecias de Bandarra e de Vieira, assim como a sua posição perante o melhor método interpretativo. Fernando Pessoa indicava que, para se interpretar os vaticínios, era necessário adotar um “sistema interpretativo” (Bandarra 2010: 124), sendo que “a interpretação profética é sempre tripla” (idem, p. 125). No caso específico que abordamos neste momento – o Quinto Império – existiriam, de acordo com Pessoa, três formas para se fazer a leitura do sonho do rei Nabucodonosor, tanto no plano *intelectual*, como no *material* e no *espiritual* (Uribe/Sepúlveda 2012: 14). Estes

⁶¹ “Número ligado à Humanidade, o cinco é amiúde representado, graficamente, por um homem cuja cabeça e membros esticados formam uma estrela de cinco pontas [...], o número cinco era um importante símbolo de totalidade nas tradições chinesa, japonesa, celta, entre outras [...]. Na iconografia cristã, o cinco refere-se ao número das chagas de Cristo [...]. O cinco era um símbolo de força no Judaísmo, bem como o número da quinta-essência na alquimia.” (Tresidder 2000: 166-167)

três patamares remetem para os níveis de leitura da Bíblia, praticados, nomeadamente, no período medieval: alegórico, tropológico e anagógico, que nos permitem fazer a leitura do texto bíblico, para além de nos valermos do sentido mais simples – o literal. Isto porque a Bíblia influenciou e continua a influenciar a escrita de muitas outras obras, o que se reflete na historiografia, sendo que “pode fornecer, por exemplo, normas éticas para o comportamento humano, [e] no seu patamar mais alto, o acesso a verdades eternas e imutáveis” – níveis exegéticos superiores. (Dias 2003: 2)⁶²

Ao lermos o poema, constatamos que o autor aborda o V Império no plano intelectual, seguindo a seguinte ordem dos reinos: grego, romano, cristão/medieval, europeu e o Universal (Cf. Uribe/Sepúlveda 2012: 14), por ser um império que se baseará na união (Cf. Hipólito 2010: 107). No que diz respeito ao plano material, o Quinto Império já se havia cumprido, tendo em conta a hegemonia europeia que se seguiu à Babilónia, à Pérsia, à Grécia e a Roma; ao passo que, no Império Espiritual, Pessoa considerava três reinados: o de Osíris, o de Baco e o de Cristo (Cf. idem).

Fernando Pessoa utiliza o poema, “O Quinto Império”, para criticar aqueles que não têm coragem de sonhar e de acreditar nas profecias, que se contentam com o que têm e aguardam a “sepultura” (Pessoa 2007: 72). Para querer, ansiar e obter mais, o Homem tem de ser “descontente” (idem). Assim como os navegadores lusos enfrentaram os perigos do mar e, nomeadamente, o Cabo da Tormentas, também os portugueses do início do século XX teriam de soltar as amarras da inércia e participar na construção do Quinto Império profetizado.

Os três últimos poemas, incluídos no subtítulo *Os Símbolos*, “O Desejado”, “As Ilhas Afortunadas” e “O Encoberto”, esclarecem o leitor sobre o que compõe o sebastianismo, tendo em conta uma simbologia intensa, escondida num emaranhado de versos. É importante sublinhar a intertextualidade com o ciclo arturiano, presente n’“O Desejado”, algo que já referimos anteriormente. “D. Sebastião perde todas as características de

⁶² Consultar as atas do Colóquio Internacional, “O Riso na Cultura Medieval”, em que no texto “O humor nos assuntos «sérios»”, Isabel Barros Dias refere os autores Bruyne e Henri de Lubac, relativamente aos temas que acabámos de referir.

Disponível em: <https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/1560/1/dias.pdf>.

homem e passa a ser quase um símbolo puro” (Hipólito 2010: 108), daí a necessidade da comparação a Galaaz, o mais puro dos cavaleiros, na busca do Santo Graal. Na verdade, este texto poético já não refere o nome do rei D. Sebastião, refere apenas o “Desejado”, alguém que “jaz”, mas que “a alma penitente do povo” aguarda, “sonhando” (Pessoa 2007: 74) o seu retorno. O poeta chama pelo “Desejado”, referindo-se a ele como “Mestre da Paz” (no primeiro verso da terceira estrofe), o que relembra o versículo 6, de Isaías 9, em que o Messias é chamado de “Príncipe da Paz”, sendo que outros se referiam a Cristo chamando-o de “mestre” (Cf. Mateus 19:16). Na minha opinião, trata-se de uma alusão ao messianismo, apesar de podermos considerar outras interpretações ligadas ao esoterismo, tal como refere Hipólito, sobre o verso “Ergue-te do fundo de não-seres”, indicando que se trata de uma “exortação mágica, um encantamento de um mago” (Hipólito 2010: 108). De facto, verificamos aspetos ligados à cultura celta, a Merlim, aos cavaleiros da demanda do Santo Graal; menções católicas, como a “Eucaristia”; e expressões provenientes do esoterismo. Por outro lado, constatamos que o sujeito poético “invoca o mito, para que venha trazer uma nova vida ao corpo morto de Portugal” (idem, p. 108).

A espada surge novamente, a “Excalibur do Fim” (Pessoa 2007: 74), como “símbolo da paz infinita, do último reino” (Hipólito 2010: 110) e como a promessa do surgimento de um “novo céu” e de uma nova terra” (Cf. Apocalipse 21: 1-6), em que há a promessa de uma vida pacífica, em que Deus habitará com os homens, “sem morte, sem luto, sem pranto, nem dor”, porque o Messias esperado renovará “todas as coisas”. Trata-se de um cenário idílico (tal como o enunciado por Merlim, nas suas profecias, indicando que animais selvagens e predadores habitariam em comunhão com as suas presas), presente nas mais diversas profecias, sendo que o mito de D. Sebastião traria a “luz da comunhão, a luz do conhecimento e da união, a um mundo dividido” (Hipólito 2010: 110).

O poeta refere, no poema seguinte, que o Desejado se encontra nas “Ilhas Afortunadas”, aproveitando a lenda que focámos anteriormente e que dizia que D. Sebastião voltaria da sua ilha, acompanhado por uma poderosa armada, para libertar os portugueses. Curiosamente, no período em que

ocorreram as invasões francesas, mais concretamente por volta de 1808, o sebastianismo ganhou uma nova força, mas como dizia José Agostinho de Macedo: “um Sebastianista é um mau cristão [...] é o maior de todos os tolos”, isto porque “os sebastianistas, em vez de correrem às armas para libertar a pátria, aguardavam o socorro divino exarado nas profecias” (D’Azevedo 1918: 146). Fernando Pessoa, através do poema “As Ilhas Afortunadas”, contraria estes acontecimentos do século XIX, adiantando que as ditas ilhas “são terras sem ter lugar” (Pessoa 2007: 75), anunciando que não deveríamos esperar por um D. Sebastião de carne e osso, mas aguardar o seu regresso “espiritual” (Cf. Hipólito 2010: 113). O eu poético refere uma voz misteriosa, que guarda o nosso sono durante a noite, desta feita partimos do princípio de que esta voz sempre nos acompanhou, sendo por isso que “a dormir sorrimos”, como refere o último verso da segunda estrofe (Pessoa 2007: 75). Sorrimos porque possuímos a certeza, mesmo que adormecida, da chegada espiritual do Desejado.

O último poema desta subparte, “O Encoberto”, texto que alcança o novo símbolo para o Quinto Império, requer uma atenção cuidada. De acordo com Nuno Hipólito, “D. Sebastião, que perdera a razão, a vida e depois o nome, perde agora até a consistência de uma memória, para ser enfim um símbolo absoluto, depurado, essência pura e incontaminada.” (Hipólito 2010: 114) Tendo em conta o curso que seguimos ao longo da *Mensagem*, tal como o caminho que temos vindo a percorrer nesta monografia, começando com as lendas e a os mitos associados a Merlim; as trovas de Bandarra, alteradas pelos homens e pelo tempo, mas com uma mensagem em estado bruto; a cristianização da profecia em Vieira, dominada pela argumentação, pela Bíblia e pelo espiritual; chegamos a Pessoa, que espelha a *intelectualização da profecia* nos poemas que compõem a *Mensagem*, recorrendo aos mais diversos aspetos simbólicos. Tal como refere Hipólito, assistimos a uma “decantação”, a um “processo alquímico”, para a “obtenção dos símbolos” (idem).

Uma vez que não procuramos demorar-nos muito neste poema, restamos resumir que o poeta dialoga com o leitor para concluir qual é o “símbolo final” (Pessoa 2007: 76) desta nova “religião”. Este poema refere a “Rosa”

como o novo símbolo, algo que o texto *As Mensagens das Mensagem* declara ser uma referência maçónica, mais especificamente à Ordem Rosa-cruz, rosa que simboliza a “Vida” (Hipólito 2010: 115), tal como é indicado no poema.⁶³ Na verdade, se nos debruçarmos sobre a segunda estrofe e mais concretamente os dois últimos versos, se desenharmos uma cruz, unindo as quatro palavras escritas com maiúscula, obtemos duas parelhas: Cruz-Cristo/Rosa-Destino. A Cruz, associada a Cristo, é já morta e passada, sendo que a Rosa é o futuro, simbolizando o Encoberto: “A «Rosa» identifica-se com o «Encoberto», ou seja, a Rosa (o alvorecer) encontra-se sincreticamente com o «Encoberto» (o mito regenerador) no palco da eternidade (a cruz), completando a tripartida conjugação mágica do futuro” (idem, p. 116). Pessoa continua a tirar partido do mito, associando a manhã ao momento da chegada do *Messias*, embora num plano intelectual, em que será rompido o nevoeiro.

O segundo subtítulo, *Os Avisos*, comporta três poemas apenas, falando de Bandarra, de António Vieira e por último de um homem não nomeado, mas que acreditamos ser Fernando Pessoa – os três grandes *profetas* portugueses, que abordaram intensamente a questão do Quinto Império e que “avisaram” os demais sobre o regresso do Escolhido.

Sobre Bandarra, o poeta refere que foi “Confuso como o Universo/E plebeu como Jesus Cristo”, indicando que o sapateiro sonhou com o futuro de Portugal, mas que foi um homem simples, vítima de perseguição por parte da Inquisição. As suas *Trovas* colheram o amor e o ódio, ao longo de muitos séculos, mas tiveram uma grande influência na cultura portuguesa, alimentando o sebastianismo que já existia em estado embrionário, pelos diversos fatores já indicados anteriormente (como o messianismo judaico, entre outros aspetos). Ao escrever as suas profecias, o sapateiro de Trancoso enfrentou o sistema, porque alertou o povo, assim como João Baptista preveniu os judeus relativamente à chegada de Cristo.

No que diz respeito a António Vieira, “Imperador da língua portuguesa” (Pessoa 2010: 80), o poeta escreve um texto de louvor ao jesuíta, pois foi um estudioso, tendo em conta a época em que vivia, e que incluiu Bandarra nos

⁶³ Rosa como símbolo do mundo e da vida, “contém em si os elementos do mistério ou sofrimento, que são os espinhos.” (Centeno 1995: 72)

seus escritos, nomeadamente na *História do Futuro*, dando um rumo ao tema do Quinto Império e explorando o joanismo, uma das facetas do mito sebastianista. O padre jesuíta concedeu alguma credibilidade a Bandarra e alcançou mais ouvintes no que diz respeito à sua tese profética, através das suas palavras sobre o messianismo. Além de ter chamado a atenção do Santo Ofício, conseguiu, inclusivamente, provocar o ódio de Marquês de Pombal que o acusou de ser o autor das *Trovas* de Bandarra e o “criador da seita” (o sebastianismo), tendo procurado destruir todos os seus textos (Cf. D’Azevedo 1918: 141). Por outro lado, António Vieira representou Portugal e o Brasil, o que lhe concedeu uma “essência universal” (Hipólito 2010: 121) e provocou a expansão do mito.

Os versos que referem António Vieira informam-nos de que é chegada “a madrugada irreal do Quinto Império” (Pessoa 2007: 80), aproximando-nos da manhã que trará o início do Império Universal, que abraçará o mundo.

O terceiro poema, que sobrevive sem nome e que cabe ao leitor lê-lo com o título de “Fernando Pessoa”, transmite um peso enorme, de um homem que tem os “olhos quentes de água” (idem, p. 81), carregado de pesar e angustiado, esperando a vinda do seu Senhor. O poeta aproxima-se dos cânticos de David (Cf. Salmos 23, 24 e 25), aguardando que venha a “possuir a terra” (Salmos 25: 13), aquela mesma terra que é profetizada em Apocalipse 21: 1-6⁶⁴ e pela qual Pessoa anseia. “Quando virás a ser o Cristo”? (Pessoa 2007: 81), questiona o profeta, querendo saber quando é que o Encoberto “ocupará o lugar de Cristo nos corações dos portugueses, como novo símbolo e religião” (Hipólito 2010: 125). Assim como Portugal necessitava de ser resgatado dos tempos turbulentos em que vivia, também o sujeito poético assumia um estado de alma bastante agitado, desejando para si a mesma calma, a mesma paz que o Encoberto traria, para acabar com os sentimentos de dúvida que o poema deixa transparecer, vivendo por fim o “Império Cultural” que todo o seu ser ansiava (Cf. idem, p. 125-127).

Chegamos à parte final da *Mensagem*, em que o subtítulo *Os Tempos* dá lugar aos cinco últimos poemas. O primeiro, “Noite”, narra a história dos dois irmãos Corte Real que faleceram em expedições marítimas, sendo que um

⁶⁴ “Vi então, um novo céu e uma nova terra [...] a cidade santa, a nova Jerusalém [...] (Apocalipse 21: 1-2)

terceiro irmão não pôde, por ordem de seu pai, ir em seu socorro (Cf. *idem*, p. 130). O poeta inicia este subcapítulo final com a “noite” que antecede a expansão do Quinto Império, narrando uma história que causa alguma comoção, perante o “enigma” que envolve o desaparecimento de ambos os irmãos e a angústia daquele que, dominado pela “amargura”, é obrigado a ficar em terra sem os poder resgatar (Cf. Pessoa 2007: 85). A tragédia que se abateu sobre esta família torna-se na “tragédia Universal de uma nação” (Hipólito 2010: 132), contudo, Pessoa deixa-nos um alerta na parte final do poema, dando a entender que devemos “sair do saudosismo, do marasmo e partir em busca do que é espiritual” (*idem*, p. 133). A morte não pode ser o fim, assim como a hegemonia portuguesa não terminou com o fim da era dos Descobrimentos, estes factos prendem-se apenas a uma condição material, sendo que o Homem deve almejar a busca da “revelação” (*idem*) e do que é etéreo.

Os três textos seguintes, “Tormenta”, “Calma” e “Antemanhã”, levam-nos, passo a passo, até ao momento da catarse que se sentirá no derradeiro poema. Em “Tormenta”, apesar do mar agitado e dos terrores do “abismo” (Pessoa 2007: 87), surge uma luz de esperança: “O relâmpago, farol de Deus, um hausto/Brilha” (*idem*) e este é o sinal esperado, uma “licença divina” (Hipólito 2010: 135) para que Portugal siga o seu destino.

Depois do temporal que enfrentámos nos versos anteriores, vem a “calma”, tal como ilustra o dito popular, “depois da tempestade, a bonança”. No poema “Calma”, voltamos a ouvir falar da “ilha velada” (Pessoa 2007: 89), aonde a lenda dizia que se encontrava D. Sebastião. Sabemos que não é disso que fala Pessoa, pois há muito que se ultrapassou a crença no regresso de um rei físico, pois esta ilha é espiritual e um objetivo num percurso místico, rumo ao Quinto Império (Cf. Hipólito 2010: 138).

Em “Antemanhã” voltamos a encontrar o mostrengo, que “Veio das trevas a procurar/A madrugada do novo dia,/Do novo dia sem acabar;” (Pessoa 2007: 90). Na minha opinião, este ser que em tempos nos parecia assustador⁶⁵, surge mais submisso e “servil” (Pessoa 2007: 90), em busca do seu amo, “Aquele que está dormindo/E foi outrora Senhor do Mar”: Portugal

⁶⁵ Cf. “O Mostrengo”, em *Mar Português* *idem*, p. 52.

conquistador. O mostrengo havia aprendido a respeitar os portugueses e saiu das “trevas” para acordar a alma lusa que, nos tempos de Pessoa, se encontrava adormecida e esquecida do seu espírito impetuoso – o seu aviso pressagia que a manhã de um renovado dia estaria para breve. Este ser abismal havia passado a coroa de “rei do mar” a D. João II, que simbolizava todos os portugueses e era chegado o momento de receber a coroa espiritual de governador do último Império,⁶⁶ tal como indica João Manuel Mimoso, relativamente ao monstro do mar:

Face a "O Mostrengo" de Mar Português conclui-se que Pessoa quer de novo simbolizar o medo do desconhecido, agora não do mar ignoto, mas da via para o Quinto Império na qual Portugal ainda não se lançara (está dormindo). No entanto o mostrengo que um dia foi soberano é agora servo de Portugal (o medo já não será nosso, mas de outros) que procura, debalde, para o início do caminho.⁶⁷

Detendo-nos agora no poema “Nevoeiro”, o autor faz, na primeira estrofe, o retrato de Portugal do século XX, um país sem “rei nem lei”, com um “fulgor baço” e “um brilho sem luz” (Pessoa 2007: 91), no fundo uma nação sem rumo. Depois de descrever o percurso glorioso de Portugal, ao longo de toda a *Mensagem*, foca na terceira parte em geral, mas neste poema em particular, um povo que se encontra numa espécie de “meio-termo”, onde não há “nem paz nem guerra” (idem). Como indica o verso final da primeira estrofe, trata-se de um Portugal que se assemelha a um “fogo-fátuo”, usando assim a imagem de um corpo que começa a entrar em putrefação e da qual resulta uma chama efémera, do gás por ele libertado. Na minha opinião, trata-se de uma metáfora bastante pujante e visual, que nos permite quase sentir o cheiro de uma pátria moribunda.

Na segunda estrofe, o sujeito poético sublinha a falta de objetivos que a nação portuguesa manifesta, “Ninguém sabe que coisa quer”, tal como o desconhecimento interior/espiritual, “Ninguém conhece que alma tem” e prossegue a sua descrição, acrescentando que ninguém conhece “Nem o que

⁶⁶ Sobre o poema “Antemanhã”, Nuno Hipólito refere que o “Senhor do Mar”, ao qual o poeta se refere, é o próprio mostrengo. (Cf. Hipólito 2010: 142)

⁶⁷ João Manuel Mimoso, na análise ao poema “Antemanhã”, disponível no site: <http://www.tabacaria.com.pt/mensagem/Encoberto/antemanha.htm>.

é mal nem o que é bem” (idem). Lembra-nos, na verdade, as palavras do apóstolo João, que escreve à igreja da Laodiceia e diz: “Conheço as tuas obras: não és frio nem quente. Oxalá fosses frio ou quente. Assim, porque és morno – e não és frio nem quente – vou vomitar-te da minha boca.” (Apocalipse 3: 15-16). Assim se encontrava Portugal, morno e operador de obras que se mantinham insípidas. Por oposição, podemos ler Filipenses 2: 12-15, em que Paulo incentiva o trabalho em prol da salvação de cada um: “Pois é Deus quem, segundo o seu desígnio, opera em vós o querer e o agir”, para que “no meio de uma geração perversa e corrompida; nela brilhaiis como astros no mundo.” Pessoa pretende compelir o povo lusitano à ação, para que em vez de “fogo-fátuo”, passem a ser “astros” de luz dominante, porque sonhar por si só não chegaria, para realizar os desígnios profetizados. Havia uma necessidade de agir, tal como é referido em Tiago 2: 20, “a fé sem obras é estéril” e de modo algum procria.

Este era o ponto em que o país se encontrava na primeira metade do século XX, sem motivação, sem conhecimento de que caminho seguir, por falta de um destino para ambicionar. Ao mesmo tempo o poeta deixa transparecer, em poemas anteriores, que já foram dados passos para a concretização das predições relativas ao Quinto Império: já não é noite, apesar de ainda não ser dia, porque Portugal é nevoeiro e é chegado o momento de agir. Digamos que este não é um final de uma história, ou um término apoteótico que acalma ou descansa o leitor. Pelo contrário, Pessoa pretende causar agitação, incitando os portugueses a participarem e a “empenharem-se no V Império” (Cf. Uribe/Sepúlveda 2012: 15), pois o novo reino espiritual não se cumprirá por meio de um povo inerte e ignorante. Assim como indica Nuno Hipólito: “Pessoa exorta o poder do futuro ainda por acontecer” e por esse motivo “a *Mensagem* fecha-se sobre si própria”, incitando a uma ação que traga “o nascer do Novo Sol (que destruirá o «Nevoeiro»).” (Hipólito 2010: 144)

O autor de *As Mensagens da Mensagem* indica que Pessoa tem uma dupla perspetiva sobre Portugal, como nativo e como estrangeiro, por ter vivido muitos anos na África do Sul (Cf. idem, p. 145), o que lhe dá uma visão mais ampla, reconhecendo a falta de empenho que existe por parte dos portugueses, num país artificial, sem ambições e desligado que precisava de ser estimulado, de modo a “procurar no íntimo a razão que ilumina a vida e que

vale a pena ser vivida” (idem, p. 146). Pessoa espera mais de Portugal, mais do que apenas “Ter por vida a sepultura” (Pessoa 2007:72) e incita à ação, para que se concretize o sonho, tal como lemos em Hebreus 7: 11-12, “Desejamos, porém, que cada um de vós mostre o mesmo zelo para a plena realização da sua esperança até ao fim, de modo que não vos torneis preguiçosos, mas imiteis aqueles que, pela fé e pela perseverança, se tornam herdeiros das promessas.”

Por último, o poema termina como uma locução em latim, “*Valete, Fratres*”, uma expressão que significa “Adeus, irmãos” e que também era utilizada em rituais maçónicos (Hipólito 2010: 146). Para além de se tratar de uma despedida fraternal, pode também simbolizar “o início temporal do Quinto Império”, marcado pela publicação da *Mensagem*, que constituiria “o momento colectivo iniciático” (Real 2013: 197) – entrávamos, desta feita, no período do Quinto Império.

A *Mensagem*, escrita entre 1913 e 1934, descreve a “alma portuguesa através da sua história”, focando a “ascensão, o apogeu e o declínio de Portugal” e revelando “sinais misteriosos” sobre aquilo que estaria por vir (Fernandes/Sution/Fernandes 2011: 2-3), tirando partido do mito sebastianista. Pessoa viveu num período de instabilidade político-militar e assistiu ao início do Estado Novo (1933) que, entre muitas outras medidas tomadas, manteve a censura sobre a imprensa, trouxe a proibição da vida partidária e manteve a maioria dos intelectuais “à margem do regime” (Saraiva 1993: 357-358). Para trazer ânimo a um povo entorpecido pela situação social e política, Fernando Pessoa fez uso das profecias de Bandarra e dos textos de António Vieira, que tanto admirava; o poeta reconhecia que muitas das trovas atribuídas a Gonçalo Annes, nomeadamente o terceiro corpo, teriam sido forjadas, o que lhe causava um maior interesse, porque as profecias do sapateiro haviam inspirado outros a escrever sob “a mesma luz” (Cf. Bandarra 2010: 147). Para o poeta plural, ser um “creador de mythos” era o patamar mais alto que o ser humano poderia alcançar (Uribe/Sepúlveda 2012: 19), pois mesmo sabendo que o sebastianismo havia sido “fabricado”, ainda causava um enorme impacto no povo lusitano (Cf. idem, p. 21). Na verdade, após o Ultimatum britânico, assistimos a um novo regresso do sebastianismo, sendo que, ao contrário da

época de Vieira, em que se considerava Espanha como o nosso maior inimigo, a partir de 1890 foi a Inglaterra que assumiu esse papel.

Pessoa reescreve o mito e as profecias, colocando-se a par de Gonçalo Annes Bandarra e de António Vieira, considerando-se uma “figura eleita da história” e o “profeta do destino da nação” (idem, p. 22), assim como foi Cristo: profeta e profecia. Oferece-nos, portanto, uma nova visão da história portuguesa, consciente do atraso português, mas prevendo, profeticamente, que o país viria a assumir-se como a nova “vanguarda cultural” (Real 2013: 199). Tendo em consideração o papel do poeta Fernando Pessoa como “nacionalista mítico e como “sebastianista racional”, podemos dizer que este fez uso do mito para provocar a “transformação da mentalidade portuguesa [para] a saída do pessimismo inactivo” (Cf. Uribe/Sepúlveda 2012: 19-20), e que, partindo das profecias bandarristas e vieiristas, fabricou assim um mapa para a construção do Quinto Império, no Plano Intelectual.

Por outro lado, verificamos no poema de 136 versos, “Elegia da Sombra”, um “conto da saudade profética”, escrito a menos de seis meses da sua morte, uma insatisfação do poeta perante a sua missão inacabada. Pessoa nota que “os tempos messiânicos haviam chegado mas sem o «messias».” (Antunes 1983: 473) A partir do verso 100, o poeta plural “transfere para um esvaziamento do mito nacional o próprio descrédito de si mesmo como «messias».” (idem) Apesar das palavras arrebatadoras contidas nos versos da *Mensagem*, apercebemo-nos do fracasso sentido por Pessoa, nos meses finais da sua vida⁶⁸, assumindo a perda da “esperança dum redenção nacional.” (idem, p. 474) Era ele o centro das profecias e, ao mesmo tempo, a voz que nos “profetizou um futuro impossível”, por fim declarou a “saudades que da mesma profecia nasceu: a saudade profética.” (idem, p. 476) Na minha opinião, ao lermos os seus textos poéticos, verificamos um complexo paralelo entre as suas angústias pessoais e aquelas transferidas para Portugal, uma vez que a

⁶⁸ Podemos comparar Pessoa a Bocage, poeta que durante grande parte da sua vida protestou contra “a decadência moral e política do seu tempo” e por isso foi perseguido pela Inquisição, mas que num dos seus últimos sonetos mostra “um arrependido regresso a Deus [...]: Já Bocage não sou!...À cova escura [...] Eu me arrependo; [...] Outro Aretino fui...A santidade/Manchei!...Oh! Se me creste, gente ímpia,/Rasga meus versos, crê na eternidade!” In *Anedotas de Bocage*, com revisão de Frederico Sequeira. (Bocage 2003: 16-18)

sua “obra parece situar-se, basicamente, entre a saudade do passado e a saudade do futuro, como fuga do presente.” (Antunes 1983: 478)

4.2 As Aparições de Fátima

Como católicos admitimos a possibilidade de milagre. Deus fez as leis que regem a natureza e pode alterá-las. (Domingos Pinto Coelho, apud Reis 2001: 259)

Antes de relatarmos o impacto que as visões tiveram no país, desde o seu início em 1917, é importante abordarmos o contexto político e religioso que se vivia na época. Primeiramente, o país atravessava um período bélico, por ter entrado na Primeira Guerra Mundial, que decorreu entre 1914-1918, o que fazia com que o povo português passasse por muitas privações, nomeadamente no que diz respeito à escassez de alimentos. Por outro lado, em 1911 tinha sido anunciado pelos republicanos a vontade de se separar a Igreja do Estado, acontecimento que os católicos encararam como uma afronta opondo-se, por isso, a essa divisão (Cf. Reis 2001: 285-286). O Governo Provisório, por sua vez, “levou a que os republicanos e maçons extremistas incitassem as massas contra a Igreja”, sendo que Afonso Costa (no governo, intermitentemente, entre 1915-17) chegou a declarar que o catolicismo português seria extinto em duas gerações (Monteiro 2009: 7). As visões ocorridas na Cova da Iria acabaram por se massificar, em especial depois do Milagre do Sol, o que fez com que os militantes católicos e os republicanos não soubessem como agir relativamente a Fátima. Entre 1917 e 1918, Sidónio Pais esteve no poder e mostrou simpatia pelo movimento católico, contribuindo para uma maior abertura perante as aparições. Assim que o Partido Democrático assumiu novamente o poder, entre 1919 e 1926, a repressão sobre Fátima aumentou, ao ponto de se destruir a Capelinha das Aparições em 1922 (Reis 2001: 288). Por outro lado, todas as proibições vigentes não impediram que as peregrinações aumentassem, o que comprovou o fracasso das medidas levadas a cabo pelo governo, que tinham em vista o laicismo. Com o início da ditadura militar, cessa a perseguição e assistimos ao crescente

reconhecimento de Fátima, que culmina na visita de Carmona à Cova da Iria (idem, p. 295-296).

Dando continuidade à breve abordagem que pretendemos fazer relativamente às visões e ao milagre ocorridos em Fátima e não procurando testar a veracidade dos factos, fundamos a nossa síntese dos acontecimentos num texto oficial da Igreja Católica, publicado em folhetim, baseado nos manuscritos da Irmã Lúcia (*Fátima Mensagem de Amor e Esperança*, 2009). Com a exceção de algumas visões proféticas individuais, experienciadas por um ou outro pastorinho, vamos referir apenas as seis aparições da Virgem que aconteceram no ano de 1917, a 13 de maio, 13 de junho, 13 de julho, 19 de agosto, 13 de setembro e 13 de outubro, tal como contam os três jovens pastores, Lúcia de Jesus (na época com dez anos), Francisco Marto (com nove anos) e Jacinta Marto (com sete anos). Uma vez que não temos o objetivo de nos alongarmos na descrição das visões, interessa-nos referir o conteúdo de um segredo dividido em três partes, que foram transmitidas aos três intervenientes, na *terceira* visão.

A primeira parte do segredo prende-se com a visão do Inferno, visto como um mar de fogo, com demónios e almas negras, onde se ouviam gritos e gemidos de dor e desespero, com demónios de formas horríveis e de animais desconhecidos que surgiam como “carvões em brasa” (*Fátima Mensagem de Amor e Esperança*, 2009 p. 20) – trata-se de uma visão de mortos que se encontram em “tormentos”, tal como refere Lucas 16: 23. Por outro lado, também as profecias de Merlim, em *The History of the Kings of Britain*, de Geoffrey of Monmouth, descrevem momentos apocalípticos horrendos, em que o Homem sofreria com as mais diversas calamidades. As visões do profeta Merlim são povoadas de animais grotescos, como dragões que cospem fogo, leões dourados, serpentes, lobos, javalis, entre outros, o que contribui para uma imagem terrífica.⁶⁹

Sobre a segunda parte do segredo, é anunciado o que é necessário fazer para se evitar os castigos de Deus, para salvar as almas e para a guerra cessar, devendo, por isso, estabelecer-se a “devoção ao Imaculado Coração

⁶⁹ Cf. o capítulo “The Prophecies of Merlim” (Monmouth 1966: 170-185)

[de Maria]”, sendo que os homens deveriam deixar de ofender a Deus (idem, p. 20-21).

Relativamente à terceira parte do segredo, que só foi comunicada a 13 de maio de 2000, pelo papa João Paulo II, Lúcia teve uma visão que poderia partilhar apenas com Francisco. A pastorinha viu um anjo que apontava com a mão direita para a Terra, ordenando por três vezes: “Penitência!” e de seguida viu várias pessoas religiosas, entre elas importantes membros do clero, que adoravam a cruz, no cimo de uma montanha, e que eram martirizados por isso (idem, p. 21-22). Curiosamente, as visões estavam sempre associadas a fenómenos como relâmpagos e trovões, que antecederiam ou fechavam esses momentos extraordinários, tal como quando Moisés se dirigia a uma “nuvem escura” (as nuvens escuras são normalmente associadas a trovoadas e relâmpagos), para falar com Deus, enquanto o povo, amedrontado, se mantinha à distância. (Cf. Êxodo 20: 21)

Na primeira visão, a virgem Maria pediu-lhes que voltassem ao mesmo local (Cova da Iria) nos seis meses subsequentes, no mesmo dia e à mesma hora, algo que era repetido em cada visão, sendo que a Senhora acrescentava uma ou outra solicitação, como na segunda aparição, em que lhes pediu que aprendessem a ler (*Fátima Mensagem de Amor e Esperança*, 2009: 17). Por outro lado, assistimos a constantes pedidos de sacrifício e de orações diárias – (reza do terço), pela paz no mundo, pelo fim da guerra e pelas almas dos pecadores (idem).

Especificamente na segunda visão, os pastorinhos recebem a revelação de que Jacinta e Francisco morreriam brevemente, ao passo que Lúcia viveria durante mais tempo, por ter uma missão a realizar (idem), situação que tem alguma semelhança com os versículos 18-23, de João 21, quando Pedro é informado sobre a sua morte e resta a dúvida sobre se o apóstolo João morreria ou ficaria para sempre na Terra, para continuar a obra de Jesus.

Na terceira visão, para além dos segredos que são transmitidos, a Virgem indica que fará um milagre em outubro, isto para que os mais incrédulos não pusessem em causa as palavras das crianças. Ao mesmo tempo, sempre que chegava o dia da visita da Nossa Senhora, juntava-se uma pequena multidão, cujo número ia aumentando ao longo dos meses, atraindo muitos curiosos que começavam a fazer peregrinações, pedindo,

designadamente, a cura dos doentes e o regresso dos soldados portugueses que combatiam na guerra.

A visão que deveria ter ocorrido a treze de agosto acabou por acontecer seis dias depois, uma vez que os pastorinhos haviam sido levados pelo administrador de Ourém (que pretendia conhecer o dito segredo) e não puderam deslocar-se até ao local da visão. Por esse motivo, depois de ocorridos o trovão e o relâmpago, pairou uma nuvem branca sobre a azinheira (onde costumavam ocorrer as visões), refletiu-se um arco-íris na cara dos curiosos que estavam presentes e logo cessou este momento, talvez porque, por desconhecimento do paradeiro das crianças, a Senhora não os encontrou no local habitual (idem, p. 23).

Nos relatos de Lúcia, que descrevem cada uma das aparições, a pastora dirigia-se sempre à Virgem dizendo: “Que é que Vossemecê me quer?” – encontramos uma situação semelhante em I Samuel 3, num tempo em que o Senhor “falava raras vezes e as visões não eram frequentes” (v. 1). Numa noite em que o profeta Eli e o jovem Samuel se encontravam já deitados, no templo, Samuel ouviu uma voz chamar por si e, por três vezes, a criança pensou que se tratava de um apelo de Eli, mas este acabou por explicar que se tratava da voz de Deus e que ele deveria responder: “Fala, Senhor, o teu servo escuta!” (v. 9). Ambas as frases, uma proferida por Lúcia e a outra por Samuel, demonstram uma atitude de prontidão em escutar as palavras de um ser superior, mostrando uma postura de subserviência por parte do profeta/ouvinte. Não se trata de Merlim, que acompanhou o rei; de Bandarra, que teve um sonho; de Vieira que interpretou textos e profecias; de Pessoa que recriou um mito, mas de uma vidente que fala cara-a-cara com um intermediário de Deus, assim como Maria falou com o anjo Gabriel: “Eis a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra.” (Lucas 1: 38)

Relativamente à última visão, dia em que também ocorreu o célebre Milagre do Sol, a 13 de outubro de 1917, a Virgem, para além de ter pedido que fizessem uma capela em sua homenagem, também disse: “A guerra vai acabar e os militares voltarão em breve para as suas casas” (*Fátima Mensagem de Amor e Esperança*, 2009: 27). Quanto a este último prenúncio, António Monteiro faz um comentário muito crítico, relativamente ao “clamoroso

engano da *Senhora*” (Monteiro 2009: 7), visto tratar-se de uma profecia fracassada, tendo em conta que a *Batalha de La Lys* ocorreu muitos meses depois, a 9 de abril de 1918, ceifando a vida de muitos soldados portugueses, num episódio sangrento.

Acrescentando às palavras que Maria proferiu no dia 13 de outubro, as três crianças tiveram uma visão (houve mais duas depois desta que só foram vistas por Lúcia) em que surgia a Sagrada Família e em que José fazia três vezes no ar o desenho da cruz, como que para abençoar o povo (*Fátima Mensagem de Amor e Esperança*, 2009: 27). Na verdade, o número três está muitas vezes associado às visões de Fátima, o que por si só oferece algum *crédito* aos acontecimentos, por ser um número muito forte no universo cristão. O relato de Lúcia sublinha, inclusivamente, as cores das vestimentas que os três membros da família traziam vestidas, referindo a túnica branca e o manto azul de Maria, o traje branco de José e a veste vermelha de Jesus. Tendo em conta a simbologia das cores, o branco é “a cor perfeita da luz, tornou-se um símbolo de pureza, de verdade, de inocência e do sagrado ou divino [...] cor da espiritualidade e santidade, da verdade e revelação” (Tresidder 2000: 156); o azul “simboliza a infinidade, a eternidade, a verdade, a devoção, a fé, a pureza, a castidade, a paz, a vida espiritual e intelectual [...] A Virgem Maria e Cristo são frequentemente representados vestidos de azul, sendo a cor o atributo dos deuses do céu.” (idem, p. 157); no que diz respeito ao vermelho, “é a cor emblemática do poder” (idem, p. 156), também associada à masculinidade, à força e à “revolução política” (idem). Ora, as cores associadas a esta tríade, ilustram a simbologia que cada um carrega, assim como as funções que desempenham no *imaginarium* cristão.

Quanto ao milagre do Sol (descrito inclusivamente n’ *O Século*, pelo jornalista Avelino de Almeida), Lúcia diz que a chuva acompanhou a aparição, sendo que pastorinha pediu para que os presentes, “50 a 70 mil peregrinos”, (*Fátima Mensagem de Amor e Esperança*, 2009: 26) observassem o céu e, enquanto olhavam para o sol, viram que este começou a “bailar”, lançou chamas em todas as direções e rodopiou três vezes (idem, p. 28). Por sua vez, Domingos Pinto Coelho, um político miguelista, manifestou algumas reservas relativamente ao fenómeno de Fátima (Cf. Reis 2001: 260) e, tendo presenciado o dito milagre, não ficou convencido de que se tenha tratado de

mais do que um fenómeno natural, “fruto de se olhar o Sol através de nuvens translúcidas em rápida deslocação por impulsão de um vento forte” (idem, p. 261).

Nos tempos que se seguiam e perante a instabilidade política que já foi referida, dividiam-se as opiniões entre os apoiantes de Pinto Coelho e os seus críticos, entre eles Gonçalo Almeida Garret, que defendia a autenticidade do Milagre do Sol (idem, p. 267). A posição daqueles que partilhavam da opinião de Pinto Coelho acabou por ser obviamente derrotada, por não ter sido possível travar a crescente fama de Fátima, que angariava seguidores entre todos os estratos sociais e que deixou de ter de a oposição do poder político, aquando o início da ditadura militar.

É de sublinhar que, com a ocorrência do dito **milagre**, “algo que escapa à normalidade, manifestação de forças superiores, sobrenaturais” (idem, p. 256), passamos a falar de uma “aparição” e não mais de uma “visão”, uma vez que a primeira é tornada “pública”, ao passo que a segunda descreve uma situação “pessoal” (idem). Por sua vez, Miguel Bombarda “considerava as visões um tipo de delírio característico da religião, concebida como uma forma de loucura.” (idem) No entanto, apesar dos apoiantes e cétricos que se enfrentaram nos anos seguintes, a fama de Fátima não parou de aumentar e contribuiu, indiretamente, para um tipo de sentimento sebastianista que se generalizou: a aparição alimentou a fé dos portugueses num Deus que há muitos séculos havia feito uma promessa a Portugal, mas que naqueles tempos parecia ter abandonado o povo lusitano. Os pastorinhos vieram dizer que a população necessitava de se arrepender dos seus pecados, devido à apostasia vigente, tendo em conta as questões políticas da altura, o que se refletiria num “sacrifício coletivo com um fim de expiação nacional” (Reis 2001: 278). “Deus esperava pelos sinais de arrependimento para retomar a sua proteção à nação” (idem, p. 279) e curar Portugal da sua crise nacional. Quem sabe se não foi devido a esta crença messiânica no Quinto Império e no Encoberto que inspirou a “arte popular” a desenvolver o postal que deixamos de seguida e que compara Salazar a D. Afonso Henriques, interveniente no milagre de Ourique.

Na verdade, reflexo da “união indissolúvel de fé católica e de fé portuguesa” (idem, p. 282) foi a beatificação de Nuno Álvares Pereira, em que

o político cada vez mais “se submetia ao religioso” (idem, p. 283), sendo que um candidato católico chegou a afirmar que venceria uma eleição se Deus e Nossa Senhora lhe concedessem a vitória e não porque o povo o elegeria.



Figura 1 – “Salazar salvador da pátria.”⁷⁰

Por mais que se considerasse Fátima um “embuste [...] uma alucinação patogénica, uma afronta ao progresso e ao laicismo”, (Reis 2001: 286) assistiu-se à “politização do movimento católico” (idem, p. 285), muito por força da “dimensão messiânica” que os milagres atingiram, sendo que o catolicismo militante conseguiu “moldar Fátima de acordo com uma imagem de nacionalismo católico contra a impiedade e a heresia” (idem, p. 298).

⁷⁰ Figura retirada do site http://malomil.blogspot.pt/2012/03/este-postal-ilustrado-de-1935_23.html, que presta esclarecimentos sobre a história do dito postal ilustrado.

4.3 O caso *Mórmon* e a sua influência em Portugal

Uma profecia pode dizer respeito ao passado, ao presente ou ao futuro. Quando alguém profetiza, fala ou escreve o que Deus quer que saiba, seja para seu próprio benefício ou para o dos outros. («Profecia», Guia para Estudo das Escrituras, p. 175)⁷¹

De acordo com a publicação semestral da Actualidade Bíblica, *Apocalíptica e Milenarismo*, de fevereiro de 2006, José Luis Nogales indica que as três seitas, Mórmones, Adventistas e Testemunhas de Jeová, estão ligadas a um “fenómeno surgido na América do Norte, em meados do século XIX”, que tem por nome o “Milenarismo do «Grande Despertar»” (Nogales 2006: 55). Neste capítulo vamos apenas focar a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, conhecida por Igreja *Mórmon*, de forma a comprovar o impacto da profecia noutras religiões, que não a católica, da sua eventual ligação ao sebastianismo e a sua influência na cultura portuguesa do final do século XX. Relativamente a esta confissão religiosa, José Nogales declara que este movimento de tipo “conversionista” popularizou-se em regiões fronteiriças do território americano, devido à “angústia e a insegurança que provoca a «situação de fronteira» perante o desconhecido e o sentimento de distância e abandono, por parte das instituições religiosas.” (idem) Nestas situações específicas, as novas seitas surgidas sofreram a influência do presbiterianismo e do metodismo, “ambos de procedência calvinista” (idem) e tinham como objeto central de fé, “um elemento que provoque uma grande comoção emocional.” (idem)

Para a confissão *mórmon*, o elemento que provoca “comoção emocional” e na qual se baseia toda a estrutura da igreja, são as várias visões que teve Joseph Smith e que Nogales chama de “experiências apocalípticas” (idem). De modo a descrever as experiências do jovem Smith, faremos uso do livro *Pérola de Grande Valor*, inserido nas escrituras sagradas ou “padrão” que são utilizadas pelos membros da dita igreja. Tendo em conta a “coletânea de

⁷¹ Também disponível em: <http://www.lds.org/scriptures/gs/prophecy-prophecy?lang=por&letter=p>.

revelações” do “primeiro profeta, vidente e revelador”, Joseph Smith, baseamos no texto “Joseph Smith – História” (1997: 53).⁷²

No referido extrato da história de Smith, vemos que ele nasceu no dia 23 de dezembro de 1805, no Estado de Vermont e que, com cerca de dez anos, mudou-se para o Estado de Nova York. Na altura em que viviam na localidade de Manchester, no Condado de Ontário, houve um “alvoroço incomum por questões religiosas” (JSH 1: 5) e devido às dúvidas que as seitas causavam no jovem Joseph, na altura com catorze anos, ele decidiu buscar algum conhecimento na Bíblia, tendo lido Tiago 1: 5, que refere que nos devemos dirigir a Deus quando temos “falta de sabedoria”. Num dia de “início da primavera de 1820” (JSH 1: 14), o adolescente dirigiu-se a um bosque, de forma a orar a Deus e perguntar a que igreja se deveria unir, sendo que antes da visão que viria ter, foi subjugado por forças malignas que não o deixavam proferir uma palavra, até que esse momento de desespero cessou e ele viu Deus e Jesus Cristo, que o informaram de que não deveria unir-se a nenhuma religião (Cf. JSH 1: 14-20). O facto de dizer que havia tido uma visão, levou a que os líderes das seitas incitassem a opinião pública contra o rapaz, sendo que um pregador metodista o tratou com desprezo e disse que “tudo aquilo era do diabo, que não havia tais coisas como revelações [...] que todas essas coisas haviam cessado com os apóstolos e que nunca mais existiriam” (JSH 1: 21). No dia 21 de setembro de 1823, Joseph orou a Deus, pedindo perdão pelos seus pecados e suplicando por uma “manifestação” (JSH 1: 29), tendo surgido um anjo, de nome Moróni, que vestia uma “túnica solta da mais rara brancura” e cuja “pessoa era indescritivelmente gloriosa e o seu semblante era verdadeiramente como o relâmpago” (JSH 1: 31-32). O anjo informou-o sobre a existência de placas de ouro, que se encontravam escondidas e que continham a história dos antepassados dos índios americanos, além disso continham a “plenitude do evangelho eterno” (JSH 1: 34). As visões duraram toda a noite, tendo em conta que o anjo se retirava e voltava a aparecer para, tal como Maria fez com os pastorinhos, repetir tudo o que já havia dito anteriormente e acrescentar novas informações, tendo feito um total de três visitas ao jovem Smith. Na manhã seguinte, dia 22 de setembro, Joseph dirigiu-se ao lugar que

⁷² Também disponível em: http://scriptures.lds.org/pt/js_h/1.

lhe tinha sido mostrado na visão da noite anterior e verificou o local onde tinham sido escondidas as placas de ouro. O anjo proibiu-o de retirar o livro sagrado do esconderijo e indicou-lhe que teria de regressar, no mesmo dia, nos quatro anos seguintes, de modo a ser instruído pelo mensageiro de Deus, sobre como conduzir o Seu reino “nos últimos dias” (JSH 1: 54). A 22 de setembro 1827, o vidente recebeu, por fim, as placas e pôde traduzi-las, dando origem a’ *O Livro de Mórmon*, obra apócrifa que serve de base à igreja fundada por Joseph Smith.

O Livro de Mórmon contém algumas passagens idênticas à Bíblia e narra a história da família do profeta Léhi, que fugiu de Jerusalém por volta de 600 a.C. e que atravessou o mar, chegando ao que é hoje conhecido como o território norte-americano, por ter tido conhecimento, através de uma revelação profética, que os judeus seriam levados cativos para a Babilónia. Para os Santos dos Últimos Dias (SUD), a existência d’*O Livro de Mórmon* cumpre a profecia relativamente a Ezequiel 37: 15-17, a qual indica que a “vara” de Judá e a de José formariam uma só. Os *mórmons* creem que o profeta Léhi pertencia à tribo de José (Cf. *O Livro de Mórmon*, I Néfi 5: 14).⁷³ Por isso, se associarmos a Bíblia à tribo de Judá, assim que Joseph Smith termina a tradução das placas de ouro, os dois livros passam a complementar-se,⁷⁴ sendo *O Livro de Mórmon* um outro testamento de Jesus Cristo, tal como é referido no subtítulo do mesmo. Esta questão está ligada também à coligação das tribos perdidas de Israel, visto que as “Regras de Fé”, que resumem o credo *mórmon* e que estão incluídas na *Pérola de Grande Valor* (1997: 70-71), dizem o seguinte: “Cremos na coligação literal de Israel e na restauração das Dez Tribos; que Sião (a nova Jerusalém) será construída no continente americano; que Cristo reinará pessoalmente na Terra; e que a Terra será renovada e receberá a sua glória paradisíaca” (Regras de Fé 1: 13).⁷⁵ Por sua vez, a Regra número sete indica a crença na “profecia, revelação, visões” e a número nove declara a fé “em tudo o que Deus revelou, em tudo o que Ele revela agora e [...] que Ele ainda revelará muitas coisas grandes e importantes relativas ao Reino de Deus.”

⁷³ Disponível em: <https://www.lds.org/scriptures/bofm/3-ne/5.14-26?lang=por>.

⁷⁴ Disponível em: http://en.fairmormon.org/Book_of_Mormon/Stick_of_Ephraim

⁷⁵ Disponível em: <http://www.lds.org/scriptures/pgp/a-of-f/1.13?lang=por>.

Na verdade, no que diz respeito às predições em si e à forte crença que os SUD apresentam nas mesmas, Duane S. Crowther (membro da referida igreja) referiu no seu livro *Profecy – Key to the Future*, algumas reflexões sobre a importância das profecias para os *mórmons* e para os crentes em geral. O estudo e a compreensão das profecias trazem “conforto e paciência [...] para o leitor” (Crowther 1990, Introduction),⁷⁶ assim como a compreensão dos sinais do tempo, sendo que “o verdadeiro teste à profecia é o seu cumprimento”,⁷⁷ (idem) tal como referia António Vieira na sua *História do Futuro*. Em Jeremias 28: 9 também lemos que só com a realização do vaticínio se saberia se o dito profeta era “realmente um enviado do Senhor”, versículo que seria, muito provavelmente, do conhecimento do padre jesuíta. De acordo com o texto de Duane: “In the Latter-day Saint view, no seeker for truth can fulfil his goal without understanding in some measure the events of the future [...] The events of the future are signs of the times – indications of the imminence of the Advent of the Lord.” (idem)

Passando agora a considerar o caso *Mórmon*, no que diz respeito ao seu impacto em Portugal, recorreremos ao livro *Portugal O Farol da Europa*,⁷⁸ de Rui Canas Gaspar que, apesar de se tratar de uma publicação muito modesta, resume a implementação da Igreja SUD no nosso país. A revolução de 25 de abril de 1974 abriu as portas ao proselitismo, o que permitiu que, a 22 de abril de 1975, na serra de Sintra, um ancião (Élder) da igreja, Thomas S. Monson, proferisse algumas palavras sobre Portugal, pedindo o seguinte em oração: “Concedei, Pai Celestial, que os nossos membros possam aumentar [...]. Reconhecemos, Pai, que desta terra saíram navegadores e marinheiros nos dias de outrora, e que o povo português tem um espírito aventureiro, por ter confiado em Vós ao agora procurarem por aquelas verdades que os guiarão à vida eterna. [...] abençoai o governo desta terra. Vós sabeis o distúrbio e as dificuldades que aqui se passaram. [...]” (Gaspar 2011: 33) Crentes nas profecias e revelações, na segunda vinda de Cristo e, naturalmente, no messianismo, Thomas S. Monson refere-se ao período áureo de Portugal, que foram os Descobrimentos, mencionando o “espírito aventureiro” dos

⁷⁶ Tradução livre: ver Anexo 1.

⁷⁷ Tradução livre.

⁷⁸ Ver Anexo 2.

portugueses e pedindo que estes procurem as “verdades” que esperam por eles e que os ajudarão na construção do Quinto Império, que se trata de o Evangelho de Cristo a encher a Terra, através da Igreja de Jesus Cristo dos Santos do Últimos Dias, que é o “«reino indestrutível e insuplantável estabelecido pelo Deus dos céus, e a pedra cortada da montanha, sem mãos, que se tornaria um grande monte e encheria a terra inteira»” (*O Velho Testamento I Reis a Malaquias* 1981: 299).⁷⁹ Na minha opinião, a Igreja SUD utiliza o conhecimento que tem sobre a cultura portuguesa e a forte influência que questões ligadas ao sebastianismo e ao Quinto Império têm tido em território lusitano, ao longo dos séculos, de forma a conseguir motivar a difusão das crenças *Mórmons*. No livro de Rui Gaspar, página 9, o autor refere a profecia de Russel M. Nelson, ao declarar o rápido crescimento da dita igreja em Portugal, por outro lado existe também o vaticínio de um outro líder da igreja, Theodore Tuttle, que diz o seguinte: “No mundo há três países de promessa fora dos EUA, que são o Chile, Brasil e Portugal. Iremos ver Portugal ser o farol da Europa em termos de exemplo e crescimento.” (Gaspar 2011: 10) Os membros da Igreja SUD referem, muitas vezes, que Portugal será o farol da Europa e que essa profecia já está a cumprir-se, tendo em conta o crescimento do número de batismos em comparação com outros países europeus (Cf. *idem*).

Acreditamos que não era a este “Quinto Império” que Pessoa se referia, quando indicava, na *Mensagem*, que Portugal viria a ser o “rosto” da Europa, sendo necessário dedicar menos atenção a Fátima e mais às *Trovas* de Bandarra. Na verdade, verificamos que Portugal é um terreno fértil para profecias e, por isso, novas religiões que surjam e que direta ou indiretamente saibam utilizar o mito sebastianista⁸⁰ e o profetismo terão, certamente, sucesso.

⁷⁹ Ver Anexo 3.

⁸⁰ Mito que se encontra inscrito na génese da cultura portuguesa e que aguarda um salvador e novos tempos hegemónicos para o país.

5. Conclusão

Depois de termos acompanhado a evolução da profecia em Portugal ao longo dos séculos, tendo verificado como diversos textos retomam a base bíblica e se inspiram uns nos outros, aprofundámos os nossos conhecimentos sobre Merlim e o ciclo arturiano; as *Trovas* de Bandarra; a *História do Futuro*, do padre António Vieira; Fernando Pessoa e as suas esperanças no Quinto Império intelectual, que perpassam a *Mensagem*. Por fim, fechámos esta monografia com dois casos que movem muitos portugueses numa fé profética, em milagres e aparições, como no caso de Fátima e a visão de Joseph Smith, acontecimentos que inspiraram vaticínios que são de sempre, mas que vão sendo renovados, para o futuro de Portugal e não só.

Tendo em atenção os autores focados, podemos dividi-los em dois grandes grupos: o primeiro encarna a dimensão profética no seu sentido mais tradicional, tendo em conta a forma como são transmitidas as mensagens entre Deus e o Homem, referindo a visão e o sonho, tal como em muitas histórias bíblicas. Neste conjunto podemos citar Merlim, Bandarra, os pastorinhos e Joseph Smith. O segundo grupo intelectualiza a profecia, assumindo a função exegética de interpretar as mais diversas predições, fazendo-o de um modo simbólico e enigmático, sendo que António Vieira o faz retoricamente e Fernando Pessoa recorre à poesia, tendo em conta que nenhum dos dois admite ter experimentado qualquer visão; por sua vez, Merlim também pode ser inserido neste segundo conjunto, pois também interpreta os seus próprios vaticínios.

Outra questão que importa referir, é o facto de apenas Merlim se enquadrar no tipo de profeta que tem visões e que aconselha o rei, tal como Samuel, na Bíblia, ao passo que Bandarra escreveu o que viu nos seus sonhos e foi condenado pela Inquisição, por ter escrito essas profecias. Vieira e Pessoa escreveram as suas interpretações proféticas, sendo que o primeiro também se viu perseguido pelo Santo Tribunal e o último não conseguiu o mesmo efeito que a Aparição de Fátima teve na população portuguesa (alcançado uma fama muito maior).

Verificámos, curiosamente, que visões extraordinárias ocorrem frequentemente entre pessoas de menor instrução, no caso dos pastorezinhos

e de Joseph Smith, que relataram o que tinham visto. Bandarra, cuja instrução é difícil de definir, alegou ter tido um sonho, escreveu o que havia visto e as suas *Trovas* foram frequentemente recontadas, reinterpretadas e aumentadas.

No que diz respeito a Merlim, assistimos à cristianização da personagem, evoluindo de druida para profeta, transformando-se de acordo com os ditames cristãos e que, tal como Sansão, acabou por ser castigado por ter cedido à tentação que lhe adveio pelo seu enamoramento por uma mulher.

Ao longo desta monografia, abordámos questões relacionadas com a escatologia, mais positiva, e com a apocalíptica, mais negativa. Estes dois tópicos interligam-se e estão muito presentes nas profecias inspiradas na Bíblia, sendo que a escatologia corresponde à Palavra de Deus, que ilumina e critica a História, anunciando um fim positivo, porque Deus assume o destino da humanidade no final dos tempos, o que leva a que os homens se preparem para o seu encontro com o Criador. A apocalíptica é um fenómeno, ou movimento literário e teológico, que se desenvolve a partir da profecia, em que um vidente tem uma visão e fala sobre fenómenos de horror, com o intuito de causar o medo no ser humano, de modo a que evite o pecado. Tanto a escatologia como a apocalíptica estão presentes nos textos de Merlim, Bandarra e Vieira. No caso da *Mensagem*, de Fernando Pessoa, a apocalíptica não tem muita influência, pois o poeta pretendia que Portugal construísse um Império Intelectual e não algo que se prendesse aos preceitos católicos ou que fosse *demasiado* religioso, algo transmitido nas visões de Fátima.

No caso de Bandarra, o sapateiro diz ter tido um sonho profético e busca nos livros bíblicos textos que comprovem as ideias transmitidas na sua visão, que pretende partilhar com os leitores/ouvintes. António Vieira, por sua vez, interpretou as profecias de Gonçalo Annes, assim como os vaticínios contidos nos Testamentos, recorrendo aos mesmos textos que Bandarra e a outros, dando igualmente uso aos artigos de outros sacerdotes católicos credíveis. Resta também indicar que as *Trovas* bandarristas serviram e foram alteradas para fins políticos, servindo de base para sebastianistas e joanistas, sendo que Vieira se assumia como joanista convicto.

O padre jesuíta aconselhou Portugal e indicou que o reino necessitava de uma renovação, de modo a cumprir o seu destino como líder do Quinto Império, tanto física como espiritualmente. Podemos vê-lo, por isso, como um profeta que se inspirou nos escritos bíblicos, defendendo que Deus dedicava uma proteção especial a Portugal, perante os seus inimigos. Vieira atreveu-se a descodificar as profecias relativas ao último Império, respondendo a várias questões sobre o mesmo, baseando a sua palavra nas mais diversas fontes. Por último, o padre jesuíta explorou, igualmente, o Encoberto, o messianismo, a predestinação de Portugal e do rei D. João IV, fazendo uso da profecia e do milagrismo, que moldaram a História de Portugal, na falta de documentos históricos autênticos.

Nesta nossa busca por registos proféticos, cruzámo-nos com o sebastianismo, muito ligado ao messianismo e ao Quinto Império, dois temas que não são exclusivamente portugueses, mas que foram adotados e adaptados ao nosso país, abrangendo todo um povo que aguarda a salvação e a prosperidade trazida por um ser encoberto, que haveria de ser o imperador do Império final, fosse ele físico, espiritual ou intelectual. Estas questões mostram-se extremamente maleáveis, ressurgindo ao longo dos séculos, com mais ou menos intensidade, dependendo do estado político-social da época.

No que diz respeito a Fernando Pessoa, o poeta pretendia refundar o mito do Sebastianismo, fazendo de Portugal o líder intelectual do Quinto Império, com o auxílio da Divindade, que havia inspirado os portugueses em conquistas anteriores. Pessoa defendia a crença em Deus, mas criticava a crescente influência da Igreja Católica no nosso país. Arriscamos dizer que acreditava na espiritualidade, mas criticava o catolicismo. O autor escreveu sobre o regresso simbólico de D. Sebastião, para a regeneração nacional, sendo que a *Mensagem* continha diversos avisos que serviam para esclarecer o povo lusitano sobre o Império Espiritual. Pessoa via-se como protagonista da efetivação do V Império, pois, como poeta, procurava recriar o mito sebástico e substituir Jesus Cristo pelo Encoberto.

Na verdade, assim como mais profetas surgiam quando os hebreus enfrentavam momentos de repressão, também o sebastianismo ganhava força

em momentos de ameaça à liberdade ou de instabilidade político-social, tal como refere Lucio D'Azevedo, na sua obra *A Evolução do Sebastianismo*:

Em 1808 a invasão francesa, de igual modo que em 1580 a perda de independência, deu alento ao sebastianismo que há falta de estimulante se arrastava entorpecido através da vida nacional. Não falhou êle à sua missão, que era, nas épocas de crise, acordar a consciência pública para a fé em destinos mais ditosos. (D'Azevedo 1918: 145)

As profecias feitas relativamente a Portugal, seja por influência artúrica, castelhana ou judaica, a verdade é que ganharam e perderam força ao longo do tempo, tendo como principais difusores Bandarra, Vieira e Pessoa. O Encoberto foi conhecendo novos nomes ao longo das épocas, reinventando-se crenças e milagres, que se refletem numa enorme vontade de acreditar em dias que se conhecerão melhores, graças ao comando justo e infinito de um líder carismático, que será o *nosso* Messias.

Bibliografia

- «A intercessão de Maria Santíssima é necessária para a nossa salvação», baseado num capítulo de *As Glórias de Maria*, de Santo Afonso Maria de Ligório. Disponível em: <http://www.fatima.org/port/crusader/cr97/cr97pg77.pdf>.
- Antunes, Alfredo (1983), *Saudade e Profetismo em Fernando Pessoa*, Braga, Publicações da Faculdade de Filosofia.
- Bandarra, Gonçalo Annes (1809), *Trovas do Bandarra*, Barcelona. Disponível em: http://books.google.pt/books?id=broQAAAAIAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-PT&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false.
- Bandarra, Gonçalo Annes (2002), *As Profecias de Bandarra*, introdução de António Carlos Carvalho, Sintra, Colares Editora.
- Bandarra, Gonçalo Annes (2010), *Trovas do Bandarra*, Organização, notas e posfácio de Jorge Uribe, Lisboa, Babel – Coleção Pessoa Editor.
- Bell, Judith (2002), *Como Realizar um Projecto de Investigação*, Lisboa, Gradiva.
- Besselaar, José van den (1981), *António Vieira: o Homem, a Obra, as Ideias*, Lisboa, ICALP – Coleção Biblioteca Breve.
- Besselaar, José van den (1986), «As Trovas de Bandarra», in *Revista ICALP*, vol.4, p. 14-30. Disponível em: <http://cvc.instituto-camoes.pt/bdc/revistas/revistaicalp/bandarra.pdf>.
- *Bíblia Sagrada* (1998), Ordem dos Frades Menores Capuchinhos, Lisboa-Fátima, Difusora Bíblica.
- Bocage, M. M. de Barbosa du (2003), *Anedotas de Bocage*, revisão de Frederico Sequeira, Lisboa, Planeta Editora Lda.
- «Book of Mormon: Stick of Ephraim» in FairMormon Answers. Disponível em: http://en.fairmormon.org/Book_of_Mormon/Stick_of_Ephraim.
- Camões, Luís de (1978), *Os Lusíadas*, Porto, Porto Editora.
- Carneiro, Cristina Helena (2006), «Bruxas e Feiticeiras em Novelas de Cavalaria do Ciclo Arturiano: O Reverso da Figura Feminina?», Dissertação de Mestrado em Letras, Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Disponível em: <http://www.ple.uem.br/defesas/pdf/chcarneiro.pdf>.
- Carreto, Carlos F. Clamote (2011), «Merlin, Leitor Tertuliano. Encontros (Im)Prováveis entre a Gnose e a Ficção na Idade Média», in *Cadernos do Ceil*, Revista Multidisciplinar de Estudos sobre o Imaginário Literário, nº1, p. 134 – 151. Disponível em: http://www.ceil.fcsh.unl.pt/cadernos/PDF/12_carlos_carreto2.pdf.
- Carvalho, José Adriano de Freitas (1991), «Conquistar e Profetizar em Portugal dos Fins do Século XIV aos Meados do século XVI. Introdução a um Projecto», in *Revista de História*, 11, p. 65-94. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/6396.pdf>.
- Centeno, Yvette K. (1985), *Fernando Pessoa e a Filosofia Hermética*, Lisboa, Editorial Presença.
- Centeno, Yvette K. (1985), *Fernando Pessoa: O Amor, a morte, a iniciação*, Lisboa, A regra do jogo.

- Centeno, Yvette K. (1995), *Hermetismo e Utopia*, Lisboa, Edições Salamandra.
- Costa, Hermisten Maia Pereira (2012), «O Messianismo do Padre Vieira e a Inquisição», Universidade Presbiteriana Mackenzie. Disponível em: <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf/st12/Costa,%20Hermisten%20Maia%20Pereira%20da.pdf>.
- Crowter, Duane S. (1990), *Profecy – Key to the Future*, Salt Lake City, Bookcraft.
- Cruz, Nilson Carlos da (2013), *Os Livros Apócrifos*, São Paulo, FADTEFI Editora. Disponível em: http://www.fadtefi.com.br/aluno/bacharel/livros_apocrifos_2546.pdf.
- D’Azevedo, J. Lucio (1918), *A Evolução do Sebastianismo*, Lisboa, Livraria Clássica Editora. Disponível em: <https://ia700305.us.archive.org/9/items/evoluodoseba00azevuoft/evluodoseba00azevuoft.pdf>.
- Dias, Isabel Barros, “O Humor nos Assuntos ‘Sérios’ ”, in Isabel Barros Dias, Zina de Abreu e Danielle Buschinger (eds.), *Actas do Colóquio Internacional “O Riso na Cultura Medieval”*, Lisboa, Universidade Aberta, 2004 (Cd-Rom). Disponível em: <https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/1537>.
- Ellis, Peter Berresford (2003), *A Brief History of the Celts*, UK, Constable & Robinson Ltd.
- Entwistle, William J. (1925), *The Arthurian Legend in the Literatures of the Spanish Peninsula*, New York, Phaeton Press.
- *Fátima Mensagem de Amor e Esperança* (2009), Obra baseada nos manuscritos da Irmã Lúcia, Lisboa, Comissão de Estudos Pedras Vivas.
- García, Santiago Gutiérrez (1999), *Merlin y su Historia*, Madrid, Alianza Editorial.
- García, Santiago Gutiérrez y Gradín, Pilar Lorenzo (2001), *A literatura artúrica en Galicia e Portugal na Idade Média*, Santiago de Compostela, Imprenta Universitaria.
- Gaspar, Rui Canas (2011), *Portugal – O Farol da Europa*, Montijo, Grafiponte – Artes Gráficas Lda.
- Hipólito, Nuno (2010), *As Mensagens da Mensagem*, versão online. Disponível em: <http://www.umfernandopessoa.com/uploads/1/6/1/3/16136746/as-mensagens-da-mensagem-2010.pdf>.
- Kapp, Jeremy (2008), «4 Ezra», revised English. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/2019085/4-Ezra-Revised-English>.
- Leal, Larissa do Socorro Martins (2012), «Um Estudo sobre a *Demanda do Santo Graal*: Género, Ciclos, Características e Personagens», Universidade Federal do Pará. Disponível em: <http://www.fpa.edu.br/wp-content/uploads/2012/08/UM-ESTUDO-SOBRE-A-DEMANDA-DO-SANTO-GRAAL.pdf>.
- Lima, Luís Filipe Silvério (2000), «Padre Vieira: Sonhos Proféticos, Profecias Oníricas. O Tempo do Quinto Império nos Sermões de Xavier Dormindo», Dissertação de Mestrado em História Social, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. Disponível em:

- http://www.google.pt/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&frm=1&source=web&cd=1&sqi=2&ved=0CCAQFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.teses.usp.br%2Fteses%2Fdisponiveis%2F8%2F8138%2Ftde-03092001-214816%2Fpublico%2Ftde.pdf&ei=-XSGUOqwKlu3hAf_jYHQBQ&usq=AFQjCNGcP0izbLP0wa5CmDx7m9hMuC9iOw&sig2=neU8st3Ba-4GzBWnBENZJg.
- Lima, Luís Filipe Silvério (2009), «O percurso das *Trovas de Bandarra*: Percurso Letrado de um Profeta Iltrado» in *O Império por Escrito – Formas de Transmissão da Cultura Letrada no Mundo Ibérico (séc. XVI – XIX)*, organização de Ana Paula Torres Megiani e Leila Mezan Algranti, São Paulo, Alameda. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/56020556/Imperioportescrito-Bandarra>.
 - Lopes, Fernão (1897-1898), *Chronica de El-Rei D. João I*, Lisboa, Bibliotheca de clássicos portugueses, p. 106-107. Disponível em: <http://purl.pt/416>.
 - Loureiro, Carlos Bernardo (1999), *Das Profecias à Premonição*, Salvador, Feb. Disponível em: [http://bvspirita.com/Das%20Profecias%20a%20Premoni%C3%A7%C3%A3o%20\(Carlos%20Bernardo%20Loureiro\).pdf](http://bvspirita.com/Das%20Profecias%20a%20Premoni%C3%A7%C3%A3o%20(Carlos%20Bernardo%20Loureiro).pdf).
 - Magalhães, Leandro Henrique, (2009), «Estudo Genealógico e Messianismo Português: O Rei para Bandarra», in *Revista de História e Estudos Culturais*, vol. 6, nº3, p. 1-10. Disponível em: http://www.revistafenix.pro.br/PDF20/ARTIGO_11_Leandro_Henrique_Magalhaes_FENIX_JUL_AGO_SET_2009.pdf.
 - Martins, Mário (1979), *A Bíblia na Literatura Medieval Portuguesa*, Lisboa, Biblioteca Breve. Disponível em: http://cvc.instituto-camoes.pt/component/docman/cat_view=/54-.html.
 - Marques, João Francisco (2004), «A utopia do Quinto Império em Vieira e nos pregadores da Restauração», in *E-topia: Revista Electrónica de Estudos sobre a Utopia*, n.º 2. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/artigo10551.pdf>.
 - Massimi, Marina (2001), «Identidade, Tempo, Profecia na Visão de Padre António Vieira», in revista *Memorandum*, 1, p. 1-20. Disponível em: <http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigos01/artigo02.pdf>.
 - Monmouth, Geoffrey of (1966), *The History of the Kings of Britain*, Great Britain, Penguin Classics.
 - Montalvo, Garci Rodriguez de, *Amadis de Gaula* (Tradução de Graça Videira Lopes), Madrid, Ediciones Cátedra, 1996. Disponível em: http://www.fcsh.unl.pt/docentes/gvideiralopes/index_ficheiros/amadisT.pdf.
 - Monteiro, António (2009), *As Aparições da Cova da Iria*, Rio de Janeiro, editado pela Fraternidade Rosacruz Max Heindel. Edição digital disponível em: http://www.fraternidaderosacruz.org/am_aadcdi.pdf.
 - *O Livro de Mórmon, Doutrina e Convénios e A Pérola de Grande Valor* (1997), Brasil, publicado por A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.
 - *O Velho Testamento – Manual do Aluno I Reis a Malaquias* (1984), São Paulo Brasil, publicado por A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

- Peloso, Silvano (2007), *António Vieira e o Império Universal A Clavis Prophetarum e os documentos inquisitoriais*, Rio de Janeiro, De Letras.
- Pessoa, Fernando (2007), *Mensagem*, Lisboa, Biblioteca Editores Independentes.
- Pessoa, Fernando (2003), *Mensagem*, Lisboa, versão online anotada por João Manuel Mimoso. Disponível em: <http://www.tabacaria.com.pt/mensagem/Index.htm>.
- Quadros, António (1984), *Fernando Pessoa Vida, Personalidade e Génio*, Lisboa, Publicações Dom Quixote.
- Real, Miguel (2013), «O Mito Sebastianista Revisitado», in *Pessoa Plural*: 3, p. 195-199. Disponível em: <http://www.brown.edu/Departments/Portuguese Brazilian Studies/ejph/pessoaplural/Issue3/PDF/I3A12.pdf>.
- Reis, Bruno Cardoso (2001), «Fátima: a recepção nos diários católicos (1917-1930)», in *Análise Social*, vol. XXXVI (158-159), Centro de Estudos da História Religiosa, p. 249-299. Disponível em: <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1218726389B6wUN4av8Kk06UC7.pdf>.
- Saraiva, José Hermano (1993), *História Concisa de Portugal*, Mem Martins, Publicações Europa-América.
- *Sempre Fiéis – Tópicos do Evangelho* (2004), Brasil, publicado por A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.
- Tavares, Andréia Costa (2001), «O discurso profético messiânico na história do futuro do Pe. António Vieira», in *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*, São Paulo. Disponível em: http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300936745_ARQUIVO_OdiscursoprofeticomessianicodaHistoriadoFuturo.pdf.
- Talmage, James E. (1968), *A Grande Apostasia*, São Paulo, A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.
- Tresidder, Jack (2000), *Os Símbolos e o seu Significado*, Singapura, Círculo de Leitores.
- Uribe, Jorge/Sepúlveda, Pedro (2012), «Sebastianismo e Quinto Império: o nacionalismo pessoano à luz de um novo corpus», in *Pessoa Plural*: 1, p. 139-162. Disponível em: <http://www.brown.edu/Departments/Portuguese Brazilian Studies/ejph/pessoaplural/Issue1/PDF/I1A03.pdf>.
- Vieira, António (1953), *História do Futuro*, vol. I, Lisboa, *Obras Escolhidas*, Livraria Sá da Costa, Edição Eletrónica: Richard Zenker. Disponível em: <http://www.fcsh.unl.pt/docentes/rmonteiro/pdf/Futuro I.pdf>.
- Vieira, António (1953), *História do Futuro*, vol. II, Lisboa, *Obras Escolhidas*, Livraria Sá da Costa, Edição Eletrónica: Richard Zenker. Disponível em: <http://www.fcsh.unl.pt/docentes/rmonteiro/pdf/Futuro II.PDF>.
- Vieira, António Vieira (1982), *História do Futuro*, Introdução, actualização do texto e notas por Maria Leonor Carvalhão Buescu, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda.

- Vieira, António Vieira (2000), *Clavis Prophetarum – Chave dos Profetas: Livro III*, edição crítica por Arnaldo Espírito Santo, Lisboa, Biblioteca Nacional.

Anexos

Anexo 1

A

Duane S. Crowther, *Prophecy — Key to the Future*
Bookcraft, Salt Lake City Utah, 1990, Introduction.

INTRODUCTION

Why a Book On The Future?

The purpose of prophecy was stated by an early apostle of the Church, Elder George A. Smith, who said that "all the prophecies have aimed at the gathering of the people, and saving them in the last days."¹ Parley P. Pratt, another early apostle, spoke of the profit and advantage which is gained from understanding how to fulfill the conditional aspects of prophetic promises and told of the comfort and patience that a knowledge of prophecy brings to that reader who reads with understanding.²

In the Latter-day Saint view, no seeker for truth can fulfill his goal without understanding in some measure the events of the future, for truth is defined in the scriptures as "knowledge of things as they are, and as they were, and as they are to come."³ The events of the future are signs of the times—indications of the imminence of the Advent of the Lord. Says the *Doctrine and Covenants*,

Ye look and behold the figtrees, and ye see them with your eyes, and ye say when they begin to shoot forth, and their leaves are yet tender, that summer is now nigh at hand; Even so it shall be in that day when they shall see all these things, then shall they know that the hour is nigh. And it shall come to pass that he that feareth me shall be looking forth for the great day of the Lord to come, even for the signs of the coming of the Son of Man.⁴

According to Orson Pratt, another early apostle, those who have the spirit of prophecy within them will be the ones who will know and understand the signs of the times:

But the Latter-day Saints are not in darkness; they are the children of light, although many of us will actually be asleep.

We shall have to wake up and trim up our lamps, or we shall not be prepared to enter in; for we shall all slumber and sleep in that day, and some will have gone to sleep from which they will not awake until they awake up in darkness without any oil in their lamps. But, as a general thing, the Saints will understand the signs of the times, if they do lie down and get to sleep. Others have their eyes closed upon the prophecies of the ancient Prophets; and not only that, but they are void of the *spirit of prophecy* themselves. When a man has this, though he may appeal to ancient Prophets to get understanding on some subjects he does not clearly understand, yet, as he has the *spirit of prophecy in himself*, he will not be in darkness; he will have a knowledge of the signs of the times; he will have a knowledge of the house of Israel, and of Zion, of the ten tribes, and of many things and purposes and events that are to take place on the earth; and he will see coming events, and can say such an event will take place, and after that another, and then another; and after that the trumpet shall sound, and after that certain things will take place, and then another trump shall sound, &c., &c.; and he will have his eye fixed on the signs of the times, and that day will not overtake him unawares.⁵

The Lord has placed great importance on the events of the last days, for prophecies and explanations of that period are the most prominent theme of the four standard works! This book is written to assist the reader in studying them carefully and systematically.

5. *Journal of Discourses*, 7:189. The reader will note that Orson Pratt is often cited in this work. He was the one among the early Elders of the Church who was singled out by the Lord and given the specific commandment to "lift up your voice and spare not, for the Lord God hath spoken; therefore prophesy, and it shall be given by the power of the Holy Ghost." (*D & C* 34:10). Throughout his lifetime his teachings were characterized by explanations of the events which were to come and by a strong awareness of his prophetic calling. Of all the authorities of the Church, Orson Pratt apparently had the soundest and most comprehensive understanding of the events of the last days. The early leaders of the Church kept close watch on the teachings put forth by the brethren. On one occasion Orson Pratt apologized in a general conference for overstepping the bounds of doctrine in regards to his teachings about the nature of God. He explained that the authorities had called him to task for something he had said. Yet there seems to be a complete acceptance by his contemporaries of his teachings on the last days, which is a strong evidence supporting the acceptability and correctness of his teachings.

1. *History of the Church*, 6:18.
2. See Parley P. Pratt, *A Voice of Warning and Instruction to All People*, (Salt Lake City: Desert News Press), pp. 7-8.
3. *Doctrine and Covenants* 83:24.
4. *Doctrine and Covenants* 45:37-39.

The Objectives of This Book

This book has been written to accomplish three goals:

First, the author has attempted to establish the important events of the future in *correct chronological order*. Such an order can be determined with accuracy and certainty for almost all of the prophesied events. Care has been taken to indicate the basis upon which each chronological event and order has been determined. Where the order of coming events cannot definitely be determined, the known facts have been presented but no effort has been made to force an interpretation.

The second objective of this book is to *provide an understandable and well-documented discussion of each of the prophesied events which are to come upon the earth*. Special attention has been given to controversial areas. Each chapter has a summary designed to integrate the important points of the chapter and to clearly set forth the general patterns of future events. Some readers might enjoy reading all the chapter summaries first before reading and studying the entire book.

Third, a great deal of material which previously has been inaccessible to the average Latter-day Saint reader is here compiled. An important contribution is made in the *collection of material* pertaining to internal conflict in the United States, the fulfilling of the times of the Gentiles, the plagues and pestilence which will come upon the earth, the evaluation of controversial areas such as the "White Horse Prophecy," and many other areas of general interest.

Is This Study Authentic and Reliable?

The original draft of this work was entitled "A Study of Eschatological Prophecies Found in the Scriptures and in the Works of General Authorities of the Church of Jesus Christ of Latter-day Saints." It was submitted and accepted as a master's thesis by the Department of Scripture, College of Religious Instruction, Brigham Young University.

The study is limited to scriptural passages and to interpretive comments and prophecies made by General Authorities. Much of the element of chance and error is thus eliminated. The quotations in each case have fallen into patterns which seem to establish the veracity of the whole. The author has been, in some

measure, aware of the pitfalls which accompany an undertaking of this kind, and has endeavored to avoid them. In any correlation of prophecy there is danger in forcing scriptural interpretations. Particular effort has been expended in the preparation of this work to see that quoted material is cited in such a manner as will be harmonious with its context and with its author's real intent. An effort has been made to document the items contained herein clearly and fully, although the scope of this work is so far-reaching that of necessity only a portion of the evidence available is here presented. In an effort to show all sides of some areas of controversy, varying viewpoints have been quoted.

There is always a limitation upon the acceptance of prophecies not found in the scriptures. The limitation was set by Joseph Smith himself in 1843. He recorded that on one occasion he "visited with a brother and sister from Michigan, who thought that 'a prophet is always a prophet;' but I told them that *a prophet was a prophet only when he was acting as such.*"⁶ The decision as to whether statements by General Authorities are merely private opinions or are inspired interpretations must rest with the reader. Responsibility must also rest with the reader for his personal decision as to whether or not the prophecies recorded herein were given when the Authority was functioning in the prophetic office or whether they merely represent his personal understanding of the future. In short, the reader must test the inspiration of the statements quoted with the power of the Holy Spirit which prompts him. Thus this work is not an effort to state the doctrine of the Church but rather to set forth in an understandable manner the comments and interpretations which various Latter-day Saint Church leaders have made. It should be read and interpreted in this light.

In the final analysis, the true test of prophecy is its fulfillment. As Jeremiah stated, "When the word of the Prophet shall come to pass, then shall the prophet be known, that the Lord hath truly sent him."⁷

Acknowledgments

The author is deeply indebted to the members of his graduate committee, Ellis Rasmussen, Hyrum Andrus and Eldin Ricks, for their assistance and guidance in preparing the book in its

6. History of the Church, 5:265.

7. Jeremiah 28:9.

original form as a thesis. Appreciation is also expressed to Katharine Cromwell and Thyrsa Berrett who rendered valuable assistance in the typing and revising of the final draft. Certainly my greatest appreciation is for my lovely wife, Jean, who has worked faithfully with me for many months so that this study could be completed. Her love and devotion have borne me up in many moments of discouragement, and she has willingly undertaken any and every task which has needed attention.

—D.S.C.

CONTENTS

INTRODUCTION

TABLE OF CONTENTS

LIST OF ILLUSTRATIONS, MAPS, AND CHARTS

KEY TO ABBREVIATIONS USED IN THE FOOTNOTES

CHAPTER

Page

I. War To Be Poured Out Upon All Nations.....	1
The Beginning of War in The Last Days	
Slaves Are To Rise Up Against Their Masters	
The Purpose of Wars Is To Prepare For The	
Preaching of The Gospel	
Two Periods of War: Preparatory Wars and	
Wars of Complete Destruction	
United States Warned of Conflict During Period	
of Preparatory Wars — Third World War	
Summary	
II. Missionary Work Among the Gentiles.....	17
The Gospel Must Be Taught to Every Nation	
Four Periods of Missionary Labor	
Who Are The Gentiles?	
What Are The "Times of The Gentiles"?	
What is The Fulness of The Gentiles?	
Conditional Promises Made to The Gentiles in	
The Americas	
Most of The Gentiles Will Reject The Gospel	
The Fulfilling of The Times of The Gentiles: The	
Gospel Will Be Taken Instead To The House of	
Israel	
Signs of The Approaching Fulfillment of The	
Times of The Gentiles	
The Fulfilling of The Times of The Gentiles Is	
An Important Chronological Event	
Summary	
III. God Will Pour Out His Judgments.....	35
Great Calamities Are To Come After The Gospel	
Is Taken From The Gentiles	
The Lord's Desolating Scourge	

Anexo 2

Rui Canas Gaspar

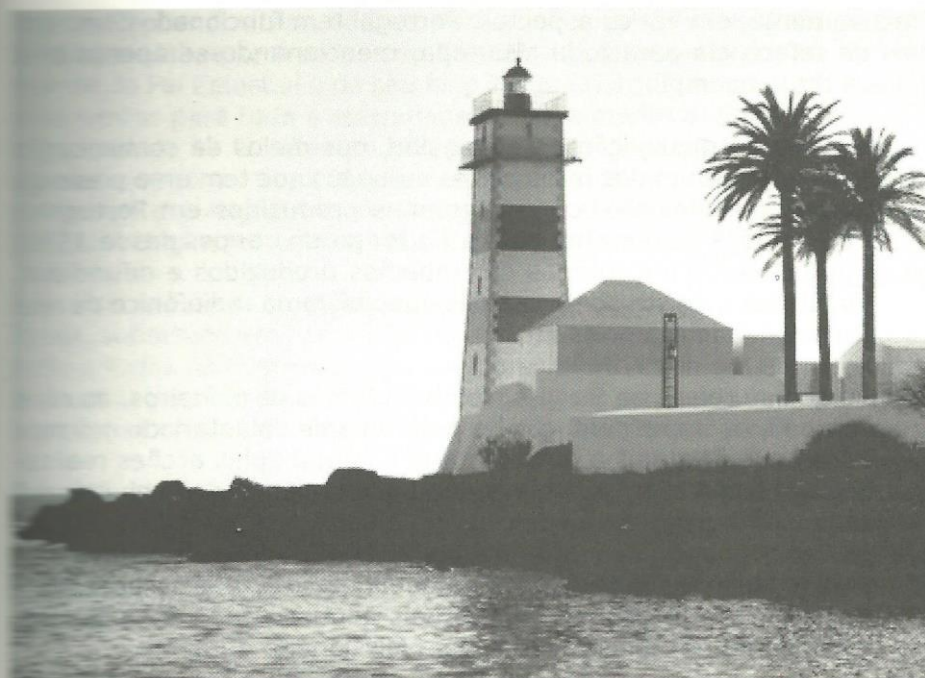


Foto: Rui Canas Gaspar

Portugal - Cascais, Farol de Santa Marta, localizado na Ponta do Salmôdo, servindo como ajuda à navegação marítima que entra ou sai de Lisboa.

O FAROL DA EUROPA

Ao longo dos anos, destacados líderes de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, têm mencionado este país como sendo Portugal, um marco referencial para outras nações europeias, no que concerne ao exemplo e crescimento como Igreja.

O termo *O Farol da Europa* é uma frase muito acarinhada pelos mórmons portugueses, que efectivamente o têm sido em algumas áreas de actuação. Agora, com as bênçãos que o templo de Lisboa derramará sobre os Santos dos Últimos Dias portugueses, certamente que a luz deste farol irá brilhar com maior intensidade.

O Elder Russell M. Nelson apontou, em tempos idos, para um grande crescimento mórmon em Portugal, ao referir:

" Estacas vão cobrir o País, onde há Ramos haverão Estacas."

Efectivamente, em vários aspectos, Portugal tem funcionado como um país de referência para toda a Europa, mencionando-se apenas três delas a título exemplo.

- 1 Na área da divulgação do evangelho, nos meios de comunicação social, somos um dos raros países europeus que tem uma presença regular na televisão, com programas produzidos em Portugal e transmitidos sistematicamente ao longo dos anos, desde 1998, com quase duas centenas de trabalhos produzidos e difundidos. Igualmente, existe no nosso país um programa radiofónico da responsabilidade da Igreja.
- 2 No que se refere ao Serviço, também fomos os pioneiros, ao nível europeu, na implementação do programa de voluntariado mórmon "Mãos que Ajudam" o qual conta já com múltiplas acções realizadas, totalizando largos milhares de horas de serviço voluntário à comunidade.
- 3 Na pregação do evangelho é de sublinhar que a Missão Lisboa - Portugal foi das que, em 2010, mais baptizou em toda a Europa, servindo de referência para a Obra Missionária europeia.

Não serão certamente somente estes três aspectos que fazem do nosso país uma referência para os restantes países europeus; é verdade também que, só por si, não fazem dele um farol. Porém, com toda a certeza, a luz que daqui se irradia começa já a ajudar a iluminar alguns caminhos, e tem possibilidades de poder vir a brilhar muito mais, agora com a edificação do Templo em Portugal.

O Elder Theodore Tuttle, referindo-se ao crescimento da Igreja no mundo, fez uma profecia que marcou fortemente os Santos dos Últimos Dias portugueses e que a muitos tem servido de referência norteadora. Disse:

" No Mundo há 3 países de promessa fora dos Estados Unidos da América que são o Chile, Brasil e Portugal. Iremos ver Portugal ser o farol da Europa em termos de exemplo e crescimento"

Este líder, Santo dos Últimos Dias, profetizou que Portugal seria o farol da Europa em termos de exemplo e crescimento. Se o nosso país ainda não é o farol mencionado por Elder Tuttle em matéria de crescimento quantitativo, a luz emitida pelo farol começa a iluminar os mares, pelo menos no que se refere aos exemplos oriundos deste país.

Para os Santos dos Últimos Dias portugueses, o templo que vai ser edificado em Lisboa será a Casa do Senhor: um local onde podem aproximar-se do Pai Celestial e de seu filho Jesus Cristo, onde podem celebrar casamentos para toda a eternidade e não somente até que a morte os separe, onde as famílias podem ser seladas para a eternidade, onde aqueles que já partiram desta vida mortal possam ter a possibilidade de abraçar o evangelho, onde os Santos dos Últimos Dias podem buscar luz e orientação para a sua vida terrena, um local de Paz e de Amor.

Este livro pretende também ser uma homenagem aos pioneiros desta Igreja, sobretudo em Portugal e uma forma simples de demonstrar gratidão a todos os missionários e seus presidentes que um dia deixaram as suas casas, famílias, estudos e empregos, para, de uma forma voluntária, se dedicarem a pregar o evangelho restaurado em terras lusas.

Pretende ainda valer como pequeno contributo para a história do mormonismo nesta que é a mais antiga nação da Europa, localizada na ponta mais ocidental do continente europeu, banhada pelo Oceano Atlântico, o local ideal para a edificação de faróis, por isso não é de estranhar que aqui venha a ser erigido o "Farol da Europa".

guesa, ocorrida entre 1828 e 1834. Ainda hoje a irmã Ermelinda recorda esse dia em que ali foi baptizada por Sebastião Oliveira e confirmada por David Webster num dia chuvoso e frio, o dia 18 de Outubro de 1975.

Actualmente a Dra. Ermelinda Lobo, a pioneira mórmon nortenha, exerce a sua actividade profissional como médica e pertence à Ala Porto I, a primeira congregação SUD a ser formada na capital do norte de Portugal.

Já o país estava com o trabalho missionário bem adiantado quando no dia 22 de Abril de 1975, em vésperas do primeiro aniversário da revolução, Portugal foi oficialmente dedicado para a pregação do evangelho. Para este acto solene e de grande significado, deslocou-se ao nosso país, o Élder Thomas S. Monson, hoje, líder mundial da Igreja. A cerimónia teve lugar a cerca de 25 quilómetros de Lisboa, em plena Serra de Sintra, perto da aldeia de Malveira da Serra, num local de beleza deslumbrante, onde aquele servo do Senhor proferiu a seguinte oração dedicatória:

↳ "Ó Deus, Nosso Eterno e Celestial Pai, nós nos reunimos diante de Vós, neste lindo dia com a frescura da primavera no ar e um sentimento de paz dentro de nossos corações, e expressamos a nossa gratidão a Vós pelo privilégio de nos dirigirmos a Vós em oração. Estamos gratos pelas bênçãos que temos recebido da Vossa mão.

Apreciamos a maneira como tendes abençoado a Vossa Obra sobre esta terra, e reconhecemos diante de Vós a Vossa mão nas nossas vidas.

Estamos gratos por um profeta de Deus, Spencer W. Kimball, o qual foi capaz de nos influenciar a todos com um novo desejo de promulgar a Vossa palavra por toda a terra. Ele chamou a atenção do mundo para que o Vosso filho, Jesus Cristo, deu aos seus discípulos quando disse: "Portanto, ide, ensinai todas as nações, baptizando-as em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo." Em resposta a este chamado, e de acordo com esta declaração divina, nós nos reunimos aqui hoje, na terra de Portugal, para que possamos dedicar esta terra para a pregação do Evangelho do Senhor Jesus Cristo.

Reunidos aqui Pai Celestial, estão esplêndidos missionários que vieram da América e do Brasil, e nos lembramos ao olharmos para eles das palavras do Apóstolo Paulo "Quão suaves são, sobre os montes, os pés dos que anunciam as boas novas, que faz ouvir a paz." Abençoai estes missionários, Pai Celestial. Concede-lhes poder acima do que possuem,

e ao os abençoardes, nós vos rogamos que abençoéis todos os missionários que vierem a esta terra, que cada um deles reconheça que está numa terra que foi dedicada para a pregação do Evangelho, para que ele possa trabalhar com o seu poder, e que cada missionário possa reconhecer que o valor das almas é precioso à Vossa vista.

Pedimo-Vos que abençoéis os membros que se juntaram aqui nesta manhã. Num sentido muito real, cada um é um pioneiro, pois ele ou ela é alguém que tem ido à frente, mostrando a outros o caminho a seguir.

Concedei, Pai Celestial, que os nossos membros possam aumentar, que as bênçãos do Evangelho possam entrar nas vidas do povo português.

Reconhecemos, Pai, que desta terra saíram navegadores e marinheiros nos dias de outrora, e que o povo português tem um espírito aventureiro, por terem confiado em Vós ao agora procurarem por aquelas verdades que os guiarão à vida eterna. Ó Pai Celestial abençoai o governo desta terra. Vós sabeis o distúrbio e as dificuldades que aqui se passaram. Tocai os corações dos homens em posições de influência e concedei que eles tomem aquelas decisões que sejam favoráveis ao avanço da causa do Evangelho. E abençoai o povo para que tenha um papel activo no seu governo e para que possam ser guiados por Vós nas decisões que tomam. Que tudo possa ser feito para o avanço da Vossa Obra. E abençoai esses indivíduos para que possam ser guiados por Vós.

Reconhecemos a Vossa mão nas vidas deles e nas nossas. Agora, Pai Celestial, estão a arder dentro dos nossos corações as palavras do Vosso Profeta Joseph Smith quando ele declarou numa carta ao Sr. John Wentworth a verdade de que o Evangelho irá em frente, quando declarou: "Nenhuma mão impura poderá impedir o progresso da obra. Exércitos poderão ser reunidos, motins poderão ser convocados, e calúnias poderão difamar, mas a verdade de Deus irá em frente corajosamente, nobre, e de forma independente, até que tenha visitado cada país, varrido cada nação e soado em cada ouvido. Até que o grande Jeová declare que a sua obra está feita." Ó Pai Celestial, buscamos as vossas bênçãos agora sobre o avanço da Vossa obra.

Pedimo-Vos que o Vosso Evangelho possa ser ensinado com testemunho e com poder. Que os missionários possam ser como os filhos de Mosias, que tinham examinado diligentemente as escrituras para poder conhecer as palavras de vida eterna. Que eles possam entregar-se a muita oração e jejum. Que possam ter o espírito de profecia e de reve-

lação, e quando ensinarem, que possam ensinar com poder e autoridade de Deus.

Reconhecemos, Pai celestial, que isto é um início, e invocamos as vossas bênçãos divinas para o avanço da causa que empreendemos em Portugal. Que Vós abraís o caminho, prepareis o povo, para que estas pessoas que estão aqui que se preparem para a mensagem da verdade a possam receber.

Ó Pai Celestial, sede paciente com o povo. Estendei-lhe a Vossa amorosa mão. Sabeis quanto tempo eles têm estado sem a verdade do Evangelho. E que possais agora conferir sobre eles as Vossas bênçãos divinas em grande abundância, para que eles se regozijem em espírito. Que eles possam louvar o Vosso Santo Nome. Que eles possam saber que interviu nas suas vidas.

Sabemos, Pai Celestial, que o povo português no Brasil, tem aceite o Vosso Evangelho. As Estacas de São estão agora estabelecidas em grande número no Brasil. Que um templo dedicado ao Vosso Santo Nome vai ser erigido. Ó Pai, este é o mesmo povo aqui. Que olheis para eles com um espírito tão afável como tendes favorecido os seus descendentes e parentes no Brasil.

Pai Celestial, concedei que todos os Vossos desejos sejam manifestos nas vidas deste povo, e que ouçais agora a nossa petição; pois na autoridade do Santo Apostolado que eu possuo, mesmo a autoridade do Santo sacerdócio de Melquisedeque, eu por este meio, dedico a terra de Portugal para a pregação do Evangelho do Senhor Jesus Cristo, e invoco as Vossas bênçãos divinas sobre tudo o que está ligado a isso, e do mesmo modo, invoco as Vossas bênçãos sobre os líderes de Missão, liderança local e de Ramos, sobre os próprios missionários, e sobre todos os que podem ajudar no cumprimento do Vosso propósito.

E isto faço em nome do Redentor, o Salvador de toda a Humanidade, o Vosso Filho Unigénito na carne, mesmo Jesus Cristo, O Senhor, Amém.

Naquele tempo, muitos dos pioneiros da Igreja em Portugal, eram pessoas que tinham retornado das ex-províncias ultramarinas e que nos primeiros anos após o 25 de Abril, se filiaram à Igreja, a qual estava a dar os primeiros passos no nosso país. Pessoas empreendedoras, pessoas de fé e de coragem que embora sem terem uma vida fácil fizeram progredir a Igreja, ao mesmo tempo que reorganizavam a sua vida profissional e familiar.

O jovem Carlos Vaz, nasceu em Angola, estava então a viver em Setú-

bal, tinha 14 anos, quando abraçou o evangelho restaurado. Mais tarde ele foi o primeiro missionário de tempo integral a sair desta cidade para proclamar a mensagem da Igreja, tinha então 18 anos. Hoje casado e com filhos continua a servir a Igreja como bispo de uma congregação nesta Estaca. Conta-nos um pouco de como foi o seu baptismo, nesses tempos bonitos da sua juventude e como viveu essa época como pioneiro da Igreja:

"-Naquela altura os baptismos eram realizados na Capela da Lapa, em Lisboa, e foi lá que entrei nas águas do baptismo.

Apanhei o comboio de Setúbal para o Barreiro, depois o barco que fazia a ligação Barreiro - Lisboa e por fim o carro eléctrico. Passadas duas horas e meia de viagem cheguei à Capela da Lapa (hoje o mesmo trajecto é feito em cerca de 40 minutos).

Estava sem a minha família, embora minha mãe e meu irmão fossem membros da Igreja, ficava muito dispendioso fazermos todos a viagem. Assim acompanharam-me os Élderes e as Sisters. Recordo com muita alegria esse dia!

Vestia o meu primeiro fato completo, que com sacrifício minha mãe encomendou num alfaiate quando no Domingo seguinte fui felicitado por todos na capela.

Quando digo todos digo mesmo TODOS porque éramos muito unidos. Já tínhamos uma frequência razoável com irmãos de todas as gerações. Muitas famílias. De todos os estratos sociais. Éramos os pioneiros da Igreja em Portugal."

Em 1977, Fábio Alegretti Cooper, um jovem brasileiro chegou a Portugal para servir uma missão de tempo integral, por dois anos, para além de fazer o seu trabalho de proselitismo, teve também a incumbência de ser o historiador da Missão Lisboa. Claro que não podíamos prescindir de forma nenhuma do seu relato, feito na primeira pessoa, por isso, ele conta-nos aqui como foi que Portugal viveu esta época de pioneirismo da Igreja.

Este é um excelente contributo para a história de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, uma história feita com fé, com coragem e com determinação de muitos homens, mulheres e crianças.

Explicando por que os pés eram parte de ferro e parte de barro, diz o Élder Orson Pratt: "Os pés e dedos eram governos mais modernos nascidos do reino de ferro (Império Romano), depois que este perdeu sua força, representados pelos dez dedos dos pés, ou reinos que seriam parcialmente fortes e parcialmente fracos. Eles não teriam a força das pernas de ferro, misturados como estavam com barro, indicando, ao mesmo tempo, força e fraqueza." (*Journal of Discourses*, 18:337.)

O Presidente Spencer W. Kimball esclarece ainda melhor a profecia com esta explicação:

"Roma teria seu lugar tomado por um punhado de nações européias representadas pelos dedos dos pés.

"Com a história do mundo resumidamente delineada, seguia-se agora a verdadeira revelação. Diz Daniel:

"Mas, nos dias destes reis (isto é, o grupo de nações européias), o Deus do céu levantará um reino que não será jamais destruído; e este reino não passará a outro povo: esmiuçará e consumirá todos estes reinos, e será estabelecido para sempre..."

"Esta é a revelação concernente à história do mundo, quando um poder mundial iria suplantar outro, até existirem numerosos reinos menores compartilhando o domínio da terra.

"E era nos dias desses reis que o poder não mais seria dado aos homens, mas o Deus dos céus estabeleceria outro reino — o reino de Deus na terra, o qual jamais seria destruído, nem entregue a outro povo.

"A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias foi restaurada em 1830, após numerosas revelações de fonte divina; e este é o reino indestrutível e insuplantável estabelecido pelo Deus dos céus, e a pedra cortada da montanha, sem mãos, que se tornaria um grande monte e encheria a terra inteira." ("A Pedra Cortada Sem Mãos", *A Liahona*, agosto de 1976, p. 6; grifo nosso.)

(28-14) Daniel 2:44-45. Como Esse Reino Estabelecido por Deus Consumirá os Outros Reinos?

A seção 65, de Doutrina e Convênios, fala do cumprimento do resto da profecia de Daniel. O Profeta Joseph Smith ora para que o reino eclesialístico de Deus, estabelecido na terra nesse dia, possa progredir, a fim de que venha o futuro reino dos céus.

"Durante o Milênio, o reino de Deus continuará na terra; mas então será um reino eclesialístico e também político. Isto é, a Igreja (que é o reino) assumirá o domínio e governo do mundo." (Bruce R. McConkie, *Mormon Doctrine*, 416.)

O reino milenial pode ser chamado também legitimamente de reino dos céus, como fez Joseph Smith em sua oração inspirada, registrada em Doutrina e Convênios 65. É pelo estabelecimento desse reino que o Senhor ensina os santos a orar, quando diz: "Venha o teu reino." (Mateus 6:10; veja também Joseph Fielding Smith, *Doutrinas de Salvação*, vol. I, p. 230.) É esse reino que Daniel viu surgir na imagem da pedra que destruiu a estátua e acabou enchendo a terra inteira.

Ensinava o Presidente Brigham Young: "O Deus Onipotente estabeleceu um reino que empunhará o cetro do poder e autoridade sobre todos os reinos do mundo e jamais será destruído; é o reino que Daniel viu e do qual falou. Pode parecer traição dizer que o reino predito pelo profeta está de fato estabelecido; isto não podemos evitar, pois sabemos que assim é, e conclamamos as nações a crerem em nosso testemunho. O reino continuará a crescer, prosperar e expandir-se mais e mais. Toda vez que

seus inimigos procurarem destruí-lo, ele se tornará mais extenso e poderoso; em lugar de decrescer, ele continuará a aumentar, e mais se expandirá e se tornará mais maravilhoso e conspícuo para as nações, até encher a terra inteira." (*Journal of Discourses*, 1:202-3.)

(28-15) Daniel 2:49. Daniel Prosperou por Causa de Sua Retidão

O Presidente Spencer W. Kimball resumiu as boas qualidades de Daniel e as bênçãos que lhe trouxe sua obediência a Deus: "O evangelho era a vida de Daniel. A Palavra de Sabedoria era vital para ele. Na corte do rei pouco seria criticado, mas, mesmo pelo soberano, não beberia do vinho do rei nem se fartaria com carne e pratos substanciosos. Sua moderação e pureza de fé proporcionaram-lhe saúde, sabedoria, conhecimento, capacidade e discernimento, e sua fé ligou-o intimamente ao seu Pai Celeste, recebendo revelações sempre que as pedia. Sua interpretação dos sonhos do rei trouxe-lhe honras, aclamações, presentes e alta posição, coisas pelas quais muitos homens venderiam a própria alma." (Conference Report, Mexico and Central America Area Conference, 1972, p. 31.)

(28-16) Daniel 3:1-18. Três Hebreus Fiéis a Deus, Apesar das Ameaças e Pressões

Daniel não foi o único jovem exemplar. Seus três companheiros demonstraram a mesma inabalável lealdade e devoção a Deus. A respeito deles, diz o Presidente Spencer W. Kimball: "Seria interessante recordarmo-nos da integridade dos três hebreus Sadraque, Mesaque e Abednego que, como Daniel, desafiaram homens e imperadores para serem fiéis a si próprios e à sua religião. Foi-lhes exigido que se ajoelhassem e adorassem uma imagem colossal, revestida de ouro, que o imperador mandara erigir. Ao terem de decidir entre negar sua raça e arriscar sua posição para não encolerizar o rei, preferiram enfrentar o forno ardente a falhar e negar o seu Deus. O plano astuciosamente delineado funcionou conforme o esperado. Tal dedicação deve ter agitado a multidão que presenciava a cena de perto ou à distância. Quando existira uma imagem tão portentosa? Um espetáculo semelhante? O que poderia ser mais cintilante e de maior esplendor do que aquela estátua de formato humano, de trinta metros de altura, toda revestida de ouro? Deve ter havido inúmeras pessoas aglomeradas em torno da imagem, quando os arautos anunciaram o decreto de que todos deveriam ajoelhar-se e adorá-la, quando a música tocasse. Mas, nem a astúcia dos enganadores, conspiradores e velhacos ardilosos, nem o temor ao rei e ao que ele poderia infligir-lhes, demoveram os três corajosos jovens de seu verdadeiro caminho de retidão. Quando o som predeterminado de clarim, flauta, harpa e outros instrumentos ressoou pelos ares, e a multidão de homens e mulheres que havia por toda parte ajoelharam-se em seus lares e nas ruas em adoração à enorme estátua de ouro, os três homens recusaram-se a insultar seu verdadeiro Deus. Oraram a Deus e, ao defrontarem-se com o furioso e irado imperador, responderam sem temor, enfrentando a morte certa. (Daniel 3:17-18.)" (*Integrity*, Brigham Young University Speeches of the Year, Provo, 25 de fevereiro de 1964, p. 18.)